

SEGUINTE



FIQUE ONDE ESTÁ e então CORRA



Do autor de
O MENINO DO PIJAMA LISTRADO

JOHN BOYNE



JOHN BOYNE

FIQUE
ONDE ESTÁ
e então
CORRA

Tradução:
HENRIQUE DE BREIA E SZOLNOKY

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Para meus pais

Todas as noites, antes de dormir, Alfie Summerfield tentava recordar como era a vida antes de a guerra começar. E a cada dia era mais e mais difícil ter uma lembrança clara.

A batalha tinha começado em 28 de julho de 1914. Outros talvez não guardassem a data com tanta facilidade, mas Alfie nunca esqueceria, pois era seu aniversário. Ele completou cinco anos naquele dia e seus pais fizeram uma festa, mas apenas algumas pessoas apareceram: vovó Summerfield, que ficou sentada no canto com um lenço, chorando e repetindo “Estamos perdidos, estamos todos perdidos” até a mãe de Alfie falar que, se ela não se controlasse, teria que ir embora; o velho Bill Hemperton, o vizinho australiano que tinha cerca de cem anos e fazia um truque com a dentadura, deslizando-a para dentro e para fora da boca só com a língua; a melhor amiga de Alfie, Kalena Janáček, que morava três casas para baixo, no número 6, e o pai dela, dono da loja de doces na esquina e dos sapatos mais lustrosos de Londres. Alfie convidou a maioria de seus amigos da rua Damley, mas naquela manhã as mães bateram uma a uma à porta dos Summerfield e disseram que o filho não poderia ir.

— Não é um dia de festa, você não acha? — perguntou a sra. Smythe, do número 9. Ela era mãe de Henry Smythe, que sentava na frente de Alfie na escola e soltava pelo menos dez peidos nojentos por dia. — É melhor cancelar, querida.

— Não vou cancelar nada — disse a mãe de Alfie, Margie, jogando as mãos para o alto depois que a quinta mãe passou lá. — Acho que deveríamos fazer o máximo possível para nos divertir hoje, isso sim. E o que vou fazer com toda essa comida se ninguém aparecer?

Alfie a seguiu até a cozinha e olhou para a mesa, onde sanduíches de carne, ovos em conserva, língua temperada, gelatina de enguia e dobradinha estavam arrumados com cuidado em uma fileira, cobertos com panos de prato para continuar frescos.

— Eu posso comer — disse Alfie, que gostava de ajudar.

— Haha! — respondeu Margie. — Tenho certeza que pode. Você é um saco sem fundo, Alfie Summerfield. Não sei como cabe tanta coisa aí dentro. Não sei mesmo.

Naquele dia, quando o pai de Alfie, Georgie, voltou do trabalho na hora do almoço, tinha uma expressão preocupada no rosto. Ele não foi para o quintal se lavar, como costumava fazer, apesar do cheirinho de leite e de cavalo. Em vez disso, ficou na sala lendo o jornal, depois o dobrou ao meio e o escondeu sob uma das almofadas do sofá, então foi para a cozinha.

— Tudo bem, Margie? — ele perguntou, beijando de leve a bochecha da esposa.

— Tudo bem, Georgie.

— Tudo bem, Alfie? — ele disse, bagunçando os cabelos do menino.

— Tudo bem, pai.

— Feliz aniversário, filho. Quantos anos você tem agora? Vinte e sete?

— *Cinco* — respondeu Alfie, que não conseguia imaginar como seria ter vinte e sete e já se sentia bem crescido ao pensar que finalmente tinha cinco.

— Cinco. Certo — disse Georgie, coçando o queixo. — Mas parece que você já viveu muito mais tempo do que isso.

— Fora! Fora! Fora! — chiou Margie, sacudindo as mãos para mandar ambos de volta para a sala. A mãe de Alfie sempre dizia que nada a irritava mais do que os dois homens da sua vida no meio do caminho enquanto ela tentava cozinhar. Georgie e Alfie obedeceram e ficaram jogando sobe-desce na mesa perto da janela enquanto esperavam a festa começar.

— Pai — disse Alfie.

— Que foi, filho?

— Como estava o sr. Asquith hoje?

— Bem melhor.

— O veterinário deu uma olhada nele?

— Olhou, sim. O que quer que estivesse errado com ele parece ter passado.

O sr. Asquith era o cavalo de Georgie. Ou melhor, era o cavalo da leiteria, que puxava a carroça de Georgie todas as manhãs, quando ele distribuía o leite. Alfie lhe dera aquele nome no dia em que o cavalo foi entregue a Georgie, um ano antes. O menino ouvia o nome com tanta frequência no rádio que, para ele, só podia pertencer a alguém muito importante. Portanto decidiu que era perfeito para um cavalo.

— Você fez carinho nele por mim, pai?

— Fiz, sim, filho — respondeu Georgie.

Alfie sorriu. Ele amava muito o sr. Asquith. Muito mesmo.

— Pai — disse Alfie, um momento depois.

— Que foi, filho?

— Posso ir trabalhar com você amanhã?

Georgie negou com a cabeça.

— Sinto muito, Alfie. Você ainda é muito novo para andar na carroça. É mais perigoso do que imagina.

— Mas você disse que eu poderia quando fosse mais velho.

— Quando você for mais velho, vai poder.

— Mas agora eu já *sou* mais velho — disse Alfie. — Posso ajudar os vizinhos quando vierem encher as garrafas de leite nos tanques da carroça.

— Eu perderia meu emprego, Alfie.

— Então posso fazer companhia para o sr. Asquith enquanto você enche as garrafas.

— Desculpe, filho — disse Georgie. — Mas você ainda não tem idade para isso.

Alfie suspirou. Não havia nada neste mundo que ele quisesse mais do que andar na carroça com o pai e ajudá-lo a distribuir o leite todas as manhãs, dando torrões de açúcar para o sr. Asquith nos intervalos, mesmo que isso significasse levantar de madrugada. A ideia de sair para a rua e ver a cidade quando todas as outras pessoas ainda estavam na cama deixava Alfie todo arrepiado. E o que poderia ser melhor do que ser o braço direito do pai? Ele tinha perguntado pelo menos mil vezes se podia ir, mas a resposta era sempre a mesma: “Ainda não, Alfie, você é novo demais”.

— Você se lembra de quando tinha cinco anos? — perguntou Alfie.

— Lembro, filho. Foi o ano em que meu velho pai morreu. Um ano difícil.

— Como ele morreu?

— Lá nas minas.

Alfie pensou no assunto. Ele só conhecia uma pessoa que tinha morrido. A mãe de Kalena, a sra. Janáček, que teve tuberculose. Alfie sabia soletrar aquela palavra. *T-u-b-e-r-c-u-l-o-s-e*.

— E o que aconteceu depois? — ele perguntou.

— Quando?

— Quando seu pai morreu.

Georgie pensou por um momento e deu de ombros.

— Bom, nos mudamos para Londres — ele respondeu. — Sua vó Summerfield

disse que não tinha sobrado mais nada para nós em Newcastle e que, se viéssemos para cá, poderíamos recomeçar. Ela disse também que eu seria o homem da casa. — Ele conseguiu um cinco e um seis nos dados, parou na casa azul 37 e escorregou para a casa 19. — Eu não dou sorte, mesmo.

— Você vai ficar acordado até mais tarde hoje, não vai? — perguntou Alfie, e seu pai concordou.

— Por você, eu vou. Como é seu aniversário, vou ficar acordado até as nove. Que tal?

Alfie sorriu. Georgie nunca se deitava depois das sete, porque precisava acordar muito cedo.

— Não presto para nada sem meu sono de beleza — ele dizia sempre, o que fazia Margie rir, e então ele se virava para Alfie e continuava: — Sua mãe só aceitou se casar comigo por causa da minha aparência estonteante. Se eu não tiver uma boa noite de sono, vou ficar com olheiras inchadas e o rosto branco como um fantasma, e ela vai fugir com o carteiro.

— Eu fugi com o leiteiro, e veja só no que deu — era o que Margie sempre respondia, mas sem falar sério, pois em seguida eles se olhavam e sorriam, e às vezes ela bocejava e comentava que também queria dormir mais cedo, e pronto, lá iam os dois para a cama. Isso significava que Alfie também tinha que dormir e provava para ele que bocejos eram contagiosos.

Alfie tentou não dar muita importância à quantidade decepcionante de convidados que foram à sua festa de aniversário. Ele sabia que tinha alguma coisa acontecendo lá fora, no mundo real; alguma coisa sobre a qual os adultos conversavam, mas que parecia uma chatice e não despertava seu interesse. Conversavam sobre isso havia meses; os adultos não paravam de dizer que alguma coisa grande ia acontecer, que afetaria a todos. Às vezes, Georgie dizia a Margie que ia começar a qualquer momento e que eles precisavam estar prontos. Às vezes, quando ela ficava nervosa, ele dizia que Margie não precisava se preocupar com nada, que no fim tudo ficaria bem e que a Europa era civilizada demais para começar uma briga que ninguém tinha a menor chance de ganhar.

Quando a festa começou, todos tentaram se alegrar e fingir que era um dia como outro qualquer. Jogaram batata-quente, com todo mundo sentado em roda e passando uma batata quente de verdade à pessoa ao lado. O primeiro que derrubasse estava fora. (Kalena ganhou.) O velho Bill Hemperton organizou uma partida de lança-

moeda na sala e Alfie acabou ficando três moedas mais rico. Vovó Summerfield deu um pregador de roupas para cada um e pôs uma garrafa de leite vazia no chão. Vencia quem conseguisse soltar o pregador de mais alto e acertá-lo dentro da garrafa. (Nesse jogo, Margie era muitíssimo melhor do que todos os outros convidados.) Mas logo os adultos pararam de brincar com as crianças e se juntaram no canto com uma expressão sombria no rosto. Alfie e Kalena ouviam a conversa e tentavam entender sobre o que eles falavam.

— É melhor você se alistar agora, antes que te convoquem — disse o velho Bill Hemperton. — Vai ser mais fácil para você no fim das contas, ouça o que estou dizendo.

— Fique quieto — retrucou vovó Summerfield, que morava na casa em frente à do velho Bill, no número 11. Eles nunca se entendiam, porque o velho Bill ligava o gramofone todas as manhãs, com as janelas abertas. Vovó Summerfield era uma senhora baixinha e gorducha que usava sempre uma rede nos cabelos e mantinha as mangas arregaçadas, como se estivesse prestes a ir trabalhar. — Georgie não vai se alistar coisa nenhuma.

— Talvez eu não tenha escolha, mãe — disse Georgie, sacudindo a cabeça.

— Xiu! Não na frente do Alfie — pediu Margie, segurando o marido pelo braço.

— Só estou dizendo que essa coisa toda pode se arrastar por anos e anos. Talvez eu tenha mais chances se for voluntário.

— Não, tudo vai ter acabado antes do Natal — respondeu o sr. Janáček, cujos sapatos de couro preto estavam tão lustrosos que quase todos elogiaram. — É o que todo mundo está dizendo.

— Xiu! Não na frente do Alfie — repetiu Margie, agora levantando um pouco a voz.

— Estamos perdidos, estamos todos perdidos! — choramingou vovó Summerfield, pegando o enorme lenço do bolso e assoando o nariz com tanto barulho que Alfie caiu na risada. Mas Margie não achou tão engraçado; ela começou a chorar e correu para fora da sala, e Georgie foi atrás dela.

Mais de quatro anos tinham se passado desde então, mas Alfie ainda pensava naquele dia o tempo todo. Agora ele tinha nove anos, e não tivera nenhuma festa de aniversário desde aquela. Quando ia dormir à noite, esforçava-se tanto quanto podia para juntar o máximo de recordações sobre sua família antes das mudanças, pois, se

lembrasse como costumavam ser, então haveria sempre a chance de, um dia, tudo voltar ao normal.

Georgie e Margie eram muito velhos quando se casaram — disso Alfie sabia. Seu pai tinha quase vinte e um e sua mãe era apenas um ano mais nova. Alfie achava difícil imaginar como seria ter vinte e um. Pensava que seria difícil escutar as coisas e que a vista ficaria um pouco enevoada. Ele achava que nessa idade a pessoa não conseguia se levantar da poltrona quebrada na frente da lareira sem gemer e dizer coisas como: “Bom, vocês vão me dar licença, porque já está na minha hora”. Ele imaginava que as coisas mais importantes do mundo seriam uma xícara de chá quentinho, um par de pantufas confortáveis e um casaco macio. Às vezes, quando pensava no assunto, sabia que algum dia ele também teria vinte e um anos, mas esse futuro parecia tão distante que era até difícil imaginar. Alfie pegou um papel e uma caneta, escreveu os números e percebeu que só em 1930 teria essa idade. Em 1930! Ainda faltavam séculos. Bom, talvez não séculos, mas era assim que Alfie se sentia.

Seu aniversário de cinco anos era uma memória ao mesmo tempo feliz e triste. Feliz porque ele tinha ganhado bons presentes: uma caixa de giz de cera com dezoito cores e um caderno para desenhar de seus pais; um exemplar de segunda mão de *Robinson Crusoe* do sr. Janáček, que disse que provavelmente seria difícil para ele ler agora, mas que conseguiria algum dia; um saquinho de balas de limão de Kalena. E ele não se importou que alguns presentes fossem chatos: um par de meias da vovó Summerfield e um mapa da Austrália do velho Bill Hemperton, que disse que algum dia Alfie talvez quisesse visitar o país lá no sul e que, se esse dia chegasse, aquele mapa seria muito útil, com certeza.

— Está vendo aqui? — disse o velho Bill, apontando para um pontinho perto do topo do mapa, onde o verde das beiradas chegava no marrom do centro. — Foi daqui que eu vim. Mareeba, a cidadezinha mais esplêndida de toda a Austrália. Tem formigueiros do tamanho de casas. Se você algum dia for para lá, Alfie, diga a eles que é amigo do velho Bill Hemperton, e eles vão cuidar de você como se fosse um deles. Sou um herói por lá, por causa dos meus contatos.

— Que contatos? — ele perguntou, mas o velho Bill apenas deu uma piscadela e balançou a cabeça.

Alfie não soube o que pensar daquilo. Mesmo assim, nos dias que se seguiram, pendurou o mapa na parede do quarto, usou as meias que vovó Summerfield tinha dado, gastou a maioria dos gizes coloridos e das folhas do caderno, tentou ler

Robinson Crusoe, mas teve dificuldade (ele guardou na estante para tentar de novo quando fosse mais velho) e dividiu com Kalena as balas de limão.

Essas eram as memórias boas.

As memórias tristes existiam porque foi naquele momento que tudo mudou. Quando o sol nasceu, todos os homens da rua Damley se juntaram na calçada, com as mangas arregaçadas, puxando seus suspensórios enquanto falavam sobre “dever” e “responsabilidade”, dando pequenas tragadas no cigarro antes de beliscar a ponta e guardar a bituca no bolso do casaco para continuar depois. Georgie discutiu com seu amigo mais antigo e próximo, Joe Patience, que morava no número 16, sobre o que era certo ou errado em tudo aquilo. Joe e o pai de Alfie eram amigos desde que Georgie e vovó Summerfield tinham se mudado para a rua Damley — vovó Summerfield dizia que Joe tinha praticamente crescido na cozinha dela — e nunca tinham batido boca até então. Foi naquele dia que Charlie Slipton, o menino do número 21 que entregava jornal e certa vez jogou uma pedra na cabeça de Alfie sem nenhum motivo, subiu e desceu a rua seis vezes, com edições cada vez mais recentes do impresso, e conseguiu vender todas sem nem se esforçar. E aquele dia terminou com a mãe de Alfie na poltrona quebrada em frente à lareira, chorando como se o fim do mundo estivesse próximo.

— Deixe disso, Margie — disse Georgie, atrás dela, massageando seu pescoço. — Não tem nenhum motivo para chorar. Lembre-se do que todo mundo disse: tudo terá acabado antes do Natal. Vou voltar a tempo de ajudar a rechear o ganso.

— Você acredita nisso? — Margie respondeu, levantando o rosto para vê-lo, os olhos vermelhos por causa das lágrimas. — Você acredita no que eles dizem?

— O que mais podemos fazer, senão acreditar? — perguntou Georgie. — Temos que esperar pelo melhor.

— Prometa para mim, Georgie Summerfield — disse Margie. — Prometa que não vai se alistar.

Houve um longo silêncio antes que o pai de Alfie dissesse alguma coisa.

— Você ouviu o que o velho Bill disse, meu amor. Talvez seja melhor para mim a longo prazo se...

— E quanto a mim? E quanto a Alfie? Vai ser melhor para nós? Prometa, Georgie!

— Vai ficar tudo bem, meu amor. Vamos esperar para ver o que acontece, sim? Talvez esses políticos acordem amanhã e mudem de ideia sobre a coisa toda. Talvez estejamos nos preocupando por nada.

Alfie não podia entreouvir as conversas particulares dos pais — ele já tinha se metido em confusão por isso uma ou duas vezes no passado —, mas, naquela noite, quando fez cinco anos, ele ficou sentado na escada, onde sabia que não o veriam, e encarou os dedos dos pés enquanto escutava. Não pretendia ficar tanto tempo ali — ele tinha descido apenas para pegar um copo de água e um pouco da língua que tinha sobrado —, mas a conversa dos dois parecia tão séria que Alfie teve a sensação de que seria um erro voltar para cima sem ouvir. Ele deu um bocejo fundo e ressonante — afinal, tinha sido um dia longo, como os aniversários sempre são — e fechou os olhos por um momento, apoiando a cabeça no degrau atrás de si. Antes que percebesse, estava sonhando que alguém o levantava e carregava até um lugar quente e confortável. Quando deu por si, Alfie se descobriu na própria cama, com a luz do sol atravessando a cortina fininha com flores amarelas que Alfie dizia serem de quarto de menina, e não de menino.

Quando Alfie desceu a escada na manhã seguinte à sua festa de cinco anos, encontrou a mãe vestida para lavar roupa, e com os cabelos amarrados no topo da cabeça. Ela fervia água em todas as panelas no fogão e parecia tão infeliz quanto na noite anterior. Mas não era a infelicidade normal do dia de lavar roupa, que quase sempre ia das sete da manhã às sete da noite.

Margie levantou a cabeça quando o notou ali, mas por um instante pareceu não reconhecê-lo. Então, tudo o que fez foi abrir um sorriso desanimado.

— Alfie — ela disse. — Achei melhor deixar você dormir até mais tarde. Foi um dia agitado, ontem. Seja um bom menino e traga seus lençóis aqui para mim, está bem?

— Cadê o papai?

— Saiu.

— Para onde?

— Ah, não sei — ela respondeu, incapaz de encará-lo. — Você sabe que seu pai nunca me conta nada.

Alfie sabia que isso não era verdade, pois todas as tardes, quando seu pai voltava da leiteria, ele contava a Margie cada detalhezinho de seu dia, do começo ao fim. Eles ficavam sentados juntos, rindo enquanto ele contava que Bonzo Daly tinha deixado meia dúzia de latões de leite destampados no pátio e os pássaros chegaram e estragaram tudo. Ou que Petey Staples tinha sido rude com o chefe e fora avisado

de que, se continuasse a reclamar, poderia simplesmente procurar outro emprego, em que aturassem aquela conversa fiada. Ou que o sr. Asquith tinha feito o rei dos cocôs na frente da casa da sra. Fairfax, no número 4 — logo ela, descendente direta (conforme dizia) do último rei da dinastia Plantageneta, destinada a lugares melhores do que a rua Damley. Se tinha uma coisa que Alfie sabia sobre o pai era que ele contava *tudo* à esposa.

Uma hora depois, Alfie estava na sala desenhando no caderno novo enquanto Margie descansava um pouco do trabalho e vovó Summerfield, que tinha aparecido “para conversar” — mas que, na verdade, só queria dar seus lençóis para Margie lavar também —, segurava o jornal na frente do rosto e forçava a vista para ler, reclamando e reclamando porque faziam letrinhas tão pequenas.

— Não consigo ler, Margie — ela dizia. — Estão tentando deixar todo mundo cego? É isso que eles querem?

— Você acha que o papai vai me levar na carroça com ele amanhã? — Alfie perguntou.

— Você pediu a ele?

— Sim, mas ele disse que não posso até ficar mais velho.

— Então não — respondeu Margie.

— Mas amanhã vou ser mais velho do que era ontem — disse Alfie.

Antes que Margie pudesse responder, a porta se abriu e, para espanto de Alfie, um soldado entrou. Era alto e tinha um porte respeitável, com o mesmo tamanho e tipo físico de seu pai, mas parecia um tanto envergonhado ao olhar a sala. O menino não pôde deixar de se impressionar com o uniforme: uma jaqueta cáqui com cinco botões de latão na frente, faixas nos ombros, calças enfiadas em meias altas e grandes botas pretas. Mas, Alfie se perguntou, por que um soldado entraria assim, sem mais nem menos, na casa deles? Ele não tinha nem batido na porta! Então o soldado tirou o chapéu e pôs debaixo do braço, e Alfie percebeu que aquele não era um soldado qualquer.

Era Georgie Summerfield.

Seu pai.

Nesse momento Margie derrubou o tricô no chão, levou as mãos à boca e ficou assim por um tempo, até deixar a sala e correr escada acima. Georgie se virou para o filho e para a mãe e deu de ombros.

— Eu precisava fazer isso — ele disse, enfim. — Você entende, mãe, não

entende?

— Estamos perdidos — respondeu a vovó Summerfield. Ela deixou o jornal de lado, deu as costas para o filho e foi até a janela. Lá fora, outros homens entravam em casa usando uniformes iguais ao de Georgie. — Estamos todos perdidos.

E isso era tudo que Alfie se lembrava de quando fez cinco anos.

SE VOCÊ FOSSE O
ÚNICO ALEMÃO NA TRINCHEIRA

Já fazia quase dois anos que os Janáček tinham ido embora quando Alfie roubou a caixa de engraxar.

Eles tinham morado três casas para baixo dos Summerfield desde sempre (pelo que Alfie se lembrava), e Kalena, que era seis semanas mais velha do que ele, fora sua melhor amiga desde que os dois eram bebezinhos. Sempre que Alfie ia para a casa dela no fim do dia, encontrava o sr. Janáček sentado à mesa da cozinha, diante da caixa de engraxar aberta, polindo os sapatos para o dia seguinte.

— Acho que os homens precisam se apresentar ao mundo sempre com elegância e requinte — ele dizia a Alfie. — É o que nos diferencia dos animais.

Todos os moradores da rua Damley eram amigos — ou, pelo menos, foram amigos antes de a guerra começar. De cada lado da rua havia doze casas com varanda, uma grudada à outra por uma parede fina que deixava passar conversas abafadas dos vizinhos. Algumas tinham floreiras, outras não, e todos se esforçavam para manter o lugar em ordem. Alfie e Kalena moravam do lado dos números pares; vovó Summerfield morava do outro lado, o dos ímpares, o que Margie dizia ser muito apropriado, porque ela era mesmo uma mulher ímpar. Cada casa tinha três janelas que davam para a rua — uma na sala e duas outras no andar de cima —, e todas as portas eram pintadas da mesma cor: amarelo. Alfie se lembrava do dia em que Joe Patience, o objetor do número 16, pintou a porta de vermelho, e todas as mulheres saíram de casa para ver, sacudindo a cabeça e cochichando umas com as outras, ultrajadas. Joe era politizado, disso todo mundo sabia. O velho Bill dizia que ele era “seu próprio dono”, o que quer que isso significasse. Ele fazia greve com mais frequência do que trabalhava e sempre distribuía panfletos sobre os direitos dos operários. Defendia o voto feminino, mesmo quando nem todas as mulheres concordavam com isso. (Vovó Summerfield dizia que preferia a peste negra.) Além disso, era dono de um belo clarinete antigo e às vezes se sentava na frente da casa para tocar; quando fazia isso, Helena Morris, do número 18, ficava à porta o

observando, até que a mãe dela saía e a mandava deixar de ser tão sem-vergonha.

Alfie gostava de Joe Patience e achava muito engraçado que seu sobrenome, que significava “paciência”, parecesse oposto à sua personalidade, pois o vizinho estava sempre se revoltando contra alguma coisa. Depois que ele pintou a porta da frente de vermelho, três moradores — o sr. Welton do número 5, o sr. Jones do 19 e Georgie Summerfield, pai de Alfie — fizeram uma visita para ter uma palavrinha com ele. Georgie não queria ir, mas os outros dois insistiram, já que ele era o amigo mais antigo de Joe.

— Você não pode fazer isso, Joe — disse o sr. Jones, enquanto todas as mulheres saíam para a rua e fingiam limpar as janelas.

— Por que não?

— Bom, dê uma olhada à volta. Não é adequado.

— Vermelho é a cor dos trabalhadores! Somos todos trabalhadores aqui, não somos?

— Temos portas amarelas aqui na Damley — disse o sr. Welton.

— Quem disse que elas precisam ser amarelas?

— É o jeito como as coisas sempre foram, só isso. Você não vai querer estragar a tradição com bobagens desse tipo.

— Então como é que as coisas vão melhorar? — perguntou Joe, levantando a voz, apesar de os três homens estarem bem à sua frente. — Tenham dó, é só uma porta! Que diferença faz a cor que ela tem?

— Talvez Joe tenha razão — disse Georgie, tentando acalmar o temperamento de todos. — Não é tão importante, é? Desde que a tinta não descasque e deixe a rua com aspecto de malcuidada.

— Eu deveria ter imaginado que você ia ficar do lado dele — respondeu o sr. Jones, com desdém, apesar de ter sido dele a ideia de trazer Georgie. — Velhos amigos sempre unidos, né?

— Sim — disse Georgie, dando de ombros como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Velhos amigos sempre unidos. Qual é o problema?

No fim, não houve nada que o sr. Welton ou o sr. Jones pudessem fazer em relação à porta vermelha. Ela ficou daquele jeito até o verão seguinte, quando Joe decidiu mudar outra vez e a pintou de verde, em apoio aos irlandeses — que, dizia ele, estavam fazendo de tudo para se livrar das algemas dos imperialistas. O pai de Alfie riu e comentou que, se ele quisesse jogar dinheiro fora comprando tinta,

ninguém tinha nada a ver com isso. Vovó Summerfield disse que, se a mãe de Joe ainda estivesse viva, ela teria vergonha.

— Ah, não sei, não — comentou Margie. — Ele tem uma linha de pensamento independente, é só. Gosto muito disso nele.

— Ele não é um mau sujeito, o Joe — concordou Georgie.

— Ele é seu próprio dono — repetiu o velho Bill Hemperton.

— E é muito bonito, apesar de tudo — disse Margie. — Helena Morris tem uma queda por ele.

— A mãe dele teria vergonha — insistiu vovó Summerfield.

De qualquer jeito, tirando isso, os moradores da rua Damley tinham sempre um ótimo convívio. Eram vizinhos e amigos. E ninguém parecia ser mais parte daquela comunidade do que Kalena e seu pai.

O sr. Janáček era dono da loja de doces no fim da rua. Não era apenas uma loja de doces, claro — ele também vendia jornal, barbante, bloquinhos de papel, lápis, cartões de aniversário, maçãs, estilingues, bolas de futebol, rendas, graxa de sapato, sabão, chás, bolsas, chaves de fenda, calçadeiras e lâmpadas —, mas para Alfie a coisa mais importante ali eram os doces, e, por isso, ele chamava de loja de doces. Atrás do balcão ficavam fileiras de potes de vidro altos transbordando de balas de limão, maçã, pera, pingos de leite, minhoquinhas de alcaçuz e surpresas de caramelo. Sempre que Alfie tinha alguns centavos sobrando, ia direto ao sr. Janáček, que o deixava ficar ali pelo tempo que quisesse até se decidir.

— Às vezes, Alfie — ele dizia, inclinando-se sobre o balcão e tirando os óculos para limpá-los —, acho que você gosta mais de decidir como gastar o dinheiro do que de comer os docinhos.

O sr. Janáček tinha uma voz engraçada, pois não era inglês — era de Praga. Tinha se mudado para Londres dez anos antes e nunca perdera o sotaque. *Obrigado* soava como *ubrrrigado*. *Doces*, como *dozes*. Kalena não falava do mesmo jeito, pois tinha nascido na casa deles, no número 6, e nunca saíra de Londres.

— Você é a pessoa mais sortuda que eu conheço — Alfie disse a ela certo dia, quando os dois estavam sentados na calçada, mascando minhoquinhas de tutti frutti e vendo o carvoeiro entregar um saco de carvão para a sra. Scutworth, no número 15. O rosto e as mãos do carvoeiro estavam bem pretos de fuligem, mas ele devia ter acabado de arregaçar as mangas, pois seus antebraços estavam branquinhos,

branquinhos.

— Por que você acha isso? — perguntou Kalena, descascando uma banana com atenção.

— Porque seu pai é dono de uma loja de doces — ele respondeu, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Não existe *nenhum* emprego mais legal do que esse. Tirando, talvez, trabalhar na carroça de leite.

Kalena negou com a cabeça.

— Tem *um monte* de empregos melhores do que esse — ela disse. — Não vou ser dona de uma loja de doces quando crescer.

— Então o que você vai fazer? — perguntou Alfie, franzindo as sobrancelhas.

— Vou ser primeira-ministra.

Alfie não soube o que responder, mas achou que aquilo soava muito impressionante. À noite, quando contou a cena aos pais durante o jantar, eles caíram na risada.

— Kalena Janáček, primeira-ministra? — disse Georgie, sacudindo a cabeça. — Agora já ouvi de tudo. Querida, passe as cenouras.

— *Esposa* do primeiro-ministro talvez — comentou Margie, estendendo a mão para pegar a travessa.

— Bom, eu votaria nela — disse Alfie, defendendo a amiga. Ele não gostou que os dois tivessem achado tanta graça naquilo.

— Você seria o único — respondeu Georgie. — Nem Kalena poderia votar em si mesma, então não sei como ela acha que conseguiria o cargo mais importante de todos. Meio fibrosas estas cenouras, não?

— Por que ela não pode votar em si mesma? — perguntou Alfie.

— As mulheres não podem votar, Alfie — explicou Margie, cortando outra fatia de rosbife e colocando no prato dele, com mais uma batata. (Isso foi na época em que eles podiam comer coisas como rosbife e batatas no jantar. Antes de a guerra começar.)

— Por que não?

— É assim que as coisas sempre foram.

— Mas... por quê?

— Porque sim — disse Margie. — Agora coma, Alfie. Chega de perguntas. E não tem nada de errado com as cenouras, Georgie Summerfield, portanto pode comer tudo você também. Não passo minhas tardes inteiras cozinhando para depois jogar

fora um monte de sobras.

Alfie achou que aquelas respostas não explicavam nada, mas considerou o fato de Kalena ser ambiciosa uma coisa boa. Mais tarde naquela noite, deitado na cama, ele pensou em todas as coisas que poderia fazer quando crescesse. Poderia ser maquinista. Ou policial. Poderia ser professor ou bombeiro. Ou trabalhar na carroça de leite com o pai, ou ser motorista de ônibus, como o sr. Welton. Poderia ser um explorador como Ernest Shackleton, que estava em todos os jornais. Todos pareciam bons empregos — mas aí ele teve uma inspiração súbita e quase pulou da cama de tanto entusiasmo.

Na tarde seguinte, foi até a loja de doces do sr. Janáček e esperou até que o sr. Candlemas, do número 13, tivesse contado um punhado de moedas para pagar pelo tabaco. Então Alfie se sentou no banco alto perto do balcão e grudou os olhos nos potes de doces.

— Olá, Alfie.

— Olá, sr. Janáček.

— E, então, o que vai querer hoje? (*E entzão, o que fai querrer hochi?*)

Alfie balançou a cabeça.

— Nada, obrigado — ele disse. — Só recebo minha mesada na segunda. Vim perguntar uma coisa ao senhor.

O sr. Janáček fez que sim com a cabeça, foi para o lado do menino e deu de ombros.

— Pergunte o que quiser. (*Perrgunt o que quitzerr.*)

— Bom, o senhor não está ficando mais moço, está, sr. Janáček? — disse Alfie. Essa era uma frase que ele tinha entreouvido o velho Bill Hemperton dizer; sempre que lhe pediam para fazer qualquer coisa para ajudar a rua, ele respondia que não podia, que aquilo era coisa de gente jovem, e que ele não estava ficando mais moço.

O sr. Janáček riu.

— Quantos anos você acha que eu tenho, Alfie?

Alfie pensou no assunto. Ele sabia, por experiência própria — depois de uma conversa um tanto desagradável com a sra. Tamorin, do número 20 —, que devia sempre arriscar uma idade menor do que a que tinha em mente.

— Sessenta? — ele respondeu, torcendo para estar certo. (Na verdade, achava que o sr. Janáček tinha uns setenta e cinco.)

O sr. Janáček riu e negou com a cabeça.

— Quase. Tenho vinte e nove. Sou um pouco mais velho que o seu pai.

Alfie não acreditou nem por um segundo, mas deixou passar.

— Bom, um dia o senhor vai estar velho demais para cuidar da loja, não vai? — ele perguntou.

— Imagino que sim — respondeu o outro. — Mas isso ainda vai demorar bastante, espero.

— Eu estava conversando com Kalena — continuou Alfie — e ela disse que não vai trabalhar aqui quando for adulta porque está planejando ser primeira-ministra. Então, provavelmente o senhor vai precisar de outra pessoa para ajudar, não vai? Quando não puder andar como andava e quando não conseguir alcançar as coisas nas prateleiras mais altas.

O sr. Janáček considerou o assunto.

— Talvez — ele disse. — Mas por que pergunta, Alfie? Está se candidatando ao cargo?

Alfie ficou pensativo. Ele não tinha certeza se queria se comprometer por completo.

— Acho que o senhor poderia me considerar como uma opção — ele respondeu. — Sou um trabalhador dedicado, honesto e amo doces.

— Mas não vendemos apenas doces, não é? Você precisaria gostar de todo o resto também.

— Não consigo me imaginar muito entusiasmado com barbante e velas — disse Alfie. — Mas vou fazer o melhor que puder. Enquanto isso, posso substituir o senhor uma vez por semana, quando tirar folga.

O sr. Janáček levantou uma das sobrancelhas.

— Que dia eu tiro folga? — ele perguntou, surpreso. — Eu só trabalho, trabalho e trabalho. Não tenho nenhum descanso!

— Mas o senhor sempre fecha no fim da tarde das sextas-feiras e só abre de novo nas manhãs de domingo — disse Alfie.

— Ah, mas isso não é um dia de folga. É o sabá, o dia judaico de descanso. Existem rituais a serem feitos na noite de sexta: Kalena acende as velas e nós fazemos preces. Não trabalhamos, mas ficamos muito ocupados. Eu não poderia abrir a loja nesse dia. De qualquer forma, Alfie, sua oferta é muito generosa e pode ter certeza de que vou considerar você quando chegar a hora de me aposentar.

Alfie sorriu. Para ele, aquilo já era bom o suficiente. Olhou por cima do ombro do

sr. Janáček e viu uma bandeira pendurada na parede ao lado da caixa registradora. Era um tanto complicada, com uma faixa vermelha no topo, uma branca no centro com duas coroas lado a lado sobre dois emblemas e meia faixa vermelha e meia verde embaixo.

— O que é aquilo? — ele perguntou.

O sr. Janáček se virou para ver o que o menino estava olhando.

— Ora, é uma bandeira.

— Não é a bandeira da Inglaterra.

— Não, é da minha terra natal. Onde eu nasci e cresci. Praga é uma cidade linda — ele acrescentou, coçando o queixo, o olhar perdido nos pirulitos de limão. — Talvez a mais linda do mundo. A cidade de Mozart e Dvořák. A cidade onde *Fígaro* e *Don Giovanni* foram encenadas pela primeira vez. Se você não cruzou a ponte Carlos sobre o Moldava enquanto o sol se põe atrás do castelo, ainda não viveu, meu amigo. Você ainda vai visitar minha terra, tenho certeza.

Alfie franziu as sobrancelhas. Não tinha entendido quase nada do que o sr. Janáček dissera.

— Se Praga é tão maravilhosa — ele perguntou —, então por que o senhor se mudou para Londres?

O sr. Janáček abriu um imenso sorriso e ele pareceu mais feliz do que todas as outras vezes em que Alfie o tinha visto.

— Pela melhor razão do mundo — ele explicou. — Por amor.

Alfie desceu do banco, despediu-se e saiu. Ele não tinha nenhum interesse em ouvir aquilo. Amor era uma coisa sobre a qual os adultos conversavam e as meninas liam — apesar de Kalena nunca falar no assunto; ela disse que não podia se deixar distrair por amor, senão nunca se tornaria primeira-ministra —, mas que não interessava Alfie nem um pouco. Ele achava que a sra. Janáček era muito bonita, pelo menos para uma velha, mas não conseguia se imaginar apaixonado por ela.

A sra. Janáček tinha morrido em 1913, o ano antes do início da guerra. Ela ficou muito doente e magra, e logo não conseguia mais sair de casa. Margie a visitava todos os dias, e Alfie entreouviu quando ela disse a Georgie que a sra. Janáček estava “definindo, a pobrezinha”. Logo ela morreu, e o sr. Janáček e Kalena ficaram sozinhos. Alfie tentou conversar com a amiga sobre o que tinha acontecido, mas ela respondeu que não queria falar no assunto, não ainda; então, em vez disso, ele a levou para brincar ao ar livre todos os dias, mesmo quando ela não queria ir.

Alfie contou a ela suas piores piadas, e uma delas fez Kalena rir com gosto, três meses depois que a mãe tinha morrido. Depois disso, tudo pareceu ficar bem outra vez.

Alfie não via os Janáček desde a primavera de 1915. Àquela altura, os jornais falavam sobre a guerra o tempo todo e muitos dos homens que moravam na rua Damley, inclusive Georgie, o pai de Alfie, estavam treinando para ser soldados ou já em batalha, na Bélgica ou no norte da França. Alguns ainda eram jovens demais, mas diziam o tempo todo que se alistariam assim que fizessem dezoito anos. Outros mantinham a cabeça baixa e não tocavam no assunto, pois não queriam ir.

Até mesmo Leonard Hopkins, do número 2, que todos sabiam ser um engraxate na estação King's Cross e que quase nunca ia à escola, gastando todo o seu dinheiro em namoradas e produtos para o cabelo, tinha se alistado, e ele acabara de completar dezesseis.

— Eles não fazem nenhuma pergunta, foi o que ouvi dizer — vovó Summerfield contou a Margie certa noite, enquanto Alfie tomava chá. — Aqueles sargentos de recrutamento não dão a mínima, sabe? Levam qualquer carneirinho para o abate. Leonard ainda nem faz a barba. É uma desgraça, se quer saber minha opinião.

E tinha também Joe Patience, o objetor do 16 — que *ainda* não era um objetor, claro. Ele disse que a coisa toda era um absurdo: era só por causa de terras e dinheiro, para dar mais aos ricos e manter os pobres em seu lugar. Disse que não importava o que falassem ou fizessem, ele nunca encostaria em uma arma, nunca usaria um uniforme e nem queria ver a França mesmo — não dava a mínima se nunca visse.

Muitas pessoas ficaram bravas com Joe Patience, mas naquela época, 1915, não faziam nada além de gritar com ele quando começava a falar de política. Só depois começaram a fazer coisas piores.

Naquele fevereiro, no mesmo dia em que Alfie recebeu uma carta do pai contando tudo sobre os quartéis de treinamento em Aldershot, Margie o chamou para a cozinha, onde contava uns trocados que tinha tirado da bolsa. Ela ainda ficava em casa a maior parte do tempo, tricotando desde cedo até a noite, como a maioria das mulheres da rua Damley. Elas mandavam meias e blusas para os maridos que estavam em algum lugar que chamavam de “front”.

— Vá até o sr. Janáček para mim, por favor, Alfie — ela pediu. — Preciso de

duas maçãs, um saco de farinha e o jornal. Pegue a edição mais recente, está bem? Vai sobrar um pouco para uns docinhos.

O rosto de Alfie se iluminou quando ele pegou o dinheiro e correu pela rua. O sr. Janáček estava na frente da loja, um pouco trêmulo e com o rosto pálido, encarando a fachada. As janelas tinham sido quebradas, havia cacos de vidro espalhados por toda parte e alguém tinha pintado três palavras na porta da frente, em letras bem grandes: “Fora daqui, espiões!”.

— Quem é espião? — perguntou Alfie, franzindo as sobrancelhas. — O que aconteceu com as janelas? E o senhor tem bala de maçã?

O sr. Janáček, que era sempre tão amigável, baixou os olhos para ele, mas não sorriu. Seus sapatos estavam mais lustrosos do que nunca.

— Do que você precisa, Alfie? — ele perguntou, a voz tremendo de raiva e medo.

— Duas maçãs, um saco de farinha e o jornal de hoje. A edição mais recente.

— É melhor você ir à mercearia perto do parque — disse o sr. Janáček. — Acho que hoje não vou abrir. Como você pode ver, todas as minhas janelas foram quebradas (*Tudas as minias janelas forram quebrradas.*)

— Quem fez isso? — perguntou Alfie, sentindo o vidro esfarelar sob os sapatos.

— Eu já disse, vá à outra mercearia — respondeu o sr. Janáček, levantando um pouco a voz. — Agora não tenho tempo para isso.

Alfie suspirou e deu meia-volta. Ele detestava ir à loja da sra. Bessworth, pois ela tinha fama de sequestrar crianças, fazer tortas delas e comê-las no chá da tarde. (Um amigo de Alfie conhecia alguém cujo primo tinha uma vizinha com quem isso tinha acontecido, portanto era verdade, não havia a menor dúvida.)

Não foi a última vez que as janelas da loja foram quebradas, e todas as vezes que acontecia aquilo o sr. Janáček as trocava em um ou dois dias. Então, certa tarde, quando Kalena brincava de amarelinha na rua, pulando os quadrados desenhados com giz no pavimento, e Alfie estava sentado na beirada da calçada, um furgão do Exército surgiu e estacionou na frente do número 6. O sr. Janáček abriu a porta e alguns homens disseram que ele deveria acompanhá-los imediatamente, ou haveria problemas.

— Mas eu não fiz nada de errado! — ele protestou.

— Você é alemão — gritou a sra. Milchin, do número 7, cujos dois filhos mais velhos já tinham sido mortos em Ypres e cujo filho mais novo, Johnny, estava prestes a fazer dezoito. (Fazia semanas que ninguém via Johnny; boatos diziam que a

sra. Milchin o enviara para morar com a cunhada nas Ilhas Ocidentais.)

— Não sou, não! — protestou o sr. Janáček. — Sou de Praga. A senhora sabe disso! (*A senhora sabe disso!*) Nunca nem estive na Alemanha!

Kalena correu até o pai e ele a envolveu com os braços.

— Vocês não vão nos levar! — ele gritou.

— Preste atenção — respondeu o homem do Exército. — Será mais fácil se vier sem resistência.

— Isso mesmo, levem ele embora. É um espião! — bradou a sra. Milchin, e agora Margie também estava na rua, horrorizada com o que acontecia.

— Deixem ele em paz! — ela gritou, correndo pela calçada e se colocando entre os Janáček e os soldados. — Ele acabou de dizer que não é alemão e, de qualquer forma, faz anos que mora aqui. Kalena nasceu nesta rua. Eles não são ameaça para ninguém.

— Saia da frente, senhora — disse o homem do Exército, sinalizando para que um de seus colegas abrisse as portas traseiras do furgão.

— Você é uma traidora, Margie Summerfield! — rugiu a sra. Milchin. — Se unindo ao inimigo! Deveria ter vergonha!

— Mas ele não fez nada! Meu marido é soldado — ela acrescentou, como se isso fosse ajudar.

— Saia da frente, senhora — repetiu o homem do Exército —, ou também será levada sob custódia.

Muito bate-boca se seguiu e foram necessários quase vinte minutos para os Janáček serem colocados no furgão. Eles não tiveram permissão para entrar em casa nem para levar nada consigo. O sr. Janáček suplicou para levar uma foto da esposa, mas disseram que eles podiam levar as roupas do corpo e nada mais. Kalena correu até a mãe de Alfie e a abraçou; um dos soldados precisou arrastar a menininha, que gritava e chorava. A última visão que Alfie teve deles foi o sr. Janáček chorando na traseira do furgão enquanto Kalena olhava para o amigo pela janela, acenando em silêncio. Ela tinha uma expressão corajosa e Alfie soube, naquele momento, que se tornaria *mesmo* primeira-ministra e que, quando o fizesse, lutaria para que coisas como aquela jamais acontecessem de novo.

Mais tarde, naquela noite, Margie explicou o que tinha acontecido.

— “Pessoas de interesse especial”, é assim que eles chamam — ela contou a Alfie. — Qualquer alemão. Qualquer russo. Qualquer pessoa do Império Austro-

Húngaro, se entendi bem. E foi de lá que os Janáček vieram. Talvez seja melhor assim.

— Mas não é justo — disse Alfie.

— Não, mas eles vão ficar em segurança enquanto houver guerra. Alguns meses na Ilha de Man. Não é tão ruim assim, se você pensar bem. Afinal, pense em todos os danos que a loja deles já sofreu. Era só uma questão de tempo até que aqueles vândalos comessem a atacar o próprio sr. Janáček.

A casa do número 6 ficou vazia desde então. Ninguém nunca mais morou ou entrou lá. Até que, certo dia, quando Margie estava na sala contando os centavos da bolsa e decidindo se naquela semana deveria pagar o aluguel, o carvão ou a comida — era impossível pagar os três; talvez não conseguisse nem dois —, Alfie teve uma ideia.

Ele saiu correndo pela porta da cozinha e seguiu pelo beco atrás das casas até o número 6, pulou o muro para entrar no quintal dos Janáček e quebrou a janela da cozinha com uma pedra que encontrou perto da porta. Enfiando a mão para dentro, alcançou o trinco e puxou. Entrou e olhou à volta, procurando a única coisa que ele achava que poderia salvar sua família de morar na rua ou passar fome.

Ele a encontrou no canto da sala, ao lado de uma cadeira de balanço.

A caixa de engraxar do sr. Janáček.

Quando Alfie saiu, essa foi a única coisa que levou.

Disseram que teria acabado antes do Natal, mas quatro Natais já tinham passado, o quinto estava a caminho e a guerra não dava nenhum sinal de estar perto do fim.

Agora Alfie tinha nove anos. Seis manhãs por semana, antes de sair para o trabalho, sua mãe o sacudia para acordá-lo. Ele ainda tomava um susto quando abria os olhos e a via ali, na meia-luz, com o uniforme das enfermeiras do serviço público — um vestido branco apertado no pescoço e na cintura e a touca plissada no topo da cabeça, seus cachinhos loiros escapando pelas beiradas.

— Alfie — ela disse, o rosto pálido e abatido graças a outra noite de pouco sono. — Alfie, acorde. São seis horas.

Ele gemeu e virou para o outro lado, puxando o cobertor áspero e fininho sobre a cabeça (mesmo que assim seus pés ficassem para fora), e tentou voltar a dormir. O menino tinha pedido um cobertor novo para Margie, maior e mais grosso, mas ela dissera que eles não tinham como pagar, que agora era uma época complicada demais para gastos desnecessários.

Alfie estava tendo um sonho em que zarpava na direção do norte da África, mas seu navio era destruído em uma tempestade. Ele conseguia nadar até uma ilha deserta, onde se alimentava de coco e peixe e vivia um monte de aventuras. Sempre tinha esse sonho quando lia *Robinson Crusoé*, e agora estava, pela quarta vez, na metade do livro. Na noite anterior, tinha parado de ler assim que Crusoé e Sexta-Feira viram os canibais chegando de canoa com três prisioneiros prontos para o caldeirão. Uma luta épica estava prestes a acontecer; era uma de suas partes favoritas.

— Alfie, não tenho tempo para isso — disse Margie. — Acorde. Não posso ir enquanto você não levantar.

Sua voz era impiedosa; Alfie tinha percebido que, nos últimos quatro anos, sua mãe se tornara severa. Ela não brincava mais com ele — estava sempre cansada demais. Não lia para ele antes de dormir; não podia, porque precisava voltar ao hospital às oito para o turno da noite. Falava de dinheiro o tempo todo — ou melhor,

da falta dele. Gritava com Alfie sem nenhum motivo e em seguida parecia prestes a cair no choro por ter perdido a paciência.

— Alfie, por favor — ela disse, tirando as cobertas para que ele sentisse frio. — Você precisa se levantar. Pode fazer isso por mim? Só isso?

Ele sabia que não tinha escolha, então se virou, abriu os olhos, bocejou, espreguiçou-se com vontade e saiu devagarinho da cama. Só quando os dois pés do filho estavam plantados no chão, Margie endireitou a postura e fez que sim com a cabeça, satisfeita.

— Até que enfim! — ela disse. — Sinceramente, Alfie, não sei por que precisamos passar por essa lenga-lenga todo dia. Você já tem nove anos! Um pouco de colaboração é tudo o que eu peço. Agora coma alguma coisa, lave-se e vá para a escola. Volto lá pelas duas e faço alguma coisa para comer. O que você quer?

— Linguixa, feijão e batata frita — respondeu Alfie.

— Quem me dera — disse Margie, e fez um som de risada que não chegava nem perto de uma risada de verdade. (Ela não ria mais com tanta frequência. Não do jeito como costumava rir quando dizia que ia dar no pé com o carteiro.) — Tripas e cebola, é isso que vamos ter. É o que podemos comprar.

Alfie não entendeu por que ela tinha perguntado o que ele gostaria de comer se a resposta não parecia fazer muita diferença. Ainda assim, ficou contente que estaria em casa quando ele voltasse da escola. No geral, ela chegava do trabalho muito mais tarde do que isso.

— Vamos comer juntos — ela disse, agora um pouco mais gentil. — Mas estou no turno da noite outra vez, então você vai ter que se virar sozinho mais tarde, ou pode dar um pulo na vovó Summerfield, se quiser. Não vai arranjar nenhuma confusão, vai?

Alfie fez que não com a cabeça. Ele já tinha tentado convencê-la a não pegar os turnos da noite, mas nunca deu sorte; ela recebia vinte e cinco centavos extras quando trabalhava depois das oito, e esses centavos, explicou, poderiam ser decisivos para manter um teto sobre suas cabeças. Ele já tinha aprendido que não adiantava insistir. Margie olhou para o filho por um instante, estendeu a mão e acariciou seu cabelo, e então a expressão dela mudou um pouco. Agora não parecia brava. Era como se estivesse se lembrando de como as coisas costumavam ser. Sentou-se na cama ao lado dele e colocou o braço em seus ombros. Alfie se aconchegou nela, fechando os olhos, sentindo o sono voltar.

Depois de um tempo, ele levantou o rosto e acompanhou a direção do olhar da mãe até que se viu observando a fotografia do pai no porta-retratos sobre o criado-mudo. Na foto, ele não usava uniforme de soldado; estava de pé no pátio da leiteria, com um pequenino Alfie nos ombros e um imenso sorriso no rosto. O sr. Asquith estava perto dos dois, olhando para a câmera como se aquela fosse uma indignidade dispensável. (Alfie dizia sempre que o sr. Asquith era um cavalo muito orgulhoso.) Ele não conseguia se lembrar de quando a foto tinha sido tirada, mas estava na mesa perto da cama desde o dia em que Georgie foi embora para o quartel de Aldershot, quatro anos antes. Vovó Summerfield a colocara ali naquela mesma noite.

— Ah, Alfie — disse Margie. Ela o beijou na testa, levantou-se e seguiu para a porta. — Faço tudo por você. Sabe disso, não sabe?

Depois que sua mãe saiu para o trabalho, Alfie desceu as escadas, correu até o quintal, pegou a pазinha que ficava atrás da porta e a encheu com cinzas do fogão. Então, correu o mais rápido que podia para a casinha no fim do quintal, tentando não sentir o ar gelado e não derrubar nada da preciosa cinza. Ele detestava ir até lá tão cedo, ainda mais agora, no final de outubro, quando estava tão escuro e o ar era tão gelado, mas não tinha como evitar.

Lá dentro estava congelante. Sete aranhas e uma coisa que parecia um besouro gordo passaram por seus pés enquanto ele estava sentado; Alfie podia ouvir a agitação dos ratos atrás das tábuas de madeira e grunhiu ao perceber que tinha esquecido os quadrados de jornal que cortava com muito cuidado todas as noites antes de dormir. Ainda bem que Margie tinha levado o jornal para fora mais cedo, feito um buraco na pilha e pendurado tudo em um gancho amarrado a um pedaço de barbante; ele não precisaria voltar para buscar.

Quando terminou suas necessidades, jogou as cinzas na latrina e torceu para que a fossa atrás da casinha — o pior lugar que ele já tinha visto na vida — não entupisse outra vez. Tinha acontecido alguns meses antes, e Margie precisou pagar dois xelins para alguns homens limparem tudo. Mais tarde, sem saber se teria dinheiro para o aluguel, ela se sentou na poltrona quebrada na frente da lareira e chorou, chorou e chorou, sussurrando mil vezes o nome de Georgie entre os engasgos, como se ele pudesse voltar e salvá-los de um possível despejo.

Alfie correu para dentro de casa, lavou as mãos e se sentou à mesa da cozinha. Margie tinha cortado duas fatias de pão e deixado num prato ao lado de um tantinho

de manteiga e, para o espanto de Alfie, de um pequeno pote de geleia fechado por um tecido amarrado com linha. Ele encarou o pote e piscou várias vezes. Fazia meses que não sentia o gosto de geleia. Pegou e leu o rótulo. Era escrito à mão com uma caneta preta e grossa e tinha uma única palavra.

Groselha.

Às vezes, os pais dos soldados hospitalizados levavam um presentinho para as enfermeiras; era quase sempre um agrado como esse, algo que eles mesmos tinham feito com as frutas que cultivavam em seu jardim ou que vinha em sua ração. Provavelmente era assim que Margie tinha conseguido a geleia. Alfie se perguntou se ela tinha comido também ou se guardara tudo especialmente para o filho. Ele se levantou e foi até a pia, onde as coisas que a mãe tinha usado no café da manhã ainda esperavam para ser lavadas, um restinho de chá marrom no fundo da xícara. Tempos atrás, antes da guerra, Margie nunca teria deixado a louça daquele jeito; ela teria enxaguado tudo e virado de cabeça para baixo no escorredor para que Georgie secasse mais tarde. Alfie pegou o prato e o examinou. Havia um pouco de farelo na beirada e um resquício de condensação onde o calor da torrada se chocou com o frio da louça. Ele examinou a faca. Estava quase limpa. Não tinha cheiro de manteiga e nenhum traço de geleia. Se Margie a tivesse comido, teria sobrado um tiquinho na faca.

Ela tinha deixado tudo para ele.

Alfie encheu a chaleira, colocou sobre o fogão, jogou um pouco de lenha nas brasas ainda avermelhadas e esperou pelo apito de fervura. Ele sempre se sentia um adulto quando esperava pela infusão das folhas, fazendo seu próprio chá. Não gostava tanto do sabor, mas se achava muito importante sentado à mesa de manhã, com uma caneca fumegante e uma fatia de torrada, o jornal apoiado na jarra de leite. Georgie sempre fazia isso. Antes de ir embora.

Charlie Slipton, do número 21, não era mais entregador de jornais. Ele partira para a guerra em 1917 e morrera alguns meses depois. Alfie tinha anotado no caderno o nome do lugar onde ele tinha morrido, mas ainda não sabia como pronunciar direito. *Passchendaele*. Agora, os jornais eram entregues pelo irmão mais novo de Charlie, Jack, que tinha acabado de fazer dez anos e nunca falava com ninguém. Alfie tinha tentado ser seu amigo, mas desistiu quando ficou claro que ele preferia ser deixado em paz.

Ver o jornal agora o fez pensar naquele dia horrível, um ano antes, quando eles

ficaram sabendo da morte de Charlie. Era uma manhã de domingo, ele e Margie estavam em casa quando alguém bateu à porta. A mãe, que estava fazendo pão, levantou a cabeça, surpresa, e passou as costas da mão na testa, deixando um rastro branco de farinha. Eles não recebiam muitas visitas. Vovó Summerfield tinha a própria chave e na maioria das vezes entrava direto, sem nem ao menos um “com licença”. O velho Bill, vizinho deles, fazia sempre uma espécie de *toc-totoc-toc* na madeira, para que eles soubessem que era ele. E o sr. Janáček e Kalena tinham sido levados para a Ilha de Man. Alfie não gostava de pensar no que acontecera com eles por lá.

— Quem será? — perguntou Margie, lavando as mãos na pia antes de ir para o corredor e parar diante da porta por um momento, como se pudesse enxergar através dela. Alfie a seguiu e, depois de um instante, ela puxou o trinco e abriu.

Havia dois homens do lado de fora, ambos com uniforme militar. Um deles era bem velho, com bigode cinza, óculos e olhos azul-escuros. Ele usava um elegante par de luvas de couro, que estava tirando quando a porta foi aberta. O outro homem era muito mais novo e tinha se cortado ao fazer a barba naquela manhã; Alfie podia ver uma gotinha de sangue coagulado em sua bochecha. Ele tinha cabelo bem vermelho, que espetava para todos os lados e parecia oferecer uma boa briga a qualquer pente que tentasse domá-lo. Alfie o observou, impressionado. Nunca tinha visto um cabelo tão vermelho quanto aquele, nem mesmo no sr. Carstairs, seu professor na Escola Damley, que todo mundo chamava de “Ferrugem”, apesar de seu cabelo ter uma cor mais próxima do laranja-escuro.

— Não — disse Margie, segurando-se na porta enquanto encarava os dois homens. Ela agarrou a soleira com tanta força que Alfie viu as juntas de seus dedos ficarem brancas. — *Não* — ela repetiu, mais alto dessa vez, e Alfie franziu as sobrancelhas, sem saber o que ela queria dizer.

— Sra. Slipton? — perguntou o homem mais velho, o que tinha bigode, enquanto o ruivo ajeitou a postura e olhou por cima do ombro de Margie, encontrando o olhar de Alfie. Quando ele viu o menino, sua expressão se entristeceu; ele mordeu o lábio e desviou o rosto.

— O que disse? — perguntou Margie, com a voz repleta de surpresa por ser chamada pelo nome errado. Alfie deu um passo à frente e ficou ao lado da mãe. Ele reparou que todas as portas do outro lado da rua estavam abertas e todas as mulheres saíam e colocavam as mãos no rosto. A cortina no número 11 mexeu um

pouquinho e ele pôde ver vovó Summerfield olhando para fora, as mãos apertadas contra o rosto. O sr. Asquith passou trotando pela rua com o jovem Henry Lyons no assento da carroça. Henry não conseguiria encher uma jarra de leite nem se sua vida dependesse disso, era o que todo mundo dizia. Ele começava a encher e metade do latão de leite ia parar na calçada. Mas a leiteria precisava de um entregador; Henry era surdo e, portanto, não podia ir para a guerra. Alfie tinha certeza de que o sr. Asquith virara a cabeça na sua direção ao passar, olhando por cima do ombro do menino em busca de seu verdadeiro mestre.

— Sra. Slipton, sou o sargento Malley — disse o homem. — Este é o tenente Hobton. Podemos entrar por um segundo?

— Não — respondeu Margie.

— Sra. Slipton, por favor — ele respondeu em um tom resignado, como se estivesse acostumado àquele tipo de reação. — Se pudermos apenas entrar por um instante e sentar para conversar, então...

— Vocês erraram a casa — disse Margie, as palavras engasgadas na garganta. Ela quase desmaiou antes de se apoiar no ombro de Alfie para recuperar o equilíbrio. — Ah, meu Deus, vocês erraram a casa. Como podem fazer isso? Aqui é o número 12. Vocês estão procurando o 21. Inverteram os números!

O homem mais velho a encarou por um instante; então sua expressão mudou para angústia completa, enquanto o ruivo pegava um pedaço de papel no bolso do casaco e passava os olhos rapidamente pelo que estava escrito.

— Sargento — ele disse, estendendo o papel e apontando.

A boca do sargento se curvou para baixo, em fúria, e ele fitou o mais novo como se quisesse socá-lo.

— Qual é o seu problema, Hobton? — sibilou. — Não sabe ler? Não pode conferir antes de batermos na casa de uma pessoa? — Ele se virou de novo para Margie e Alfie, balançando a cabeça. — Eu sinto muito — ele disse. — Sinto muito, muitíssimo mesmo.

E, com isso, os dois homens deram meia-volta e seguiram pela rua, olhando para a esquerda e para a direita, seus olhos buscando os números nas portas e então encontrando a loja de doces do sr. Janáček, que ainda tinha as três palavras pintadas em branco e cujas janelas, quebradas alguns anos antes, ainda estavam tampadas com tábuas de madeira.

Fora daqui, espiões!

Margie voltou para o corredor, ofegante, mas Alfie continuou na porta. Ele ficou de olho enquanto os dois soldados seguiam devagar pela rua. Agora todas as portas estavam abertas. E em cada uma havia uma esposa ou uma mãe. Algumas choravam. Outras rezavam. Algumas sacudiam a cabeça, desejando que aqueles homens não parassem diante delas. E toda vez que o sargento Malley e o tenente Hobton passavam por uma das casas, a mulher à porta se benzia e corria para dentro, batendo a porta atrás de si e trancando, para o caso de os dois homens mudarem de ideia e voltarem.

Por fim, eles pararam no número 21, onde estava a mãe de Charlie, a sra. Slipton. Alfie não conseguiu ouvir o que ela disse, mas viu que chorava, tentando empurrar os soldados para longe. A sra. Slipton levantou as duas mãos e deu um tapa no rosto do ruivo, mas, por algum motivo, ele não pareceu se importar. O homem mais velho deu um passo à frente e sussurrou alguma coisa para ela, e então todos foram para dentro e ficaram lá, e Alfie se viu sozinho na rua outra vez. Todas as outras pessoas tinham entrado, agradecendo que os dois soldados não tivessem parado em sua porta.

Mais tarde naquele dia, Alfie ficou sabendo que Charlie Slipton tinha sido morto e se lembrou da tarde em que Charlie jogara uma pedra na sua cabeça sem nenhum motivo. Ele não sabia como deveria se sentir. Esse era o problema da guerra, percebeu. Deixava tudo tão confuso!

Alfie não lia muita coisa do *Daily Mirror*, mas gostava de ver as manchetes, e pegou o jornal para saber o que estava acontecendo no mundo. Mais notícias sobre o Marne; tinha sempre alguma coisa acontecendo por lá. Detalhes sobre baixas e óbitos em um lugar chamado Amiens. Havia uma matéria sobre um discurso do primeiro-ministro, o sr. Lloyd George, sobre quem Alfie estava cansado de ler, porque ele fazia discursos todo dia.

E então, por fim, Alfie fez o que sempre fazia de manhã. Foi para a página 4 ler os números. O número de mortos do nosso lado. O número de mortos do lado deles. O número de feridos. O número de desaparecidos em combate. Mas havia apenas um número com o qual Alfie se importava de verdade: 14 278. O número de seu pai. O número que tinham atribuído a ele quando se alistou.

Ele passou o dedo pela lista.

14 275, Dempster, C. K., regimento de Gloucestershire

15 496, Wallaby, A., regimento de Seaforth

15 700, Crosston, J., de Notts e Derby

Ele suspirou de alívio, deixou o jornal de lado e bebericou o chá, tentando pensar em outra coisa. Sentiu um calafrio; a casa estava sempre gelada. Margie colocava um pouco de carvão na lareira assim que acordava, mas dizia que não fazia sentido deixar a casa quente o dia inteiro se eram só eles dois, e ela estaria no trabalho e Alfie, na escola.

— É jogar dinheiro fora — explicou. — Podemos conviver com o frio de manhã. Quando você chegar da escola, pode acender o fogo para a noite. Pouco carvão, ouviu bem? E pouca lenha também. Aquecimento não é barato.

Alfie terminou o café da manhã, foi até a pia e lavou tudo o que estava ali — as coisas que Margie tinha usado e as dele também. Secou tudo com o pano de prato e o pendurou em um gancho perto do fogão antes de guardar a louça no armário. Separou a tesoura e deixou em cima do jornal para cortar em quadrados mais tarde; o jornal de hoje era o papel higiênico de amanhã. Ele olhou à volta, avaliando se o chão precisava ser varrido, mas parecia limpo. Essa era uma das funções de Alfie agora: ele mantinha tudo limpo e arrumado — deixava o navio em ordem. Era isso que Margie dizia, pelo menos.

— Todos precisamos colaborar — ela disse. — Não pediria a você se eu mesma tivesse tempo para isso.

Mas Alfie não se importava de ajudar. Ele detestava bagunça.

Pôs a chaleira no fogão outra vez e esquentou mais água, encheu a pia e deixou o sabão lá dentro um pouquinho, para amolecer. Então tirou o pijama, ficou pelado no meio da cozinha — se Margie estivesse em casa, ele nunca teria feito isso; teria pedido para ela ficar lá fora e colocaria uma cadeira para bloquear a porta, caso a mãe esquecesse — e tomou um banho rápido. Perto da lareira havia uma toalha, que ele usou para se enxugar. Era áspera e ele detestava a textura, mas era a única que tinham. Quando terminou, correu para o andar de cima e se vestiu.

Era terça-feira, dia de aula. Mas Alfie já não ia mais à escola com tanta frequência. Os professores não pareciam se importar. Não faziam chamada e nunca ligavam para a mãe de alguém para dizer que fulano estava faltando muito. Mas ele ia de vez em quando, claro, umas duas vezes por semana. Em geral na segunda e na

quinta. Segunda eles estudavam história, e Alfie tinha muito interesse por essa matéria, principalmente quando o tema eram os reis e as rainhas e todas as guerras que tinham sido travadas pela coroa da Inglaterra. Às quintas eles praticavam leitura, e Alfie era o melhor leitor da turma — era o melhor da escola, na verdade. Ele adorava quando a sra. Jillson, a bibliotecária, lia alguma coisa em voz alta ou passava um livro pela turma para que todos fizessem o mesmo com uma ou duas páginas. A sra. Jillson era mais velha do que as montanhas, mas fazia vozes engraçadas quando lia e pedia que eles fizessem também. Alfie amava isso.

Agora, todos os professores eram diferentes dos que ele tivera alguns anos antes. Antes, havia muitos jovens na escola e eles eram bem divertidos e sempre queriam jogar bola na hora do intervalo. Mas não tinha sobrado nenhum jovem, claro, exceto o sr. Carstairs, que tinha duas pernas ruins e andava de muletas. Aliás, não havia homens jovens em lugar nenhum, tirando Joe Patience, o objetor do número 16, e ninguém falava mais com ele. Nem mesmo vovó Summerfield, que o conhecia desde pequeno e certa vez dissera que ele era como um segundo filho para ela — ou que ela era uma segunda mãe para ele; Alfie não conseguia lembrar. (Agora não se podia nem mencionar o nome de Joe para vovó Summerfield; certa vez Alfie viu pela janela quando os dois se encontraram na rua e ela deu um tapa bem forte no rosto dele. Em Joe Patience! O sujeito mais legal que uma pessoa poderia conhecer na vida!)

Agora, a escola era administrada por velhos. Alguns deles tinham sido professores antes da guerra; sempre contavam que acreditaram estar livres de toda aquela baboseira e que teriam uma aposentadoria longa e feliz. Eram pessoas como a sra. Jillson ou o sr. Flaker, servidor público aposentado, ou o sr. Cratchley, cujo filho dava aula na escola, mas agora estava “lá”, como ele dizia todos os dias ao pedir que fizessem uma prece por Cecil. Esse era o nome do filho dele, Cecil Cratchley. Algumas daquelas pessoas nunca tinham ensinado antes, mas agora todo mundo precisava ajudar — era o que o sr. Flaker dizia, pelo menos. Ditava a necessidade.

E os velhos eram muito piores quando se tratava de castigos. Os professores jovens de antes da guerra não castigavam tanto assim, mas o sr. Flaker quase nunca terminava uma aula sem bater em um aluno. O sr. Grace, que tinha trabalhado no Palácio de Buckingham até fazer sessenta e cinco anos, guardava na manga uma vara com um peso de metal na ponta. Ele a chamava de Excalibur. Quase todo mundo já tinha sido açoitado com ela. Não que os meninos reclamassem muito; a maioria

recebia um tapa em casa por qualquer coisinha. Apenas Alfie nunca tinha apanhado dos pais — Georgie e Margie diziam que não acreditavam nesse tipo de criação. Certo dia, quando ele mencionou tal fato para o sr. Grace, voltou para casa com a marca da Excalibur bem funda na mão esquerda, como punição por aquela audácia.

Mas aquele dia não era segunda nem quinta, então não haveria história nem leitura. Era terça; por isso, quando estava todo vestido, Alfie puxou do fundo do armário a caixa de engraxar feita de madeira que guardava ali. Colocou-a no tapete e abriu a tampa com cuidado. O cheiro penetrante das duas latinhas de graxa subiu e ele verificou se tudo de que precisava estava ali dentro: pincéis, luvas para polir, potes de graxa, calçadeira, escovas de crina de cavalo e óleo para couro. Verificou o quanto tinha de cada item, mas repusera o estoque na última sexta, usando seus rendimentos, portanto só precisaria comprar coisas novas dali a pelo menos duas semanas. Depois de confirmar que tinha tudo de que precisava, fechou a caixa, desceu a escada, conferiu se não tinha nenhuma sujeira no rosto — pois ele tinha aprendido havia muito que atraía mais clientes quando seus cabelos estavam bem penteados e sua pele estava limpa —, vestiu o casaco e o cachecol e saiu para a fria manhã de outubro.

Agora Alfie Summerfield era o homem da casa, afinal. E tinha trabalho a fazer.

SEU REI E SUA PÁTRIA QUEREM VOCÊ

A caixa de engraxar era feita de mogno marrom bem escuro. O comprimento era o dobro da largura e havia um fecho dourado entre a base e a tampa, que, quando aberta, revelava três compartimentos.

O primeiro tinha duas escovas de crina de cavalo, uma preta e uma marrom, com cabo ondulado; o segundo guardava um conjunto de quatro flanelas e um par de luvas para polimento; o terceiro abrigava duas latas de graxa que estavam quase cheias quando Alfie encontrou a caixa na casa do sr. Janáček. A palavra *Holz knecht* e um emblema que mostrava uma águia com olhos ferozes e ameaçadores sobrevoando uma montanha tinham sido entalhados na lateral. Preso à parte de dentro da tampa estava um apoio para pés que podia ser tirado e instalado no topo da caixa por duas pequenas reentrâncias nas laterais. Era ali que os clientes apoiavam os pés para que os sapatos fossem engraxados.

Quando Alfie levou a caixa para o quarto pela primeira vez, ficou olhando para ela durante um bom tempo, passando os dedos pelos sofisticados contornos da madeira e cheirando com hesitação as latas de graxa, o que provocava umacoceirinha irritante no nariz. Ele já tinha visto caixas como aquela, claro, mas nenhuma com aparência tão bonita e bem cuidada quanto a do sr. Janáček.

Alguns dias depois de se alistar, o pai de Alfie o levou à estação King's Cross, dizendo que eles iam lá para ver os trens, embora esse não fosse o verdadeiro motivo. Alfie viu Leonard Hopkins, do número 2, engraxando sapatos em um canto perto do guichê, cobrando um centavo pelo serviço. Mas ele devia demorar demais para terminar cada pé, pois, toda vez que passava uma moça bonita, os olhos de Leonard a acompanhavam, hipnotizados, e só quando o cliente lhe cutucava ele voltava a se concentrar.

Da última vez que se ouviu falar dele, Leonard estava em um quartel na fronteira de Bruges. Ficou em um hospital de campanha por três meses até ser mandado de volta para o cumprimento do dever. Não tinha nem dezessete anos.

Alfie mencionara o trabalho de Leonard para o sr. Janáček certo dia; o pai de

Kalena riu e disse que o problema dos ingleses era que eles sempre queriam alguém para servi-los. Os ricos tinham seus criados e lacaios, suas governantas e empregadas; os pobres não podiam pagar por esse tipo de luxo e, por isso, se sentiam bem se houvesse uma pessoa para engraxar seus sapatos. Isso dava a eles uma sensação de importância.

— Mas existem coisas que todos deveríamos fazer por nós mesmos, Alfie — explicou o sr. Janáček, erguendo um sapato com uma mão e um pincel de graxa com a outra. — E esta, meu amigo, é uma delas.

Examinando com atenção a caixa de engraxar, Alfie teve certeza de que ela estava na família do sr. Janáček havia muito tempo, que era uma herança e que ele a tinha levado para Londres quando deixara Praga pela melhor razão do mundo: amor. Talvez ele a tivesse usado para ganhar algum dinheiro antes de abrir a loja de doces, ou talvez tivesse guardado apenas para engraxar os próprios sapatos. Era fato que o sr. Janáček sempre se vestia muito bem; ele era famoso na rua Damley por sua boa aparência.

— É o sangue continental — Margie disse à sra. Milchin e à sra. Welton certa tarde, quando terminava de passar roupa para a sra. Gawdley-Smith, que morava em uma das casas grã-finas perto da Henley Square e cujas roupas Margie tinha começado a lavar, por dois centavos a cesta. (“Cada cesta que eu lavo, Alfie, é mais um jantar na nossa mesa.”) — Lá os homens têm orgulho da aparência.

— Ah, se eu fosse vinte anos mais nova e Fred olhasse para o outro lado — comentou a sra. Welton com uma risada, e a sra. Milchin sacudiu a cabeça e fez uma careta, como se tivesse acabado de beber leite azedo.

— Não gosto de ver um homem tão arrumadinho — ela disse. — Se querem saber, acho que não podemos confiar nesse sr. Janáček. — Acontece que a sra. Milchin nunca tinha ido com a cara dele, por causa do sotaque. Ela era assim. Não simpatizava com estrangeiros.

Alfie não gostava de pensar que tinha roubado a caixa de engraxar; preferia imaginar um empréstimo. Ele sabia que roubar era ruim — David Candlemas, do número 13, quase foi para a cadeia por roubar carvão do depósito no quintal dos Scutworth, um escândalo que movimentou a rua Damley por semanas —, mas tinha certeza de que o sr. Janáček aprovaria o que estava fazendo, e prometeu a si mesmo devolver tudo quando a guerra terminasse e Kalena e seu pai finalmente voltassem para o número 6.

Isto é, se esse dia chegasse.

Não muito tempo depois, Margie chegou em casa com uma expressão angustiada e falou a Alfie que tinha uma coisa importante a dizer. Os dois foram até a sala, onde ele se sentou diante dela, com as mãos nos joelhos, inclinando-se para a frente de ansiedade.

— Alfie — ela disse, sem olhar diretamente para ele, e sim para a lareira. E então não falou nada por um bom tempo. Ele decidiu que ficaria quieto até a mãe se manifestar. Tinha medo do que ela iria dizer e já sentia as lágrimas se formando nos olhos. — Tenho uma notícia para você — ela continuou, enfim.

— É uma notícia boa? — perguntou Alfie.

— Bom, não é uma notícia ruim — ela respondeu. — É apenas uma notícia, só isso. Uma informação.

— É sobre o meu pai?

Ela se virou rápido para ele; seus olhos se encontraram. Fazia quase três anos desde que Georgie entrara naquele mesmo aposento com o uniforme de soldado e Margie correria para fora da sala e vovó Summerfield declarara que eles estavam perdidos, estavam todos perdidos.

— Não é sobre o seu pai — disse Margie, negando com a cabeça. — Alfie, já tivemos essa conversa antes. Ele está em uma missão secreta para o governo, já expliquei. É por isso que não pode mais entrar em contato com a gente. É por isso que não escreve e não podemos escrever para ele.

Meu pai morreu, pensou Alfie.

— Achei que você tinha entendido isso — continuou Margie, com a voz um pouco mais alta. Alfie travou a mandíbula e sentiu os dentes rangendo uns contra os outros. *Meu pai morreu*. Ele fechou os olhos e, em sua cabeça, ouviu o som de um trem parando numa estação, o ruído dos motores afogando tudo o que sua mãe dizia... *morreu-meu-pai-morreu-meu-pai-morreu-meu-pai-morreu...* Os lábios dela ainda se mexiam, ela ainda estava falando (ele sabia que estava!), mas Alfie não podia ouvi-la. Bloqueou todos os sons e só conseguia ouvir aquelas três palavras se repetindo e se repetindo na sua mente.

— Alfie, pare com isso! — exclamou Margie, puxando as mãos dele dos ouvidos; ele abriu os olhos e engoliu em seco. — Qual é o seu problema, hein?

— Eu estava pensando em uma coisa, só isso.

— No que estava pensando?

— No papai.

Margie suspirou.

— Alfie, se você quiser, podemos falar sobre o seu pai. É isso que você quer?

— Me diga a verdade sobre ele.

— Eu já te disse a verdade.

— Eu não sou um bebê — insistiu Alfie. — Me diga a verdade.

Margie hesitou. Por um instante, parecia que ela ia *mesmo* contar toda a verdade, mas o som dos cascos do sr. Asquith passando pela rua Damley, sua cabeça se virando automaticamente quando passou pelo número 12, interrompeu o momento, e Alfie soube que não adiantaria continuar perguntando.

— Então me diga qual é a notícia — ele disse, enfim.

Margie fez que não com a cabeça.

— Ah, Alfie — ela disse, suspirando. — Não sei se agora tenho energia para isso.

— Me diga — ele insistiu.

— Arranjei um emprego — ela contou, dando de ombros. — No hospital. Vou entrar para as Queen's Nurses.

— O que é isso? — perguntou Alfie, franzindo as sobrancelhas.

— Você lê o jornal. Eu sei que lê — ela respondeu, sem saber que Alfie lia o jornal todos os dias apenas para conferir os números.

14 278.

— Muitos soldados estão voltando do front com ferimentos terríveis — continuou Margie. — E o hospital precisa de mais enfermeiras para cuidar deles. Preciso fazer a minha parte, Alfie, você entende, não entende? Sempre quis encontrar alguma coisa em que fosse boa. Talvez seja isso. Fico pensando em seu pai e... — Ela parou de falar por um momento e mordeu a boca, em seguida sacudiu a cabeça e voltou ao assunto. — Eu posso ser útil, Alfie. Você entende isso, não? Quanto mais pessoas forem úteis, mais rápido a guerra vai terminar.

— A guerra não vai acabar *nunca* — esbravejou Alfie, inclinando-se para a frente na cadeira. — Vai durar *para sempre*.

— Isso não é verdade — disse Margie. — Algum dia precisa acabar. As guerras sempre acabam. As novas não podem começar se as antigas não terminarem — ela acrescentou com um pequeno sorriso, mas Alfie não queria saber de piadas. — De qualquer jeito, me ofereceram um treinamento de seis semanas no hospital e um

emprego depois disso. O trabalho é em turnos, então vamos ter algumas mudanças por aqui. Você vai precisar cuidar de si mesmo por mais tempo. Consegue fazer isso, não consegue? A vovó Summerfield está ali do outro lado da rua, se quiser ir para lá.

Alfie pensou no assunto. Ele não gostava muito da ideia de cuidar de si mesmo. Queria que as coisas voltassem a ser como antes, quando Georgie e Margie cuidavam dele, vovó Summerfield aparecia para conversar, o velho Bill Hemperton fazia *toc-totoc-toc* na porta e dava a Alfie alguns centavos para buscar o jornal, e Kalena Janáček ainda era sua melhor amiga e não uma pessoa de interesse especial levada para um confinamento lá longe.

— Precisamos do dinheiro, Alfie, essa é a verdade — disse Margie quando ele ficou em silêncio.

— Mas você já está lavando roupa para fora — ele respondeu.

— Nem me fale. Vou precisar fazer tudo isso à tarde, entre os turnos.

— E quando você vai dormir?

— Ah, eu durmo quando estiver mor... — Ela parou de repente, suas bochechas corando. — Não tenho escolha, Alfie. São tempos difíceis, você sabe. — Hesitou e levantou a voz, exasperada. — Não temos dinheiro, Alfie! Mal conseguimos sobreviver. Vovó Summerfield disse que podemos morar com ela, mas não vou fazer isso. Esta é a nossa casa e, enquanto eu tiver ar nos pulmões, não vou tirar isso de você, que já perdeu tantas outras coisas. E como posso manter sua dieta de doces se eu não trabalhar? — Ela sorriu, torcendo para ele sorrir de volta.

— Eu não preciso de doces — ele disse. — Posso viver sem. E já nem existem tantos assim. Quase nenhuma loja tem.

— Precisamos de comida — foi o que ela respondeu. — Alfie, estamos perigosamente perto da miséria. Perigosamente perto.

Alfie arregalou os olhos. Ele não tinha ideia do que “perigosamente perto da miséria” significava, mas não soava nada bem.

— Se eu sair para trabalhar, continuar lavando as roupas da sra. Gawdley-Smith e talvez pegar alguns turnos extras de noite, então vamos poder comer. Se eu não fizer isso, não vai dar. Simples assim. Comida não dá em árvore, como você bem sabe.

— Na verdade, dá sim. Alguns tipos. O resto cresce no chão.

Margie sorriu e até riu um pouco, o que deixou Alfie feliz. Fazia tempo que ele não conseguia fazer sua mãe rir.

— Sim, é verdade — ela respondeu. — Mas você sabe o que quero dizer.

No fim, eles tiveram uma longa conversa sobre o hospital e sobre as horas que ela precisaria trabalhar, e Alfie prometeu que não arranjaria nenhuma confusão e que iria à escola todos os dias, o que Margie disse ser um sinal de que ele estava amadurecendo.

— Um dia você vai ser um grande homem, Alfie Summerfield — ela disse, e beijou sua cabeça. — Como seu pai. Ele teria orgulho de você, se estivesse com a gente agora.

Mas ele não estava com eles agora, claro. Não escrevia, não mandava telegramas, não vinha para casa em licença, como Jack Tamorin, do número 20, ou Arthur Morris, do 18. Margie insistia que a missão secreta de Georgie faria a guerra terminar mais rápido, mas Alfie não acreditava nem um pouco nisso.

Ele sabia que o pai estava morto.

Alfie roubou a caixa de engraxar do sr. Janáček por um único motivo: para trabalhar, como fazia Leonard Hopkins, e ajudar sua mãe. Ela estava fazendo a parte dela; era hora de fazer a dele também.

A manhã seguinte era quarta-feira, então não era preciso ir à escola. (Afinal, não era dia de leitura nem de história.) Alfie esperou Margie partir para a primeira semana de treinamento no hospital, então pegou a caixa de engraxar no armário, abriu para conferir se tudo estava no lugar, lavou-se, vestiu-se, comeu alguma coisa e saiu de casa.

A caminhada entre a rua Damley e a estação King's Cross era curta, e Alfie seguiu pelas ruas conhecidas, passando a caixa da mão direita para a esquerda sempre que ficava pesada demais. Ele se sentia um homem do mundo, um trabalhador, como seu pai tinha sido, levantando cedo para conduzir a carroça de leite. Quando passava por outros trabalhadores na rua, Alfie tinha vontade de dar um toque na boina para cumprimentá-los, mas não fazia isso, com medo de parecer bobo.

Quando entrou na King's Cross, foi dominado por uma grande onda de emoção. A última vez em que estivera ali — a *única* vez em que estivera ali — fora com Georgie, alguns dias depois de o pai se alistar. Naquele dia, a estação estivera muito movimentada. Havia meninos vendendo jornal por toda parte — diziam que, durante o mês de julho de 1914, a circulação de jornais fora seis vezes maior que o normal,

pois todos queriam saber o que aconteceria em seguida — e centenas de pessoas subindo e descendo dos trens. O barulho dos motores a vapor era ensurdecedor e a estação era dominada por uma mistura de neblina e fumaça, tão ruim quanto qualquer névoa de Londres. Georgie não estava com o uniforme de soldado naquele dia; deixara pendurado no guarda-roupa de casa. Não tinha vestido o uniforme desde que entrara na sala com ele e surpreendera a todos.

— Sabe — disse Georgie, parado em meio à multidão do pátio central, passando os olhos pelas plataformas, observando o teto alto da estação e ouvindo os apitos dos condutores —, antigamente eu queria ser maquinista. Tentei uma vaga na linha Londres-Edimburgo, mas não consegui.

— Por que não? — perguntou Alfie, levantando a cabeça para observar o pai.

— Eles disseram que eu não era adequado — ele respondeu, dando de ombros. — O que quer que isso signifique. São uns metidos, esses condutores. Acham que são melhores do que os outros, só porque usam uniforme o tempo todo. Mas não são.

— Agora você também vai usar uniforme — disse Alfie, e Georgie riu de leve e bagunçou o cabelo do menino, apesar de Alfie não ter contado nenhuma piada.

— Sim, parece que sim — ele respondeu. — Agora, espere um pouco. Já que estamos aqui, tem um assunto que preciso resolver.

Eles foram na direção do guichê, onde muitas pessoas faziam fila para comprar passagem; no fim da fila havia três escrivaninhas alinhadas na plataforma, cada uma com um oficial debruçado sobre um livro de registros, fazendo anotações.

— Boa tarde — cumprimentou Georgie, acendendo um cigarro e dando uma tragada enquanto se aproximava do homem na escrivaninha do meio, que parecia uns dez anos mais velho do que ele e tinha cabelo preto, dividido com cuidado na lateral e com tanta pomada que o pente tinha deixado marcas de risco, como as de um campo recém-colhido Alfie ouviu um “fiu-fiu” e se virou para ver Leonard Hopkins ajoelhado perto da caixa de engraxar, olhando de soslaio para uma moça, que se surpreendeu e sorriu antes de ser arrastada para longe pela mãe.

— Posso ajudá-lo? — perguntou o homem atrás da escrivaninha.

— Meu nome é Georgie Summerfield. Me disseram para vir aqui acertar meu transporte.

— Você é recruta, é isso?

— Isso mesmo.

O homem atrás da mesa fez um aceno positivo com a cabeça, mas a expressão em

seu rosto era muito séria. Ele trocou olhares rápidos com os homens de cada lado, que pareceram achar um pouco de graça e em seguida sacudiram a cabeça e voltaram a se concentrar em seus livros de registro.

— Certo, rapaz — disse o homem do meio. — Você é novato, então vou supor que não sabe como fazemos as coisas por aqui. Vamos começar do começo: tire o cigarro da boca e apague.

Georgie encarou o homem e Alfie encarou Georgie. Alguma coisa mudou no rosto do pai — uma percepção súbita de que agora a vida era diferente do que fora alguns dias antes. Ele obedeceu, jogando o cigarro no chão e esmagando-o com o calcanhar. Alfie reparou em um ligeiro tremor em suas mãos quando fez isso.

— Agora endireite as costas e olhe para a frente. Você não é um animal na selva. Postura. Postura, sempre.

Georgie ajustou a posição, mantendo as costas eretas, os ombros para trás e os olhos para a frente. Ao seu lado, Alfie fez a mesma coisa. Sua cabeça ficava na altura da cintura do pai.

— Muito bem. Agora vamos tentar outra vez, sim? Acho que o que você dizia era “boa tarde, senhor”.

— Sim, senhor — disse Georgie.

— Repita seu nome.

— Georgie Summerfield.

O sargento levantou uma das sobrancelhas e pôs a caneta na mesa, encarando o pai de Alfie com uma expressão irritada.

— Georgie Summerfield, senhor — sussurrou Alfie.

— Georgie Summerfield, senhor — repetiu Georgie, com voz baixa e resignada.

O sargento fez um aceno positivo com a cabeça e folheou o livro de registros, passando o dedo por uma lista de nomes.

— Rua Damley? — ele perguntou, levantando a cabeça.

— Isso mesmo, senhor.

— Você está com sorte, Summerfield. Ainda tem alguns dias. Manhã de quarta-feira. Transporte das oito da manhã, saindo da rua Liverpool. Quartel de Aldershot. Treinamento básico por oito semanas. Leve isto com você. — Ele estendeu uma passagem. — Verá nosso grupo na plataforma 4. Seu número é 14 278. Não se atrase, ouviu bem? Chamamos isso de deserção.

— Entendido, senhor.

O sargento olhou para Alfie.

— E esse pivete, quem é?

— Meu filho, senhor. Alfie.

— Orgulhoso do seu velho, Alfie? — perguntou o sargento, mas o menino não disse nada. — Bom, você ainda vai ficar — ele continuou, agora dispensando os dois. — Um dia, você vai ficar.

Enquanto voltavam para casa, Alfie disse:

— Achei que tínhamos vindo ver os trens.

— E viemos — respondeu Georgie.

— Não, não viemos — disse Alfie, largando a mão do pai enquanto os dois caminhavam.

Agora Alfie estava de volta à King's Cross, pela primeira vez desde aquele dia. Olhou à volta, lembrando onde o sargento tinha estado, mas não havia nenhuma mesa ali, apesar de o guichê não ter mudado de lugar. Muitos soldados passavam pelo pátio. Alguns esperavam em pequenos grupos perto da lanchonete, mochilas no chão. Outros desciam dos trens e olhavam à volta em busca de conhecidos. O barulho rítmico dos motores estava pior do que nunca — *morreu-meu-pai-morreu-meu-pai-morreu-meu-pai-morreu-meu-pai-morreu* —, e Alfie se perguntou como as pessoas que trabalhavam ali conseguiam aguentar.

O menino reparou em um jovem soldado no centro da plataforma, com uma sacola nas costas e uma cicatriz vermelha e funda na lateral do rosto. Ele tinha cerca de vinte anos, pensou Alfie, e sua expressão era difícil de definir; como se tivesse visto um fantasma, mas não soubesse como contar às pessoas sem que o trancassem em um hospício e jogassem a chave fora. Logo depois, duas pessoas mais velhas, um homem e uma mulher — os pais dele, Alfie não tinha dúvida —, correram em sua direção e, quando os viu, o soldado largou a sacola e seu rosto desmoronou. Ele parecia prestes a cair no chão, mas, antes de isso acontecer, seus pais estavam um de cada lado dele, sustentando-o, e o rapaz chorava em seus ombros, com soluços grandes e pesados, enquanto eles o envolviam num abraço, protegendo-o do mundo, acariciando seu cabelo e sussurrando em seu ouvido. Quando começaram a ir embora, o jovem continuou entre eles; ficaram todos o mais próximo que podiam sem cair, em um monte desordenado. O braço do pai envolvia os ombros do filho; a mãe o segurava firme pela cintura. Alfie os observou por bastante tempo, até que

decidiu que era falta de educação encará-los daquele jeito e virou para o outro lado.

Passou os olhos pelo entorno e ficou contente de ver que não havia nenhum outro engraxate na King's Cross. Leonard Hopkins tinha partido havia muito tempo e ninguém, aparentemente, viera assumir seu lugar. Alfie escolheu um ponto perto de uma coluna, à mesma distância do guichê à esquerda, das plataformas à direita e da lanchonete ao centro, e se sentou no chão. Abriu a caixa do sr. Janáček, pegou os pincéis, os panos, as luvas para polir e a graxa, e fechou a tampa. Tirou a boina da cabeça e a colocou no chão ao seu lado, virada para cima. Então jogou os trocados que tinha no bolso — alguns poucos centavos — lá dentro para parecer que já tinha começado. Enfim, ergueu a cabeça e gritou a plenos pulmões:

— Engraxate! Engraxe seus sapatos aqui!

Mais tarde naquele dia, quando chegou em casa, encontrou Margie tirando uma soneca na sala de estar; ela parecia exausta. Ele correu até o quarto no andar de cima e guardou a caixa no fundo do guarda-roupa; desceu e foi até a cozinha lavar as mãos com sabão. Depois de terminar, cheirou os dedos, que ainda fediam a graxa; lavou outra vez. Não ficou muito melhor, mas não havia nada que ele pudesse fazer para resolver — estavam tão limpas quanto conseguiria deixá-las, pelo menos por enquanto. Suas costas doíam um pouco por ele ter ficado reclinado o dia inteiro e os músculos dos braços estavam em frangalhos. Mesmo com uma guerra acontecendo, uma quantidade surpreendente de pessoas queria deixar os sapatos bonitos.

Ele olhou à volta e sentiu um peso no coração com o que viu. Todas as cadeiras estavam cobertas de fronhas da sra. Gawdley-Smith, e no varal lá fora estavam os lençóis e algumas roupas de baixo engraçadas. Margie nunca sentiria o cheiro de graxa em suas mãos — a casa estava com um cheiro ainda mais forte de lavanderia.

Ele encontrou a carteira da mãe na bolsa que estava em um canto e a pegou, abriu e conferiu o conteúdo. Não havia muito dinheiro. Ele enfiou a mão no bolso, tirou todo o pagamento recebido naquele dia e jogou a maior parte na carteira — dinheiro suficiente para ela ficar contente por encontrar ali, mas não tanto a ponto de questionar de onde tinha surgido. Então levou o resto para o quarto, onde escondeu em um saquinho no fundo da gaveta de meias, para quando fosse necessário. Em seguida, desabou na cama e fechou os olhos.

Ainda era cedo e o sol brilhava lá fora, mas Alfie dormiu na cama enquanto Margie roncava na poltrona quebrada diante da lareira.

Nunca fora assim antes da guerra.

QUANDO ESSA GUERRA IDIOTA TERMINAR

Alfie começava o expediente às oito da manhã, um dos horários mais movimentados da King's Cross. Ele foi ao seu lugar de costume, com vista para as plataformas, para o guichê e para a lanchonete, puxou uma cadeira para os clientes, deixou a boina virada para cima no chão e olhou à volta, em busca do primeiro serviço do dia. Enquanto esperava, tirou *Robinson Crusoe* do bolso e abriu na página em que tinha parado na noite anterior. As bordas já estavam um pouco gastas, o papel estava um pouco rasgado, mas as palavras continuavam intactas.

— Olá, Alfie!

Ele levantou o rosto e viu à sua frente o sr. Podgett, um gerente de banco que engraxava os sapatos toda semana.

— Olá, sr. Podgett — respondeu Alfie.

— O de sempre, por favor — ele disse, sentando-se e desdobrando o jornal ao colocar um pé no apoio da caixa e soltar um suspiro profundo de relaxamento. Alfie analisou seus sapatos marrom-escuros, que estavam um tanto empoeirados nas pontas e tinham sofrido vários desgastes desde a semana anterior. — Manhã fria, não acha? Bom, já é quase novembro, afinal. Não podemos esperar uma onda de calor.

Alfie separou as flanelas e esfregou o sapato esquerdo do sr. Podgett até ficar limpo, então mergulhou a esponja na graxa e espalhou uma camada homogênea na superfície do sapato. Em seguida, pegou a escova de crina de cavalo marrom e começou a passar com vigor na área limpa. Ele gostava do cheiro de graxa, pois o lembrava de quando entrava correndo no número 6 para brincar com Kalena. A casa dela sempre tinha esse cheiro.

— Notícias melhores, hoje — comentou o sr. Podgett ao passar os olhos pelas manchetes. — Parece que as coisas estão melhorando para o nosso lado, para variar. Essa guerra deplorável talvez chegue ao fim logo. Foi o que eu disse à sra. Podgett hoje de manhã. “Sra. Podgett”, eu disse, “acho que só mais alguns meses e o fim vai chegar.” Ela diz que eu falo isso o tempo todo e que nunca é verdade, e talvez esteja

certa, mas desta vez eu acredito mesmo.

Alfie ficou quieto. Ele sabia, por experiência, que o sr. Podgett preferia falar, falar e falar, sem interrupções. Era melhor ficar calado até que houvesse uma pergunta direta que pedisse resposta.

— Nosso filho, Billy, ainda está lá — ele acrescentou, depois de uma pausa. — Eu já contei sobre Billy, não? Ele está em algum lugar da Bélgica, com seu batalhão. Não posso dizer onde, claro. Tudo sigiloso, incógnito, secretíssimo. Ele comanda mais de trezentos homens, acredita? Sempre foi muito responsável e meticoloso, claro, mesmo quando era pequeno. Nunca arrumou nem um segundo de confusão. Imagino que você também seja assim, não é, Alfie? Um orgulho para a família.

— Minha mãe diz que sou um bagunceiro incurável — disse Alfie.

— Ah, tenho certeza de que não é de propósito. Mas Billy sempre foi bem-comportado, então não me surpreende que ele tenha recebido esse tipo de responsabilidade. Certo, certo, houve aquele incidente quando fomos à Cornualha visitar a tia dele, Harriet, e ele se envolveu em uma briga terrível com o filho dos Cattermole. Mas não foi nada, é o que eu sempre digo, e não deveria ter causado tanto alarde. O moleque ficou bem, no fim das contas. Passou só dois dias no hospital. E aquela menina, a que disse ter testemunhado tudo, era uma avoadada, todo mundo sabia. Corriam boatos sobre ela... não vou dizer que tipo de boatos, Alfie, porque seus ouvidos ainda são jovens, mas, sejamos honestos, onde há fumaça, há fogo, não é? E é difícil não pensar que ela estava colocando os meninos um contra o outro. Você já esteve na Cornualha, Alfie?

— Não, senhor.

— É uma parte linda do mundo. Para onde você vai nas férias? Para os Lagos? Gales? Algum lugar ao norte?

Alfie se esforçou para não rir. Os adultos faziam as perguntas mais estúpidas, às vezes. Ele nunca teve férias na vida — não tinha nem certeza do que se fazia em uma. Seriam as mesmas coisas que se faz nos outros dias, só que em um lugar diferente? Se sua família tirasse férias, ele engraxaria sapatos em Blackpool? Vovó Summerfield viria conversar em Stonehenge? Margie teria dificuldade para pagar as contas na Ilha de Wight?

— É claro que a coisa acabou sendo ótima para o filho dos Cattermole, no fim das contas — continuou o sr. Podgett, sem esperar resposta. — Harriet me contou que ele não pôde ir para a guerra porque a perna nunca se curou por completo, mas

duvido que tenha sido alguma coisa relacionada a Billy. Ele talvez tenha feito de propósito para evitar o alistamento. A gente ouve histórias assim o tempo todo. Uma coisa vergonhosa. Eu teria mais respeito por um objetor do que por alguém assim. Se quer saber minha opinião, meu filho fez um favor ao moleque, e agora veja só! Billy está em algum lugar no meio da Europa, liderando quinhentos homens em zonas de perigo, colocando o bem da nação à frente da própria segurança. Ele escreveu para a mãe faz pouco tempo e disse que gostaria que a guerra nunca acabasse, de tanto que gosta da batalha, mas não consigo acreditar que ele tenha falado sério. Todo mundo quer que a guerra termine. A sra. Podgett... ela caiu no choro quando leu a carta. Disse que a culpa era toda nossa por ele ser assim, mas eu respondi: “Alice, do que você está falando? Nosso filho tem mil homens sob seu comando e já provou o próprio valor inúmeras vezes, liderando todos aqueles soldados corajosos em batalha, escrevendo para os pais de cada rapaz que é morto. Ora, ele não consegue nem sair das trincheiras e guerrear ele mesmo, de tantas cartas que precisa escrever”. Não; ele é um bom garoto, Alfie, e tenho orgulho dele. Mas diz aqui — ele bateu o dedo no jornal mais uma vez — que as coisas estão melhorando e que talvez haja um fim à vista. Seria bom. Você gostaria que a guerra acabasse, não gostaria?

Alfie fez que sim com a cabeça. Àquela altura, ele já tinha terminado o sapato esquerdo e começado o direito. Aquela tinha sido uma pergunta direta. Pedia resposta.

— Eu gostaria, senhor, muito — ele disse.

— Ora, é claro que gostaria. Todo mundo gostaria. Pelo que há de mais sagrado, garoto, que belo polimento nesse sapato! Você deveria trabalhar com isso.

— Já trabalho — murmurou Alfie.

— Eu falo de você para todos os meus colegas no banco. Talvez já tenha visto alguns deles por aqui. Você deveria me dar uma comissão, deveria mesmo. Ou, pelo menos, engraxar meus sapatos de graça de vez em quando. — Ele riu ao dizer isso, mas Alfie duvidou que estivesse brincando. Baixou a cabeça e continuou o serviço. — Pronto? — perguntou o sr. Podgett quando Alfie deu uma última polida e endireitou o corpo para admirar o trabalho.

— Sim, senhor.

— Ótimo. — Ele se levantou e jogou um centavo na boina de Alfie, hesitando um instante ao olhar para o menino. — Fiz o melhor que pude por ele, claro —

continuou depois de uma pausa, a voz mais baixa do que o normal. — Talvez, se eu pudesse voltar no tempo... Mas não podemos, podemos? — Ele sacudiu a cabeça e agora estava quase sussurrando. — Mesmo que a gente quisesse. — Alfie olhou para ele sem saber o que esperava ouvir em resposta. O sr. Podgett devolveu o olhar com uma expressão triste e apenas sacudiu a cabeça. — Você se parece um pouco com ele, sabia? Quando ele era pequeno. Billy tinha um rosto sincero, como o seu. Tinha gentileza na face. Antes. Quer dizer... — Ele suspirou e mais uma vez sacudiu a cabeça, levantando os olhos para conferir o relógio da estação. — É melhor eu ir. Mesma hora na semana que vem, Alfie? Você vai estar aqui?

— Sim, senhor.

— Certo — disse o sr. Podgett, levantando a mão para fazer uma saudação ao se afastar. — Até mais, *auf Wiedersehen*, Alfie, como dizem nossos amigos hunos.

Isso não foi muito esperto da parte dele, pois três cabeças diferentes se viraram quando ele partiu e um homem foi até um policial e sussurrou alguma coisa em seu ouvido. Um instante depois, o policial seguiu o sr. Podgett enquanto ele saía para a rua movimentada.

Quando bateram onze horas, Alfie já tinha engraxado três pares de sapatos e gastado meio centavo em um enrolado de salsicha da lanchonete, o que significa que, até então, aquele dia tinha lhe rendido dois centavos e meio. Ele viu o embarque de um homem ser barrado no trem Londres-Cambridge por causa da bebedeira, e uma menininha só um ou dois anos mais nova do que ele lhe mostrou a língua ao passar de mãos dadas com uma senhora de idade.

Um homem com um bigode bem vermelho tinha pendurado uma série de cartazes de recrutamento em toda a estação. Um deles mostrava uma imagem de Londres à noite, com o Big Ben e a St. Paul's Cathedral em primeiro plano. É MUITO MELHOR ENFRENTAR AS BALAS DO QUE SER MORTO POR UMA BOMBA EM CASA, dizia o cartaz. Outro mostrava um soldado sorridente, limpinho e alegre com um rifle nas costas. VENHA COMIGO! SUA PÁTRIA PRECISA DE VOCÊ. Alfie duvidava que, na vida real, houvesse muitos soldados tão felizes assim.

Logo depois do meio-dia, um rapaz passou pelo engraxate, olhou de relance, continuou andando e então parou por um momento, conferindo o imenso relógio na parede. Leu a passagem que segurava e olhou mais uma vez para Alfie, e em seguida para os próprios sapatos. Tinha cerca de vinte e cinco anos e segurava uma

bengala na mão esquerda. Quando foi até Alfie, o garoto percebeu que arrastava um pouco a perna e se esforçou para não encará-lo. Usava terno preto, camisa branca e gravata preta; não parecia confortável com nenhuma das peças.

— Acho que uma graxa seria bom — disse o rapaz, a voz entregando uma mistura de refinamento e ansiedade. Logo depois, deu uma risadinha. Alfie não entendeu o motivo; era como se o rapaz tivesse contado uma piada para si mesmo. Ele se sentou, colocando o pé esquerdo no apoio, e Alfie começou a trabalhar.

— Muito movimento de manhã? — perguntou o homem.

— Não muito — disse Alfie, levantando o rosto. — As terças são sempre mais calmas. Não sei por quê. As segundas são os dias mais movimentados, porque todo mundo quer começar a semana com sapatos limpos. Mas eu não trabalho às segundas.

— Algum motivo em especial?

— Temos aula de história na escola às segundas. Não gosto de perder.

O rapaz riu.

— Muito sensato — ele disse. — Nunca fui bom em história. Não conseguia entender todos os reis e rainhas, batalhas e guerras. Aquela história dos duques presos na torre...

— Príncipes — corrigiu Alfie.

— Quem foi que colocou eles lá, Ricardo II?

— Ricardo III.

— Nomes e números, para mim era só isso; apenas nomes e números. Mas que bom que você se interessa por história. Ah, meu nome é Wilf — ele disse.

— Alfie — respondeu o menino, pensando que as coisas nunca mudavam; mais de quatrocentos anos depois, tudo eram nomes e números outra vez.

— Prazer em conhecê-lo, Alfie. Dê uma boa polida, sim? Não posso aparecer com sapatos sujos. Tirei do armário esta manhã e não pude acreditar na condição em que estavam, mesmo fazendo séculos que não uso.

Alfie levantou o rosto enquanto sua mão passava a esponja de polimento pelas bordas da sola do sapato. Passou por sua cabeça que, desde que começara a trabalhar na King's Cross, aprendera a identificar instintivamente as pessoas que queriam conversar e as que preferiam ser deixadas em paz. Homens como o sr. Podgett gostavam do som da própria voz; outros, como Wilf, pareciam querer um pouco de papo. Para Alfie, fazia parte do trabalho.

— Indo a algum lugar especial, senhor? — ele perguntou.

— Cheltenham — disse Wilf. — É um bom lugar para morar. Pena que o motivo da visita não seja nada bom.

Alfie levantou a cabeça e entendeu no mesmo instante por que o rapaz estava vestido de preto.

— É o enterro do meu irmão — explicou Wilf. — Meu irmão mais novo, Alistair. Trouxeram o corpo dele nesse fim de semana.

— Sinto muito — disse Alfie.

— Sim — respondeu Wilf, a palavra engasgando um pouco na garganta. — Sim, eu também sinto. Ele tinha só dezoito anos. Era o mais novo de nós. E o mais inteligente. Eu o vi não faz nem um mês. Ele estava partindo de Aldershot, com destino a Calais. Fui até Southampton desejar boa sorte.

Alfie parou quando ouviu aquela palavra. *Aldershot*. Era onde Georgie tinha recebido seu treinamento. Ele passara dois meses lá, aprendendo a guerrear — aprendendo a matar —, antes de ser mandado para a França, de onde escreveu para a família todas as semanas durante quase dois anos, até que, de repente, as cartas pararam de chegar e Margie disse que ele não podia mais escrever, pois estava em uma missão secreta para o governo.

O que, para Alfie, era um jeito adulto de dizer que ele estava morto mas não queriam contar a verdade.

— Alistair foi morto só duas semanas depois de ter chegado, pobre rapaz — continuou Wilf. — Não sei se foi uma bênção ou uma tragédia. Não precisou passar anos nas trincheiras, como algumas das almas infelizes que estão por lá. Pelo menos se livrou disso.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Alfie, levantando os olhos. Sabia que não deveria fazer perguntas daquele tipo, mas as palavras tinham saído de sua boca antes que pudesse impedir.

— Algum sargento imbecil mandou que ele saísse da trincheira e fosse a campo com uma maca no meio da noite — disse Wilf. — É uma missão suicida, não acha? Recolher os mortos. Ninguém sobrevive a isso. Deveria existir uma trégua de uma hora para os dois lados poderem buscar os soldados abatidos. Sugeri isso uma vez, no quartel-general. Do jeito que os generais me encararam, parecia que eu tinha hasteado a bandeira branca da rendição. Tudo o que eu queria era um pouco de civilidade em um mundo incivilizado. Pelo menos Alistair não deve ter sentido nada,

o que é algo a se levar em conta, acho. Mas, por Deus, eles demoraram tempo demais para mandar o corpo de volta para casa. O enterro é hoje, mais tarde. O Departamento de Guerra me deu o dia de folga. Ida e volta a Cheltenham, sem tempo de ficar com a família. Preciso retornar à minha mesa amanhã cedinho ou vou sofrer as consequências.

Alfie olhou de relance para a bengala de Wilf, apoiada na cadeira. Seus olhos fixaram-se nela por um momento até ele perceber que o rapaz o observava.

— Está se perguntando sobre isso? — ele disse. — Foi o que me manteve longe de lá nos últimos dois anos. Fui baleado no fêmur por um franco-atirador, perto da fronteira de Mons. Fiquei internado num hospital de campanha por algumas semanas, enquanto tentavam salvar minha perna. Não adiantou nada, claro. Teriam economizado tempo e energia se tivessem cortado a dita-cuja no dia em que cheguei, em vez de esperar dois meses inteiros.

Alfie parou o que estava fazendo, suas mãos pairando sobre o pé esquerdo de Wilf.

— Ah, sim, é uma perna falsa, infelizmente — ele disse. — Mas não tenha medo, garoto. Não há motivo nenhum para ter medo.

Alfie fez que não com a cabeça e voltou a polir o sapato.

— Não estou com medo — ele respondeu baixinho.

— Um homem que precisa engraxar o sapato para uma perna falsa. Vivemos em tempos esquisitos, não acha? — comentou Wilf, com um sorriso torto. — Ainda assim, precisamos manter as aparências. É o que nos dizem, pelo menos. Que coisa mais estranha: eu não poderia ficar mais feliz por estar longe de lá, mas, ainda assim, preso aqui, tenho a sensação de que estou fugindo do meu dever. Acabei em um cargo burocrático no Departamento de Guerra, sabe? Tiraram meu uniforme, me disseram para usar terno. Eles não têm ideia de como é, para um homem da minha idade, ficar sem uniforme. Os olhares que a gente recebe. Uma mulher veio até mim no meio da Piccadilly Circus, acho que não viu minha bengala. Abriu a bolsa e, na frente de todo mundo, ela... ela... — Ele sacudiu a cabeça, a boca se contorcendo em uma mistura de raiva e mágoa. Então murmurou: — Por que eles fazem isso? Eles não entendem; nenhum deles entende.

Alfie se sentiu desconfortável diante de tanta mágoa e raiva.

— Você tem algum irmão mais velho por lá? — perguntou Wilf depois de uma pausa, e Alfie fez que não com a cabeça. — Seu pai, então? Desculpe, não deveria

perguntar. Não é da minha conta.

— O que o senhor achou? — perguntou Alfie, indicando os sapatos do rapaz; ele tinha, enfim, terminado. Estava contente por isso.

— Perfeito. Eu não poderia ter feito melhor. — O rapaz tirou um centavo do bolso e jogou na boina de Alfie; a moeda fez barulho ao cair sobre as que já estavam ali. — Obrigado — ele disse, levantando-se e pegando a bengala. Abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas pareceu mudar de ideia e foi embora sem mais nenhuma palavra, seguindo para a plataforma 6 e desaparecendo em meio a uma enxurrada de gente. Alfie o observou por alguns momentos; depois, reorganizou todo o material e esperou o próximo cliente.

Alfie não comia muito no almoço. Ficar reclinado tanto tempo sobre a caixa de engraxar parecia diminuir seu apetite. O cheiro da graxa e a fumaça dos motores a vapor se acumulavam em sua garganta, o que também não ajudava. Mas ele sabia que, se não comesse nada, não conseguiria se empenhar tanto à tarde; por isso, comprou uma pequena torta de carne na barraca de comida. A massa era pesada e seca e havia pouca carne no recheio — ele tinha certeza de que só tinha um pedacinho de bife e dois de rim cheio de cartilagem —, mas serviu para matar a fome.

A clientela foi escassa à tarde, e o dia esfriou. Um vento forte vinha da saída para a Euston Road e uivava pelas plataformas, forçando os passageiros a fechar os casacos. Nunca havia muitos clientes entre as duas e as quatro horas, o que significava que Alfie podia passar mais tempo na Ilha do Desespero com *Robinson Crusóé*, mas ele sabia que a multidão do fim da tarde em breve inundaria a estação, e então ele talvez conseguisse um ou dois clientes.

Logo depois das três e meia, um senhor magricela de meia-idade, usando um uniforme militar marrom que parecia recém-passado, sentou sem dizer uma palavra e colocou o pé direito no suporte. Alfie também não falou nada; começou o trabalho enquanto o homem tirava uma pasta de uma valise e dedicava atenção completa ao grosso documento em suas mãos, sacudindo a cabeça de vez em quando e murmurando palavras grosseiras. Quando ele disse uma *muito* grosseira, Alfie deu uma risadinha em silêncio e derrubou a lata de graxa. No mesmo instante, o homem baixou a pasta e encarou o menino.

— O que foi? — ele perguntou, depois de um momento.

— Desculpe, senhor — disse Alfie.

O homem sacudiu a cabeça.

— Não, *eu* é que peço desculpas. Estava falando sozinho de novo?

Alfie fez que sim, e o homem riu.

— É uma mania minha — explicou. — Minha esposa vive me pedindo para parar.

— Ele deixou a pasta de lado por um instante e observou Alfie pegar um pano e passar pelo lado esquerdo do sapato. Depois de um tempo, disse: — Você é muito bom no que faz. Trabalha com isso faz tempo?

— Mais de um ano, senhor — respondeu Alfie.

— Por Deus! Quantos anos você tem, rapaz?

— Nove, senhor.

— Nove anos e já se dedica ao trabalho. É como nos tempos de Dickens. Você já leu Dickens?

— Não, senhor.

— Já leu alguma coisa?

— Sim, senhor.

— O quê?

— *Robinson Crusoe*.

— Não leio esse desde pequeno. Leia *Oliver Twist*. Ou *Nicholas Nickleby*. Garanto que vai gostar. Estou lendo esse novo sujeito, Lawrence, mas acho que ainda é cedo para você. Aliás, você não deveria estar na escola?

Alfie levantou a cabeça, mas ficou quieto; o homem apenas deu de ombros e desviou o rosto.

— Não é da minha conta, você tem razão — ele disse. — Já tenho muita coisa para resolver sem me preocupar com o bem-estar de todas as crianças abandonadas que encontro.

Parte da graxa estava se acumulando nas fibras da escova de Alfie; ele a sacudiu e esfregou no chão, deixando um rastro de sujeira no pavimento ao seu lado. O homem não falou mais nada enquanto o garoto continuava o trabalho; em vez disso, voltou a se concentrar na pasta, passando as páginas com pressa. Em algumas ele fazia anotações com uma caneta que parecia ter custado caro; em outras, riscava de cima a baixo. A brisa que vinha da rua ficou mais forte, causando uma ventania na estação. No instante em que o homem virou uma página, a pasta escapou de sua mão e a pilha de documentos foi levada pelo vento, espalhando-se por todo o pátio.

— Ah! — ele exclamou, quase chutando Alfie quando levantou o pé do suporte. — Meus papéis! Não posso perder nenhum. Seja um bom rapaz e me ajude! Pegue quantos puder, antes que se percam.

Alfie correu pela estação, pegando várias folhas ao mesmo tempo. Elas estavam por toda parte — em torno da lanchonete, perto do guichê, à volta do vendedor de tabaco, ao lado da banca de jornal. Ele pegou e pegou e pegou; quando se deu conta, tinha mais de quarenta páginas nas mãos. Olhou o entorno, tentando enxergar se havia mais alguma folha, depois seus olhos caíram na primeira página que segurava.

Era um documento que parecia oficial, com letra caprichosa e papel caro. As palavras HOSPITAL DE EAST SUFFOLK E IPSWICH estavam impressas no topo e uma frase em latim aparecia logo embaixo, apesar de ninguém mais saber falar latim. Datilografadas em seguida estavam as palavras:

Retornos — Listagem resumida

Embaixo, em letra menor, a frase:

Consultar documento 3(b) para avaliação completa dos pacientes.

Havia duas colunas que listavam nomes e números, que Alfie supôs ter relação com o documento 3(b). Não era sua intenção ler os nomes na coluna da esquerda — aquilo não o interessava —, mas o problema era que se tratava de uma página cheia de palavras; desde que Alfie se conhecia por gente, sempre que via páginas cheias de palavras, queria ler. Seus olhos correram pelos registros e então congelaram em uma das linhas.

Ele piscou várias vezes, sem saber se podia acreditar no que seus olhos viam, quase derrubando todos os papéis que tinha recolhido. Nesse exato momento, o homem se aproximou de novo e tirou os papéis de suas mãos.

— Acho que são todas — ele disse, passando os olhos pela estação mais uma vez enquanto empilhava as folhas dentro da pasta. — Obrigado pela ajuda, rapaz. Quanto lhe devo?

Alfie não respondeu; ficou apenas encarando o homem, boquiaberto. Não conseguia encontrar palavras para responder. Havia coisas demais passando pela sua cabeça.

— Qual é o problema? — perguntou o homem. — O gato comeu sua língua?

Alfie continuou quieto. O homem ergueu uma sobrancelha e sacudiu a cabeça, como se dando a entender que não tinha mais tempo para aquela bobagem, e então falou:

— Deixemos por um centavo, está bem? — Ele jogou uma moeda na boina de Alfie, pegou a valise e se virou para ir embora, mas então parou e olhou para trás outra vez. — Você está bem, garoto? — ele perguntou, agora com a voz um pouco mais compassiva. — Sou médico, sabia? E você ficou estranho de repente. Se tem alguma coisa errada, pode me dizer. Talvez eu possa ajudar.

Alfie sacudiu a cabeça.

— Estou bem — ele disse, as palavras saindo ásperas, do jeito que saíam quando Margie o acordava cedo demais.

— Então, tudo bem — respondeu o homem, dando de ombros e se virando. — Obrigado pelo serviço.

Lentamente, Alfie voltou até a caixa de engraxar e se sentou na cadeira dos clientes. Recolheu todos os panos, escovas e graxas e guardou tudo; pegou o suporte para pés e o colocou sob a tampa antes de fechar o trinco dourado. Em seguida, levantou-se, saiu da King's Cross e começou a caminhar de volta para casa.

Durante o caminho todo, pensou naquela única linha que tinha saltado aos seus olhos no documento do hospital de East Suffolk e Ipswich.

Uma única frase, escrita no meio da página, do lado esquerdo.

Summerfield, George, dizia.

Nasc.: 3/5/1887

Nº: 14 278

No caminho de volta para casa, Alfie se lembrou do dia em que seu pai fora embora, e de como ele não deixara ninguém o acompanhar até a rua Liverpool para se despedir.

— Eu sei como vai estar a situação por lá — ele disse, balançando a cabeça. — Todas as esposas e mães chorando com seus lençinhos, fazendo um dramalhão. Vamos nos despedir aqui e pronto. Nem vou ficar tanto tempo longe. Tudo vai ter terminado antes do Natal.

Ele estava indo para o quartel de Aldershot, onde começaria o treinamento básico, e Alfie percebeu que aquilo o entusiasmava e amedrontava ao mesmo tempo. Depois que Georgie se alistara, Margie se recusou a falar com ele durante dois dias, e só mudou de ideia quando ficou claro que ele tinha tomado sua decisão e que ela não podia fazer nada para mudá-la. Até mesmo vovó Summerfield parou de declarar que eles estavam perdidos, estavam todos perdidos, e passou a contar para todo mundo na rua Damley sobre o orgulho que sentia do filho, pois ele fora um dos primeiros a se alistar, a responder ao chamado do rei e da pátria, e que com certeza seria mantido em segurança por sua coragem.

Quando Georgie saiu do número 12, Margie jogou os braços em torno de seu pescoço e sussurrou em seu ouvido alguma coisa que o fez morder o lábio e abraçá-la com mais força. Os vizinhos vieram para se despedir também; Joe Patience apertou um pacote de tabaco Golden Virginia na mão de Georgie e desejou boa sorte.

— Não faça nada que eu não faria — ele disse, o que fez o pai de Alfie rir e sacudir a cabeça.

— Você deve seguir o mesmo caminho logo, logo — comentou vovó Summerfield, olhando ora para o filho de uniforme, ora para Joe, que usava calça e camisa de operário. — Você e Georgie foram sempre unha e carne. Estou surpresa que não tenham se alistado juntos. — Ela falava com um toque de hostilidade na voz

e Joe não conseguiu encará-la.

— Existem vários jeitos de colaborar com os esforços de guerra — ele disse. — Só não sei se matar pessoas é o mais produtivo.

— Mas talvez você não tenha escolha — ela respondeu. — Agora são só voluntários, mas se as coisas não acontecerem do jeito que a gente quer, então...

— Sempre temos uma escolha, sra. Summerfield — insistiu Joe, agora com mais dureza na voz. — Tomo minhas próprias decisões, como a senhora sabe.

O rosto da vovó Summerfield ficou vermelho de raiva, mas Georgie disse que aquele não era o momento de discutir política, que ele queria apenas cumprimentar os amigos e abraçar a família. Ela ficou quieta, mas com relutância; era óbvio que tinha muito mais a dizer.

A última pessoa de quem Georgie se despediu foi Alfie, que estava na rua com as costas apoiadas na janela de casa.

— Agora você é o homem da casa — ele disse, olhando diretamente em seus olhos, e Alfie sentiu um peso no estômago ao pensar na responsabilidade. — Você vai cuidar da sua mãe enquanto eu estiver longe, não vai? E da vovó?

— Sim — respondeu Alfie. — Mas você vai voltar para casa, não vai?

— Antes que você se dê conta de que fui embora.

E, com isso, ele desceu a rua, a sacola verde-oliva nas costas, como se estivesse apenas indo à leiteria para um dia de trabalho. Então parou, virou-se, acenou um adeus e dobrou a esquina, desaparecendo de vista. Isso já fazia quase quatro anos e Alfie não tinha visto o pai desde então.

Houve cartas, é claro. A primeira veio de Aldershot: ele contou à família que a viagem de trem tinha sido muito divertida e que todos estavam entusiasmados com o que os aguardava. A maioria dos recrutas era de Londres, mas alguns rapazes eram de Norwich e Ipswich e tinha até um menino de Plymouth, que se mudara para Clapham apenas seis meses antes para trabalhar nas linhas de ônibus. Um sujeito chamado sargento Clayton era o encarregado e mandou todos formarem uma fila no pátio e dizerem seus nomes. Ele era osso duro de roer, contara Georgie, e gritava com qualquer um que não dissesse “Sim, senhor! Não, senhor! Três sacolas no total, senhor!”. Dois cabos, Wells e Moody, o acompanhavam, um de cada lado, sem falar quase nada.

Os alojamentos têm duas fileiras de dez camas cada. Estou

perto da porta, ao lado de um rapaz chamado Mitchell — auxiliar de arsenal, mas não vou julgá-lo por isso — e de outro chamado Jonesy. E você não vai acreditar, Alfie, mas Jonesy tem uma cópia daquele livro que o sr. Janáček deu para você de aniversário, Robinson Crusoé! Quase gargalhei quando vi, juro.

Margie guardava as cartas de Georgie com cuidado e não queria que Alfie mexesse nelas, para não sujá-las. Quando vovó Summerfield segurou uma delas perto dos olhos para enxergar melhor, ele reparou que sua mãe ficou prestando atenção, ansiosa, desejando que vovó a deixasse ler em voz alta, como tinha se oferecido para fazer desde o princípio.

— Ele faz parecer que tudo não passa de uma gincana — comentou vovó Summerfield quando terminou de ler uma das primeiras cartas, que Margie pegou de volta, apressada, e guardou entre as páginas da Bíblia. — Achei que o tinha criado para ser mais inteligente do que isso.

— Se ele fosse inteligente, não teria se alistado — respondeu Margie.

As coisas eram diferentes agora que Alfie tinha nove anos. Ninguém se voluntariava. O alistamento era obrigatório. Você chegava aos dezoito anos e pronto: precisava ir para a guerra. Alfie passava muito tempo pensando que, se não resolvessem as coisas nos próximos nove anos, ele iria para a guerra também, e essa ideia o apavorava. Agora não fazia diferença se você fosse casado; não adiantava levar a namorada à igreja para fugir do serviço militar. Mesmo se você fizesse isso, seria enviado para a França e passaria a lua de mel sozinho.

A não ser, é claro, que você fosse Joe Patience, que tinha acabado de voltar ao número 16 depois de dois anos longe — mas não porque estivesse em serviço militar na França ou lutando na Bélgica. Não: ele tinha sido enviado para a prisão de Wormwood Scrubs porque se recusara a virar soldado. Só o deixaram sair porque ele foi espancado muitas vezes lá dentro; na última, chegou perto demais da morte, o que podia causar um escândalo na prisão. Agora, Joe estava de volta, duas casas depois da de Alfie, mas quase não saía e nunca mais se sentou à porta para tocar o clarinete, como fazia antes da guerra. Vovó Summerfield o chamou de salafrário e covarde; a sra. Milchin disse que ele deveria ser enforcado no poste mais próximo.

Até mesmo Helena Morris, que costumava ter uma queda por ele, comentou que Joe não devia ter permissão para morar perto de gente decente e respeitável.

Apenas Margie e o velho Bill Hemperton mantinham contato com ele. Margie insistia que ele era o amigo mais antigo de Georgie e que não importava se Joe estava certo ou errado, ele tinha sofrido o suficiente por causa das próprias convicções. O velho Bill dizia apenas que também era seu próprio dono e não admitiria que alguém determinasse com quem ele deveria ou não conversar, não enquanto houvesse vida em seu corpo. Nenhuma dessas justificativas foi boa o suficiente para mudar a opinião da vovó Summerfield, que não podia ouvir o nome dele sem espumar de raiva.

Três meses depois de dobrar a esquina da rua Damley, Georgie não estava mais na Inglaterra. Com os outros novatos, ele embarcou em um trem para Southampton e, de lá, em um navio para Calais. Suas cartas passaram a chegar com menos frequência e, quando chegavam, às vezes tinham marcas pretas em algumas linhas, o que impedia Alfie e sua mãe de ler todas as palavras.

— São os chefões — explicou Margie. — Eles leem as cartas de todo mundo e, se tiver alguma coisa que não querem que a gente saiba, riscam. Não querem que os outros conheçam a verdade. Têm medo.

O tom das cartas de Georgie mudou ao longo do tempo. Quando estava no treinamento em Aldershot, costumava contar histórias sobre o que os rapazes aprontavam uns com os outros no alojamento e as repreensões que recebiam do sargento Clayton. Soava quase como um acampamento de férias. Mas, quando ele foi para a França, tudo mudou. Parou de falar sobre os soldados que serviam com ele e falava apenas sobre si mesmo, sobre como se sentia.

Aqui é horrível. Passamos todos os dias cavando trincheiras de dois metros de profundidade na lama; aí, antes de elas desabarem, precisamos construir fortificações de madeira nas laterais. Dizem que os alemães têm paredes de aço nas trincheiras deles. Sempre que chove, as paredes das nossas desmoronam e precisamos usar o que estiver à mão para tirar a água. Às vezes uso meu capacete, mas não deveria, porque esse é o jeito mais

rápido de acabar com uma bala na cabeça. Tem ratos por toda parte. E coisa pior. Eu poderia conviver com os ratos, mas não sei o que são metade dos bichos que tem aqui. Não sei por que vim para cá. Meu Deus, que erro.

Margie não deixou Alfie ler essa carta. Mas ele sabia que tinha chegado, pois a vira no capacho, o selo do Departamento de Guerra destacado no envelope.

— É particular — Margie falou para ele depois de ler na poltrona quebrada em frente à lareira. — Entre mim e seu pai. Mas ele disse que te ama e que pensa em você o tempo todo.

— Leia em voz alta — disse Alfie.

— Não.

— Leia em voz alta!

— Eu disse não! — exaltou-se Margie, levantando tão rápido que Alfie se assustou e deu um salto para trás. Ela apenas o encarou por um momento, parecendo prestes a cair no choro, e saiu correndo da sala.

Margie não guardou aquela carta entre as páginas da Bíblia. Em vez disso, escondeu sob o colchão, mas Alfie conhecia todos os esconderijos dela e esperou para ler quando estivesse fora. Ele releu cinco vezes; cada vez ficou mais e mais triste.

Depois disso, Margie não deixou que lesse nenhuma das cartas que chegavam, mas as escondia no mesmo lugar, então ele sempre sabia onde encontrá-las e onde escondê-las outra vez, quando ouvia a mãe o chamar de algum canto da casa.

Meu Deus, Margie, o que estou fazendo aqui? É medonho. Fiz coisas terríveis. Às vezes não consigo acreditar no que me tornei. Penso em você e

— Alfie! Cheguei! Você está no quarto? Desça para me contar como foi seu dia!

Eles dizem que estamos chegando perto das linhas belgas, mas é difícil acreditar que estamos chegando a qualquer lugar. Cavamos mais trincheiras e deixamos as de antes

desmoronar sozinhas. Aí esperamos escurecer e o cabo Moody decide de quem é a vez de sair da trincheira. Grupos de dez. Mais dez na escada. Mais dez no fundo da trincheira. Não adianta reclamar. Às vezes eu acho que seria mais fácil se

— Alfie! Atenda a campainha, por favor! É o leiteiro, diga que eu pago na semana que vem.

Meu amor, ontem à noite me mandaram a campo com uma maca para recolher os mortos. Foi porque peitei o sargento. Ele não bate bem da cabeça, aquele lá, se você quer saber. Recolhi seis corpos — horríveis de ver, todos eles. Mas os trouxe de volta e sobrevivi. Só um de cada cincoaqueiros sobrevivem à noite. Eles quase sempre mandam os objetores, não a gente. Eu trouxe um moleque de volta, Margie, e o joguei com os outros corpos. Eles estavam empilhados como se fossem sacos de lixo. Quando me afastei, vi que ele abriu um dos olhos. Quase gritei por causa do

— Alfie! O chá está pronto. Cadê você, está no quarto? Vai esfriar!

Agora tem um monte de coisa acontecendo aqui, Margie. Oito batalhões diferentes misturados. Aconteceu algo uns dias atrás, uma situação muito ruim nas trincheiras alemãs. Alguns dos nossos dominaram a trincheira e quatro soldados receberam ordens para ficar lá de guarda. Quando voltamos, soubemos que um menino alemão tinha sobrevivido e eles atiraram nele. E agora está o maior

inferno de discussão sobre certo e errado. Um cara diz que é uma vergonha e quer que o sargento tome alguma providência. Outros dizem que não importa, que isso está acontecendo o tempo todo, e que diferença faz? Eu não sei. Acho que, se estava sozinho e desarmado, eles deveriam ter aprisionado o garoto. Existem regras, não é? E

— Alfie!

Já fazia um ano que Georgie tinha parado de escrever — ou Margie encontrara algum outro lugar para esconder as cartas, mas Alfie achava que não era o caso, pois havia procurado por toda parte. A última carta sob o colchão dela era a mais confusa de todas. Alfie a releu tantas vezes que poderia recitá-la de memória, mas, ainda assim, nenhuma das palavras e frases fazia muito sentido para ele.

... sair daqui, vou? Eles estão por todos os lados, todos os lados. Comendo nos meus pés. Minhas pernas doem. Bonzo Daly não cobriu os latões de leite e os pássaros estragaram tudo. Pare com isso, pare com isso. Você ouviu essa, não ouviu? Margie, se você fosse a única garota no mundo e eu fosse o único garoto. E com quantos ele está agora, oito? Deve estar enorme. Não o reconheceria. Atiramos nele, atiramos sim, porque ele estava reclamando de tudo. Eu não queria ter nada a ver com isso, mas o sargento disse que eu não tinha escolha, que senão eu também acabaria na corte marcial. A expressão no rosto de Sadler depois! Me fez rir, fez sim. Nada mais teria importância no mundo hoje. Fique onde está e então corra — é o que ele fica repetindo e repetindo. Fique onde está e então corra. Não faz sentido. Podíamos continuar

amando que nem antigamente. Não posso dormir, posso? A culpa é sua, a culpa é toda sua. Essa dor de cabeça não passa. O que foi que Wells cantou naquela noite? Se você fosse o único alemão na trincheira e eu tivesse a única bomba... me ajude, Margie. Me ajude. Disseram que ia acabar antes do Natal. Só não disseram qual Natal. Para todo lugar que eu olho, tudo o que vejo é

Depois não chegou mais nenhuma carta e tudo ficou em silêncio.

Margie assou um bolo para o nono aniversário de Alfie. Ele não sabia onde ela tinha encontrado a farinha e o creme, mas conseguira os ingredientes de algum jeito. Alfie tinha ouvido falar que a sra. Bessworth, da mercearia, tinha alguns contatos no mercado negro. Vovó Summerfield veio para tomar chá, assim como o velho Bill Hemperton, exatamente como tinham feito quatro anos antes, quando a guerra estourou. Kalena e o sr. Janáček não estavam, claro. Ninguém parecia muito disposto a celebrar. Alfie leu o cartão de aniversário que ganhou; estava escrito “Feliz aniversário, Alfie! Com amor, mamãe e papai”. Joe Patience passou um punhado de bala de maçã pela fresta de cartas na porta e ninguém conseguia imaginar onde ele tinha arranjado os doces. Vovó Summerfield queria que Alfie jogasse tudo fora, mas Margie insistiu que ele tinha permissão para ficar com eles.

— O que você está fazendo? — ele perguntou para a mãe naquela noite, depois que todos tinham ido embora. Margie estava sentada com uma cesta de roupas perto do lampião a gás e segurava uma camisa diante do rosto, enquanto sua agulha de costura entrava e saía do tecido.

— O que você acha que estou fazendo? Estou costurando.

— De quem são essas roupas?

— Não são nossas, com certeza. Você viu a qualidade delas? — Ela estendeu a camisa para Alfie sentir a textura, mas ele sacudiu a cabeça.

— De quem são essas roupas? — ele perguntou outra vez.

— Ah, você não conhece — ela disse. — Ela se chama sra. Emberg. É amiga da sra. Gawdley-Smith. Muito bem de vida. Falou que vai me pagar cinco centavos por cada cesta que eu costurar. Qualquer meio centavo ajuda, Alfie.

— Então você trabalha dia e noite como enfermeira, lava roupa para fora e agora também costura para uma mulher rica — respondeu Alfie.

— Ah, Alfie.

— Mãe, onde está o papai?

Margie derrubou a agulha no chão, que fez um som miúdo ao atingir a pedra da lareira. Ela não tinha turno no hospital naquela noite; tinha trocado com outra moça por causa do aniversário do filho.

— Você sabe onde ele está — ela disse. — Por que me faz uma pergunta boba dessas?

— Diga a verdade desta vez.

Margie não falou nada durante um momento; ela pegou a agulha e estendeu a camisa quase pronta à sua frente.

— Preciso fazer seis destas até o fim do mês — ela comentou, sacudindo a cabeça. — Não ficou ruim, ficou? Eu disse que sempre quis encontrar alguma coisa em que fosse boa. Talvez seja isso. Estou apostando corrida com a vovó Summerfield. Você sabia que ela tricotou trinta pares de meias no mês passado? Dá um par por dia. Com aquela vista ruim e tudo! Às vezes eu acho que ela reclama só para chamar atenção.

— Mãe! — insistiu Alfie, puxando a manga dela. — Onde está o papai?

— Ele foi para a guerra, não foi? — ela retrucou, agora se virando para ele, a voz ficando fria. — Ele está lá naquela maldita guerra.

— Ele nunca mais escreveu.

— Agora ele não pode.

— Por que não pode?

— Porque está em batalha.

— Então, como podemos saber?

— Como podemos saber o quê?

— Como podemos saber se ele está bem?

— É claro que ele está bem, Alfie. Por que não estaria?

— Talvez ele esteja morto.

E então aconteceu uma coisa horrível. Margie jogou a costura para o lado, levantou-se em um salto e deu um tapa bem forte no rosto de Alfie. Ele piscou várias vezes, surpreso. Georgie e Margie nunca tinham batido no filho, nem quando ele era muito pequeno e fazia manha. Ele colocou a mão na bochecha e sentiu a dor

aguda, mas não emitiu nenhum som. Não tinha acontecido nada como aquilo desde que o monstro do sr. Grace o fez estender a mão para seis golpes da Excalibur e sorriu enquanto lhe batia, as veias roxas daquele nariz de beerrão pulsando de prazer.

Logo em seguida, Margie caiu no choro. Ela o envolveu nos braços e o puxou para bem perto, e ele pôde sentir a umidade do rosto dela contra seu ombro.

— Ah, Alfie — ela disse. — Desculpe, meu amor. Não fiz por mal. Fiquei nervosa, só isso. Não fiz por mal, juro que não fiz por mal.

— Onde está o papai? — ele perguntou de novo, e Margie se afastou, segurando-o pelos ombros e olhando diretamente em seus olhos. As chamas da lareira destacavam as marcas de lágrima nas bochechas dela.

— O quê? — ela disse.

— Eu quero saber onde o papai está — ele respondeu. — Quero saber por que não escreve faz quase um ano.

— É claro que ele escreve, Alfie — disse Margie, com nervosismo.

— Então cadê as cartas? Você guardava todas debaixo do colchão, mas não apareceu nenhuma nova desde...

— Que história é essa de olhar debaixo do meu colchão? — exaltou-se Margie. — Bisbilhotando as minhas coisas?! Sinceramente, Alfie, eu devia...

— Se ele escreve, onde estão as cartas?

Margie deu de ombros e parecia tentar encontrar uma boa resposta.

— Eu não sei — ela disse, enfim. — Devo ter perdido. Jogado fora.

— Não acredito — bradou Alfie. — Você não faria isso. Sei que não faria. Diga a verdade! Você não para de falar sobre a missão secreta, mas nunca explicou nada.

Margie enxugou o rosto e sentou outra vez na poltrona.

— Está bem — ela disse, finalmente. — Ele não está mais na batalha, você está certo. Mas ele não tem tempo para escrever. Um homem do Departamento de Guerra veio me visitar. Disse que seu pai é um dos soldados mais corajosos que eles já viram e que por isso deram a ele novas ordens. Seu pai vai fazer o que puder para dar um fim à guerra.

— Em que tipo de missão ele está? — perguntou Alfie.

— Ele se recusou a me dizer — respondeu Margie. — Mas tenho certeza de que é muito importante. A questão é que, até a guerra acabar, seu pai não tem permissão para escrever para nós.

Alfie pensou naquilo.

— Quando ele veio? — ele perguntou.

— Quem?

— O homem do Departamento de Guerra.

Margie inchou as bochechas de leve e desviou o olhar.

— Ah, não me lembro — ela disse. — Já faz meses.

— Qual era o nome dele?

— Não lembro. Que diferença faz?

— Por que você não me contou que ele veio?

— Porque eu não queria te deixar preocupado. Sei que você é muito inteligente, Alfie, mas tem só nove anos. E tinha oito quando aquele homem veio. Existem algumas coisas que...

— Você contou para a vovó Summerfield?

— Não, é claro que não.

— Mas ela já é adulta.

Margie pareceu desconcertada e se levantou fazendo “não” com a cabeça.

— Alfie, não vou continuar esta conversa. Você perguntou onde está seu pai e eu acabei de falar. Ele está em uma missão secreta. Agora, por favor, podemos encerrar o assunto?

Alfie não se incomodou de encerrar o assunto. Não adiantava fazer mais perguntas; mesmo se fizesse, tinha certeza absoluta de que Margie não contaria a verdade. Nenhum homem do Departamento de Guerra tinha visitado a casa deles. Talvez houvesse várias missões secretas acontecendo, mas seu pai não fazia parte de nenhuma delas. E, onde quer que ele estivesse, Margie sabia, mas não queria dizer. De qualquer jeito, Alfie não tinha a menor dúvida de que descobriria tudo se conseguisse juntar as peças, uma de cada vez.

Porém, até agora, ele não tinha avançado muito nas investigações. Nenhuma outra carta tinha chegado, e sempre que Alfie flagrava a mãe e vovó Summerfield conversando sozinhas, elas paravam e começavam a falar do tempo ou de como era difícil conseguir maçãs frescas.

Na verdade, Alfie não tinha chegado nem um pouco perto de descobrir onde seu pai estava até aquele dia na King's Cross, quando engraxou os sapatos do médico do Exército e seus papéis se espalharam pelo pátio.

HOSPITAL DE EAST SUFFOLK E IPSWICH

Summerfield, George

Nasc.: 3/5/1887

Nº: 14 278

E foi naquele momento que ele soube que suas hipóteses estavam certas e erradas. Seu pai não estava em uma missão secreta. Tampouco estava morto. Ou na França.

Tinha voltado à Inglaterra.

E estava no hospital.

OLÁ, QUEM É A SUA AMIGA?

Margie ficou surpresa quando abriu a porta do quarto e encontrou Alfie lendo na cama, mas ele já estava acordado havia quase uma hora.

— Você está bem? — ela perguntou, colocando a mão na testa dele para verificar a temperatura. — Não está ficando doente, está?

— Estou bem — disse Alfie. — Acordei cedo, só isso.

— Que milagre! — Ela olhou à volta e cheirou o ar, franzindo as sobrancelhas. — Por que aqui está sempre cheirando a graxa? Não faz sentido, seus sapatos estão sempre tão surrados... Bom, seu café da manhã está na mesa. Vou comprar um pouco de frango para o jantar de hoje. Ouvi falar de um açougueiro em Pentonville Road que talvez receba um carregamento. É o que estão dizendo, pelo menos. Ele é irmão de uma das enfermeiras do centro cirúrgico 2 e prometeu separar um pouco para nós.

— Frango? — perguntou Alfie, surpreso, levantando uma das sobrancelhas. — Não custa muito caro?

— Tinha um pouco mais do que eu esperava na minha bolsa, hoje de manhã — disse Margie, dando uma piscadela. — Engraçado como isso sempre acontece. Você sabia que esta semana consegui pagar quase todas as contas e o aluguel? E a boa notícia é que não vou trabalhar hoje à noite, então podemos ficar aqui e comer juntos, só nós dois.

Alfie franziu a sobrancelha. Em qualquer outro dia, ele teria ficado contente com aquela notícia, mas hoje não tinha certeza se era bom. Afinal, não sabia a que horas estaria em casa. Ele tinha planos. Planos muito sérios. Sua própria missão secreta.

— Ah — ele disse, desviando o rosto para que Margie não percebesse que estava mentindo —, mas eu prometi à vovó que jantaria com ela.

— Ela não comentou nada comigo.

— Deve ter esquecido. Como na semana passada, quando ela se esqueceu de dizer que gostou daquele vestido novo que você usou.

— Não foi esquecimento — disse Margie, revirando os olhos. — Ela falou que eu não deveria aceitar caridade da sra. Gawdley-Smith. Mas, se ela ia jogar fora mesmo e não se incomodava que eu ficasse com ele, por que eu não ficaria? Não posso andar por aí nesses trapos para sempre, posso? A cavalo dado não se olha o dente.

— Mas não somos mendigos.

— Foi o que sua avó disse. Mas ainda estamos perigosamente perto da miséria, Alfie. Perigosamente perto. — Margie adorava essa frase. — De qualquer jeito, você não pode ir outro dia? Não é sempre que estou livre à noite.

— Vou perguntar para ela — disse Alfie, levantando as cobertas e saindo da cama. — Mas, se eu não estiver aqui quando você chegar em casa, quer dizer que ela ficou chateada e eu precisei ficar lá.

— Tudo bem, então — respondeu Margie. — Faça o que for possível. Tomara que eu possa te ver mais tarde.

Ela saiu do quarto e Alfie a ouviu varrer o corredor antes de ir para o trabalho. Ele se sentiu um pouco culpado por deixá-la triste, mas era por um bom motivo, disso tinha certeza. Correu para fora do quarto, disparou escada abaixo, foi até a casinha no fundo do quintal, voltou antes que o frio congelasse seus dedos e subiu de novo para o quarto, onde pegou o saquinho de moedas na gaveta de meias e derramou o conteúdo na cama.

Contou o dinheiro. Tinha economizado desde o primeiro dia de trabalho como engraxate e agora tinha quase oito xelins. Oito xelins! Nunca contara antes, pois tinha medo de saber quanto tinha, perder a cabeça e gastar tudo. Mas sempre teve a sensação de que um dia precisaria daquele dinheiro; só não sabia quando nem por quê. E o tal dia finalmente tinha chegado.

Na cozinha, comeu, lavou-se rapidinho perto da pia e penteou bem o cabelo — se tivesse a aparência de um menino respeitável, haveria menos chance de alguém o impedir. Satisfeito, vestiu os sapatos, guardou um punhado de moedas no bolso e saiu de casa.

Ao descer a rua Damley, viu Joe Patience fumando na porta de casa; no mesmo instante, uma caminhonete do Exército virou a esquina. Alfie ficou paralisado. Olhou de relance para Joe, que devolveu o olhar com uma expressão vazia, mas então seus olhos acompanharam os de Alfie e observaram o veículo, que diminuía a velocidade. Frestas começaram a se abrir em todas as cortinas da rua. Em seguida, as portas se abriram uma a uma e as mulheres saíram, trocando olhares amedrontados, o rosto

pálido e branco. Joe voltou para dentro e ficou no corredor, mantendo a porta aberta, mas longe da vista dos vizinhos.

“Não eu”, estavam todos pensando.

“Pelo amor de Deus, não eu.”

“Não hoje.”

O carro parou na frente de Alfie, a janela foi baixada e um oficial o encarou enquanto ele se espremia contra a parede.

— Aqui é a avenida Damley? — o homem perguntou, e Alfie respirou aliviado. Ele só precisava de orientações.

— É a rua Damley — ele respondeu, as palavras prendendo um pouco na garganta.

— O que disse, garoto?

— Aqui é a rua Damley — ele repetiu. — Para chegar à avenida, o senhor precisa seguir até o fim da rua, virar à esquerda e depois entrar na primeira à direita. Não tem como errar.

O homem meneou a cabeça, subiu o vidro outra vez e o carro foi embora. As mulheres voltaram para dentro, deixando apenas Alfie e Joe Patience olhando um para o outro.

— Sobrevivemos para lutar mais um dia — disse Joe, com o tipo de sorriso que não é um sorriso de verdade. Alfie percebeu que um de seus dentes da frente estava faltando e que ele tinha um olho roxo, mas que não era bem roxo; era roxo, verde e amarelo. — Tudo bem, Alfie?

— Tudo bem, Joe.

— Você está curioso, não está? Quer saber o que fizeram comigo? Bem feito para mim, por atender a porta depois de escurecer.

Alfie encarou Joe sem entender o que ele estava dizendo, mas não tinha tempo de descobrir. Ficaria ocupado o dia inteiro. Ele acenou apressado com a cabeça e correu pela rua, virou à direita e seguiu para a King's Cross.

Chegou mais rápido que de costume, pois não trazia consigo a caixa de engraxar, que sempre parecia ficar mais pesada na metade do caminho entre sua casa e o trabalho. Quando entrou na estação, deu uma espiada no seu lugar de sempre, que agora estava vazio; perto dele e olhando à volta estava o sr. Podgett, o banqueiro cujo filho Billy torcia para que a guerra nunca terminasse. Ele conferia o relógio de pulso, provavelmente esperando para engraxar os sapatos, mas logo desistiu e

desapareceu na multidão. Alfie marchou até o guichê, mais alto do que ele, e esperou sua vez.

— Quanto custa até Suffolk? — ele perguntou, sem conseguir ver a pessoa atrás do balcão.

— Quem está falando? — veio uma voz de mulher, e ele repetiu a pergunta.

— O garoto quer saber quanto custa uma passagem para Suffolk — disse o homem atrás de Alfie na fila. — Ele é pequeno demais para você ver.

— Três centavos ida, cinco centavos ida e volta, assentos para o dia todo — respondeu a voz sem corpo. Alfie pôs a mão no bolso. Com cuidado, tirou um centavo, dois meios centavos e doze quartos de centavos e passou a mão por cima do balcão para entregar o dinheiro.

— Valha-me Deus — disse a voz da mulher.

Ainda assim, ela recolheu todas as moedas e ele ouviu o som de uma registradora sendo usada. No instante seguinte uma passagem caiu na fenda e ele estendeu o braço para pegar.

— É melhor você crescer um pouco, garoto — disse o homem atrás de Alfie quando ele se virou para sair. — Fica tudo mais fácil.

Alfie teve vontade de mostrar a língua para ele, mas decidiu não fazer isso. Era o tipo de coisa que crianças faziam, e hoje ele não era uma criança, e sim um adulto, pois o que ia fazer era uma coisa muito adulta.

Levantou o rosto para ler o quadro de informações da estação, mas não encontrou nenhum trem cujo destino fosse Suffolk. Então viu um que ia para Ipswich, saindo da plataforma 2 dali a alguns minutos; foi até lá e observou o trem, sem saber se deveria arriscar — mas o hospital se chamava East Suffolk e *Ipswich*, afinal.

— Vai embarcar ou não? — perguntou o condutor, dando toquinhos em seu ombro enquanto conferia o relógio de pulso. — Seja rápido, garoto. Vai partir em um ou dois minutos.

— Vou embarcar — disse Alfie, arriscando.

Alfie nunca tinha entrado em um trem antes e, apesar da importância daquela missão secreta, não conseguiu evitar o entusiasmo de estar sentado em um vagão, esperando que o maquinista apitasse e o trem começasse a andar. Ele se lembrou de quando seu pai contara que, antes do emprego na leiteria, tinha pensado em trabalhar com trens. Alfie imaginou se as coisas teriam sido diferentes se ele tivesse conseguido. Uma vez, tinha lido no jornal que certos “prestadores de serviços

essenciais” escapavam do alistamento obrigatório se oferecessem “suporte de grande valor no front doméstico”, e sabia que maquinistas e condutores faziam parte desse grupo de elite. Mas, em seguida, lembrou-se que seu pai não tinha sido obrigado a se alistar, mas fora voluntário, então isso não faria diferença.

Alguns minutos depois, o trem começou a se movimentar sobre os trilhos e Alfie olhou pela janela enquanto a velocidade aumentava. Ele decidiu que aquela era a coisa mais empolgante que já tinha acontecido com ele em sua vida *inteira*. Observou a paisagem durante um bom tempo, até seu pescoço começar a doer, e então se virou e reparou pela primeira vez na jovem que estava com ele no vagão. Estava sentada à sua frente, mas não perto da janela, e lia um livro chamado *A natureza extraordinária da mente humana*, escrito por um dr. F. R. Hutchison. Alfie não tinha certeza de como pronunciar a terceira palavra do título e tentou fazer o movimento com a boca. Depois de um instante, a moça se virou e olhou diretamente para ele.

— Você está passando bem? — ela perguntou.

— Sim, obrigado — disse Alfie, desviando o rosto, constrangido, e olhando pela janela outra vez. Sentiu os olhos dela ainda o observando.

— Você tem alguma coisa para ler ou vai ficar com os olhos grudados no meu livro a viagem toda?

Alfie não disse nada. Desejou ter levado consigo *Robinson Crusóé*.

— Está viajando sozinho? — ela continuou, depois de um tempo.

Ele se virou para a moça outra vez, engolindo em seco, e fez que sim com a cabeça.

— Incrível — ela comentou. — Quantos anos você tem? Dez?

— Nove — disse Alfie, muito lisonjeado. Ela achava que ele tinha dez! Era um triunfo absoluto.

— Quer dizer que deixam meninos de nove anos viajar de trem sozinhos? Não teria acontecido quando eu era pequena, vou te contar. Lembro quando meu irmão, Will, fugiu de trem certo dia e... — Ela parou de falar e deu de ombros. — Sim, bem, isso foi muito tempo atrás. Tenho certeza de que você não quer ouvir.

— Quantos anos ele tinha? — perguntou Alfie.

— Quantos anos quem tinha?

— Seu irmão. Quando viajou sozinho de trem.

— Era alguns anos mais velho do que você, se bem me lembro. Catorze ou

quinze, eu diria. Ele pôs na cabeça que queria passar o dia em Londres. Voltou embriagado e cheirando a perfume feminino. Foi um verdadeiro tumulto. Me lembro dele sentado na poltrona da sala enquanto meus pais davam uma tremenda bronca, e tudo o que ele fazia era rir baixinho. Achei a coisa mais engraçada que já tinha visto. — Ela riu e desviou o olhar por um momento, perdida em seus pensamentos, antes de arregalar os olhos, piscar furiosamente algumas vezes e olhar para Alfie outra vez, sorrindo. — Espero que você não tenha planos como esse, ou tem? Você é novinho demais para esse tipo de depravação. Qual é o seu nome, aliás?

— Alfie Summerfield.

— O meu é Marian Bancroft — disse a jovem. — Pode me chamar de Marian, se quiser. Não sou de fazer cerimônia. Ou srta. Bancroft, se isso te deixar mais à vontade. É um prazer. — Ela estendeu a mão e Alfie ficou apenas olhando, sem saber o que era esperado dele em seguida. — Nunca te ensinaram que é falta de educação não aceitar uma mão estendida?

Alfie estendeu a mão também e cumprimentou a srta. Bancroft. Nenhum adulto tinha pedido que ele fizesse aquilo antes, mas já tinha visto fazerem entre eles milhares de vezes.

— Muito bom — ela disse, fazendo um aceno positivo com a cabeça. — E para onde você está indo?

— Suffolk — ele respondeu.

— Você sabe que este trem vai para Ipswich, não sabe? Mas é tão lento que eu vou ser uma senhorinha quando chegarmos. Era mais fácil quando o trem partia da rua Liverpool, claro, mas desde os bombardeios tudo foi desviado e você nunca sabe aonde precisa ir para pegar o trem. Tudo fica mudando e os funcionários da estação são o cúmulo da inutilidade. Seria melhor pedir informações para um coelho. Hoje estive em Paddington e em Victoria antes de finalmente descobrir que eu deveria vir para a King's Cross, você acredita? Mas acho que não é certo reclamar. Aquilo foi uma coisa horrível.

Alfie fez que sim com a cabeça. Ele se lembrava de ter lido sobre o assunto no jornal, no ano anterior. Um esquadrão de aviões alemães jogou bombas na estação da rua Liverpool, matando e ferindo uma grande quantidade de pessoas. A mãe de um dos garotos da sua sala morreu, assim como o irmão do diretor, Maxwell. No total, cento e sessenta e dois mortos e mais de quatrocentos feridos. *Mais nomes e números*, pensou Alfie.

— Você aceita uma bala? — perguntou Marian, colocando a mão na bolsa e pegando um saquinho de papel branco cheio de balas de maçã, que ofereceu a ele. Estavam todas grudadas umas nas outras e Alfie precisou fazer força para separar duas. — Ah, fique com ambas — disse Marian, sacudindo a mão. — Pegue três. Pegue todas, se quiser. Já comi mais do que deveria, mas sou viciada nelas. Vou me transformar numa bala de maçã, se não tomar cuidado. Devo ser a única pessoa na Inglaterra que está engordando durante a guerra. Todas as outras parecem bem subnutridas.

Alfie pegou duas, jogou a primeira na boca e guardou a segunda no bolso, para mais tarde.

— Vai ficar cheia de fiapos — disse Marian, franzindo as sobrancelhas. — Você vai precisar lavar antes de comer, ou pode ficar doente.

Alfie concordou com a cabeça. Antes, quando o sr. Janáček ainda tinha a loja de doces, Georgie costumava comprar duzentos e cinquenta gramas de balas de maçã toda manhã de sábado, quando ia buscar o jornal. Ele voltava com o jornal dobrado ao meio e Alfie ficava perto com um sorriso imenso até o pai abrir as páginas. “Olhe só o que eu trouxe para você”, ele dizia ao revelar o pacote escondido lá dentro.

— Em todo caso, Ipswich fica bem perto de Suffolk — continuou Marian —, então você provavelmente está no trem certo. Falou com algum condutor?

— Sim — disse Alfie.

— Você disse para onde queria ir?

— Não.

— Pois esse foi seu erro. Não é bom embarcar em um trem sem saber com certeza absoluta se o destino é o certo. Fazer do jeito que você fez é o que leva uma pessoa até Edimburgo quando ela na verdade tinha planejado ir para a Cornualha. Está gostando da bala? Está fazendo bastante barulho. Aprenda a chupar sem fazer esse som horrível com a boca, assim você vai fazer mais sucesso com seus companheiros de viagem.

Alfie não sabia como comer fazendo menos barulho, então engoliu a bala de uma vez. Isso provocou um desagradável som de “gulp” que fez Marian estreitar os olhos e encará-lo como se estivesse pensando em trocar de vagão (o que ele torcia para ela fazer).

— O que tem em Suffolk, afinal? — ela perguntou. — Você tem uma namorada lá?

— Não — disse Alfie, ficando muito, muito vermelho.

— Estou só brincando. Namorados não valem a dor de cabeça que causam, acredite em mim. O meu me trocou por outra, mas você não quer ouvir sobre ele, não é? Me conte, o que te leva lá?

Alfie pensou na pergunta. Ele não tinha planejado revelar sua missão secreta a ninguém. Nem a Margie, nem ao velho Bill Hemperton, nem à vovó Summerfield, nem a Joe Patience. Mas achou que não causaria nenhum mal contar a uma estranha, especialmente aquela, que parecia saber tudo sobre tudo.

— O hospital East Suffolk e Ipswich — ele disse, baixinho.

— Ah! — ela se surpreendeu, arregalando os olhos. — Hospital East Suffolk? Ora, eu também estou indo para lá! Que coincidência! Ou talvez não, já que estamos seguindo na mesma direção. Mas por que um menino da sua idade iria ao East Suffolk? Você é um pequeno gênio que virou médico aos cinco anos?

— Vou só conhecer.

— Conhecer? Lugar esquisito para conhecer. Mas tudo bem, não farei mais perguntas. Conte o que quiser e guarde o resto com você. Não tem tanta importância para mim. Estou indo para uma palestra, acredite se quiser. Um tédio assustador. Mas extremamente interessante, claro — ela acrescentou, e aquela contradição não fez muito sentido para Alfie.

— Que tipo de palestra? — ele perguntou.

Ela deu de ombros, pegou um maço de cigarros na bolsa, puxou um e o acendeu com um movimento rápido e fluido de polegar, punho e isqueiro. Quando a fumaça apareceu à sua frente em uma névoa repentina, ela sacudiu a outra mão para dispersá-la.

— Um hábito horrível — ela disse, mostrando o cigarro. — Nem comece. Eles dominam a sua alma. Você está mesmo interessado na minha palestra ou perguntou apenas por educação?

— Apenas por educação — respondeu Alfie.

— Ah, então está bem. Bom, vou contar de qualquer jeito, já que você perguntou. Acontece que eu trabalho com soldados que voltaram do front. Você sabe sobre o front, não sabe? Acho que todo mundo sabe. Você precisaria viver numa caverna para não saber. O problema é que eles voltam em condições terríveis, alguns deles. Então fazemos o possível para ajudar. Estou fazendo uma espécie de triângulo, se isso fizer algum sentido. Moro em Norwich, peguei o trem para Londres ontem, para

visitar uma amiga, uma garota odiosa com quem eu ia para a escola e que agora é uma das principais defensoras do movimento pelo Sufrágio. Você já ouviu falar no movimento pelo Sufrágio? Não, imagino que seja novinho demais, mas, se alguém perguntar, você é a favor, está bem? Como eu dizia, peguei o trem até lá e agora estou em um trem para Ipswich por causa dessa palestra. Um colega de um hospital em Manchester é quem vai ministrar. Ele deu uma dois meses atrás, à qual eu fui, e metade dos homens presentes dormiu. As mulheres, não. Nós prestamos atenção, veja bem. Qual é o sentido de ir até lá e não prestar atenção? Aí, hoje à noite volto para casa, em Norwich. Meu pai é vigário lá. Não ria.

Alfie fez que não com a cabeça. Ele não sabia por que ela achava que ele riria, ela não tinha dito nada engraçado.

— Posso te levar até o hospital, se você quiser — ela continuou. — Quero dizer, quando chegarmos. Não fica longe da estação, mas se você não souber para onde ir, talvez se perca. E não posso ficar com o peso na consciência de ter deixado um menino de dez anos vagar pelas ruas sem a menor ideia de como chegar ao seu destino.

— Eu tenho nove — disse Alfie, pela segunda vez.

— Bom, imagino que você logo terá dez. Meninos de nove anos geralmente fazem dez, em algum momento. São os de dezenove que têm dificuldade de fazer vinte. — Ela desviou o olhar para a janela durante algum tempo, piscando várias vezes, depois fechou os olhos com raiva, respirando forte pelo nariz. Em seguida, virou-se para Alfie outra vez e ofereceu alguma coisa próxima de um sorriso. — De qualquer jeito, se você se perder em Ipswich, pode ser que faça aniversário antes de encontrar o caminho de volta para casa. Então, estamos de acordo? Você me permite mostrar o caminho?

Alfie fez que sim, sentindo-se um tanto cansado com toda aquela conversa. Achou que uma sonequinha viria a calhar e se reclinou no assento, virando a cabeça para ver os campos passando na janela.

— Ah, então nosso papo acabou, é isso? — perguntou Marian, e Alfie se virou para ela e a viu sacudir a cabeça. — Estou só brincando. Vá em frente. Veja a paisagem passar. Fico feliz com minha própria companhia e com a do dr. F. R. Hutchison. Se você cair no sono, eu o acordo quando chegarmos lá. Ainda faltam pelo menos duas horas. Talvez mais. Os trens demoram séculos, hoje em dia. Não se preocupe.

Alfie concordou com a cabeça, reclinou-se outra vez e fechou os olhos. Na verdade, ele não estava com vontade de dormir, mas achou que se ouvisse aquela jovem falar por mais tempo talvez ficasse meio maluco. Ele nunca tinha ouvido ninguém falar tão rápido ou ter tanta coisa para dizer. Bocejou de leve e estava pensando em dormir quando um pensamento lhe ocorreu. Ele abriu os olhos e endireitou a postura.

— O hospital para onde estamos indo... — ele disse. — Que tipo de hospital é?

— Ora, um hospital para doentes, claro — respondeu Marian.

— Sim, mas que tipo de doentes?

— Soldados. Os que sobreviveram, mas que não estão se saindo muito bem na sobrevivência, se isso fizer algum sentido. Existe um termo para isso. Aliás, é sobre isso que trata minha palestra. É uma coisa terrível, mas que se tornou bastante comum. E existem pessoas que simplesmente se recusam a acreditar nisso, mesmo quando veem as provas.

Alfie olhava para ela com atenção. Estava quase com medo de perguntar.

— Qual é? — ele perguntou.

Marian Bancroft devolveu o olhar e sorriu — não um sorriso feliz, e sim do tipo que acompanha más notícias, apaziguador.

— Neurose de guerra.

Nenhum outro passageiro desceu do trem em Ipswich. Alfie olhou em volta, surpreso com a estação — que não parecia nem um pouco com uma estação. Para começar, não havia bancos nem guichês para venda de passagens ou engraxates à espera de clientes. O trem tinha simplesmente parado e deixado Marian e Alfie descer.

— É claro que esta não é a estação de verdade — explicou Marian, reparando na expressão espantada no rosto do menino. — A maioria dos trens não para mais nas estações, para reduzir os riscos de bombardeio. Eles param perto ou mais ou menos perto e você precisa andar o resto do caminho. Mas para nós foi muito conveniente, na verdade, pois o hospital não fica longe daqui.

— Mas como as pessoas sabem onde embarcar? — perguntou Alfie.

— Elas sabem, simples assim — respondeu Marian, dando de ombros. — No boca a boca. E, se você não souber, é só seguir até a próxima parada, onde quer que seja.

Uma via estreita ladeada por arbustos os conduziu até um cruzamento, onde o caminho se dividia em três direções diferentes, sem nenhuma sinalização para indicar por onde deveriam seguir.

— Foram todas removidas — disse Marian. — Já não existe quase nenhuma placa na Inglaterra, você não reparou? Não queremos que os infiltrados consigam encontrar os caminhos. Tem espiões por toda parte, ou pelo menos é o que dizem. Eu duvido, mas ninguém me ouve. Ainda bem que tenho senso de direção. Talvez eu tenha sido cão de caça em outra vida.

Ela escolheu o caminho mais à direita e manteve um ritmo acelerado, tagarelando sobre isto ou aquilo enquanto Alfie corria para acompanhá-la. Ela estava certa: o hospital não ficava longe e, depois de poucos minutos, as pedras rachadas e cheias de mato sob seus pés cederam espaço para uma estrada mais convencional. À frente deles estava, enfim, o hospital East Suffolk e Ipswich.

Alfie se sentiu apreensivo quando viu as paredes imponentes que cercavam o terreno da propriedade, a longa alameda que levava à entrada e o imenso prédio amarelado do hospital, que se parecia mais com um castelo do que com qualquer outra coisa.

— Você está passando bem? — perguntou Marian.

— Sim.

— Tem certeza de que quer ficar aqui? Outro trem volta para Londres daqui a pouco. Você pode voltar para onde desembarcamos e agitar os braços como um lunático quando ele aparecer no horizonte. O maquinista vai parar e deixar você subir. Provavelmente.

— Quero ficar.

— Vamos juntos, então? — ela perguntou. — Não tem utilidade nenhuma ficar aqui olhando como se fosse um cartão-postal.

— Acho que vou esperar mais um pouquinho — respondeu Alfie, ficando para trás, sentindo que talvez fosse melhor eles se separarem dali em diante.

— Bobagem! Não posso te deixar aqui sozinho. E não vai me dizer quem veio visitar, afinal? A gente talvez possa encontrar uma enfermeira para te ajudar.

— Eu prefiro entrar sozinho — disse Alfie. — Mas obrigado.

Marian consultou o relógio de pulso.

— Bom, se você tem certeza absoluta... A decisão é sua, claro. Mas vai precisar encontrar sozinho o caminho de volta para a estação. Você se lembra do percurso que fizemos? Tudo bem, então.

Ela estendeu a mão de novo e dessa vez Alfie aceitou sem precisar ser repreendido.

— Muito bom — ela disse, meneando a cabeça com firmeza antes de dar as costas para ele e marchar pela alameda.

Alfie a observou por um instante e depois se aproximou de um dos pilares do portão para que ninguém no hospital pudesse enxergá-lo caso olhasse naquela direção. Ele não queria ser visto por medo de ser expulso, mesmo sem ter noção de qual deveria ser seu próximo passo. Tinha planejado apenas chegar lá; depois disso... Bom, era impossível saber. De qualquer forma, havia apenas uma coisa a ser feita: ele precisava entrar.

Alfie começou a subir a alameda se sentindo um tanto exposto — afinal, era

bastante óbvio que um menino de calção, pulôver e boina chegando sozinho não era médico, paciente ou estudante.

O caminho em si era bem cuidado, uma linha reta que separava dois extensos gramados e conduzia até a entrada do hospital. A grama era mantida com muito zelo e não havia nenhuma flor à vista. Em vez disso, o campo tinha aquele aspecto listrado esquisito que os de muitas casas têm, que faz parecer que uma faixa da grama está inclinada para um lado e a outra, na direção oposta.

Quando ele chegou ao fim do trajeto, parou diante de um grandioso pórtico que levava até duas portas de carvalho abertas e se escondeu atrás de um pilar para decidir o próximo movimento. Duas jovens saíram usando uniformes de enfermeira bem diferentes do que Margie usava — elas não pareciam tão formais e as blusas eram mais soltas no pescoço — e ficaram tomando ar, fumando e ignorando a presença dele ali atrás.

— E onde estava o dr. Ridgewell quando tudo isso aconteceu? — perguntou a primeira moça.

— Onde você acha? — respondeu a segunda. — Na sala dele, com a cabeça baixa. Fora do caminho.

— E ele nem saiu para conversar com ela?

— No fim, não teve escolha. Ela disse que não ia embora até que ele viesse e que, por ela, podiam até chamar a polícia. Quando ele finalmente apareceu, você precisava ter visto a expressão no rosto dele! Furioso. “Por que você está causando tanto estardalhaço?”, ele perguntou.

— E o que ela respondeu?

— “Pela melhor razão do mundo. Por amor.”

Alfie ficou tão surpreso que perdeu o ar e cobriu a boca com a mão. Era a mesma frase que o sr. Janáček usava ao explicar o motivo de ter se mudado de Praga para Londres.

— Coitadinha — disse a primeira enfermeira, respirando fundo e sacudindo a cabeça. — Ela é muito dedicada a ele, não é?

— Ora, claro que é. É o marido dela. Você faria a mesma coisa pelo Frank, não faria?

— Sim. Eu sei que é uma coisa horrível de dizer, mas às vezes fico agradecida por ele ter sido ferido logo no começo. Isso deixou Frank longe da pior parte. Ele fica deprimido, claro, por não poder fazer a parte dele, mas eu digo: “Frank, você

precisa ver como estão aqueles infelizes lá no East Suffolk. É hora de agradecer a sua sorte”. Sou bem direta, Elsie. Ele precisa ouvir umas verdades, às vezes.

— Como anda a recuperação das pernas?

— Nada bem.

— E o ânimo dele?

— Pior ainda.

Alfie se esgueirou até o outro lado do pilar para que não o vissem e, enquanto elas estavam de costas, correu até o saguão, onde havia uma porta dupla de vidro, através da qual ele viu movimento — mais três enfermeiras entravam e saíam de quartos nos dois lados do corredor e uma quarta conversava a sério com um médico mais velho, que tinha barba branca e se parecia um pouco com o Papai Noel. Quando todos estavam distraídos, Alfie abriu as portas, correu para dentro e entrou no aposento logo à esquerda.

A primeira coisa em que reparou no hospital foi o cheiro. Uma mistura de produtos de limpeza, suor, sangue e sabe-se lá o que mais — alguma coisa repugnante que permeava o ar e lhe dava vontade de vomitar. Ele cobriu o nariz com a mão até conseguir se acostumar.

Olhando à volta, achou que estava em algum tipo de escritório. Havia uma mesa no centro da sala e nela estavam algumas canecas vazias e um bule coberto por um abafador de lã. Pendurado em uma cadeira estava um avental com uma estampa do mapa da Irlanda e as palavras PRESENTE DE SKIBBEREEN. Era uma sala de descanso, concluiu, não um escritório. Um lugar para onde as enfermeiras iam nos intervalos.

Um ruído à esquerda o fez se virar e ele viu uma chaleira no fogão, com vapor começando a sair do bico. No momento em que começou a apitar, ele se assustou, pois sabia que tinha apenas alguns segundos antes que alguém aparecesse e o descobrisse. Correu de volta para o corredor e foi um pouco mais para a frente, tentando ignorar o eco distante de gemidos que pairava no ar, um som difícil de decifrar, como se houvesse uma centena de pessoas angustiadas atrás de todas aquelas portas. Mergulhou em outra sala, dessa vez do lado direito do corredor, no mesmo instante em que ouviu passos correndo para onde ele tinha acabado de sair.

Depois de fechar a porta atrás de si, Alfie se virou com os olhos fechados de alívio e tentou recuperar o fôlego.

Quando abriu os olhos outra vez, viu que tinha entrado em um quarto. Um homem estava sentado numa cama perto da janela aberta, as pernas sob o cobertor, a camisa

do pijama desabotoada até a metade do peito. Ele tinha cabelo fino e grisalho, apesar de o rosto não parecer tão velho assim. Encarava Alfie com uma expressão de pavor, a boca escancarada, as mãos cobrindo as orelhas com força para bloquear o apito da chaleira, cujo guincho penetrava até mesmo ali. Alfie olhou para ele espantado, sem saber o que dizer, e apenas quando o apito parou, instantes depois, o homem tirou bem devagarzinho as mãos das orelhas e as pousou no cobertor. Ficou olhando para elas, a boca ainda aberta, e depois se virou na direção de Alfie, tremendo de leve.

Em uma cama oposta à dele, outro homem lia um livro. Quando ele terminava uma página, arrancava a folha, amassava e jogava no chão. Já havia dezenas espalhadas. Alfie estreitou os olhos para ver as palavras na capa. *Madame Bovary*.

— Onde está minha mãe? — perguntou o primeiro homem. Alfie se virou para ele e abriu a boca, sem saber o que dizer. — Ela está lá fora? — ele perguntou depois de uma pausa. — Ela disse que vinha hoje de manhã.

— Acho que não — disse Alfie. — Não vi nenhuma visita lá fora.

— Ei, você — disse o segundo homem, agitando a mão no ar como uma criança na sala de aula. Ele ergueu o livro. — Ela tem um amante, sabia?

— Faça parar, por favor — disse o primeiro homem, inclinando-se para a frente e fechando os olhos.

— Faça o que parar? — perguntou Alfie.

— O marido dela não sabe sobre o outro — riu o segundo homem. — Mas ela é francesa. E você sabe como as francesas são. Montam em qualquer coisa.

O primeiro homem deu um espasmo repentino para a frente e Alfie pulou de susto, abriu a porta e voltou apressado para o corredor; virou uma esquina e se viu em uma ala com dez camas, cinco de cada lado, todas ocupadas. O som de gemidos vinha dali, e cada um dos homens parecia estar com dores terríveis. Alguns tinham bandagens em volta da cabeça; outros tinham tubos no corpo, pelos quais sangue vermelho-escuro entrava ou saía. Alfie sentiu o estômago embrulhar de medo e olhou para o paciente deitado na cama mais próxima. Ele não tinha lençóis cobrindo o corpo e fazia pequenos movimentos, como se não suportasse mais ficar naquela posição. Alfie o fitou. Havia alguma coisa estranha, mas ele levou um tempo para perceber o que era: o homem não tinha o braço esquerdo, apenas um toco que terminava antes do cotovelo, e a perna direita tinha sido amputada acima do joelho. As duas feridas estavam expostas e havia um carrinho com bandagens limpas ao

lado da cama; alguém devia estar cuidando dele até que foi chamado às pressas. A pessoa que respondeu ao apito da chaleira, talvez? Alfie tentou não encarar as partes inflamadas e carnudas onde os membros tinham chegado a um fim não natural, mas era difícil. Ele podia ver as suturas caóticas e a pele que tinha sido dobrada para dentro, deixando um nó enrugado e, no meio, algo parecido com uma unha preta. Bandagens amareladas estavam enroladas em sua cabeça e um tampão cobria um dos olhos. Alfie olhou para ele horrorizado e o homem se virou devagar, seu único olho piscando. Sua mão se estendeu rápido e segurou a de Alfie. O menino perdeu o ar e se debateu, mas o homem, apesar dos ferimentos, era forte demais e o arrastou para mais perto, sibilando alguma coisa sem voz. Alfie estendeu o braço para tentar se segurar em alguma coisa e puxar-se para longe da cama, mas sua mão bateu em um objeto solto — um frasco com um líquido amarelo-escuro que caiu, derramando o conteúdo no chão perto dos seus pés. Tentando se afastar do homem, ele escorregou no líquido e caiu; no mesmo instante percebeu que tinha aterrissado em uma poça da urina daquele homem e precisou se esforçar ao máximo para não gritar a plenos pulmões ao se levantar sem jeito e sair correndo do aposento.

Seu pai não podia estar ali. Não era possível. Ninguém podia ficar em um lugar como aquele e não enlouquecer.

De volta ao corredor, ele lutou para recuperar o fôlego. Achou que vomitaria quando viu as mãos molhadas, que em seguida enxugou na calça. Percebeu que tinha sangue também — sangue da urina do homem. Alfie deu meia-volta, desesperado para fugir daqueles horrores, e começou a seguir por outro corredor, agora confuso e desorientado, tentando entender por que tinha achado que seria uma boa ideia ir para lá. Suas pernas pareciam fracas, como quando ele teve aquele sonho em que não conseguia correr porque seus pés pesavam dez toneladas cada.

Desejou com todas as forças encontrar uma porta que o levasse para fora. Em vez disso, o corredor o levou para um posto de enfermagem e, mais à frente, outra porta dupla de vidro. Queria desesperadamente passar, mas havia duas pessoas no posto — um jovem médico e uma enfermeira — conversando em um tom preocupado. Se fosse naquela direção, eles decerto o veriam. Por isso, agachou-se na frente da mesa, agora contente por não ser alto o suficiente para ver por cima do balcão na King's Cross, pois aquela mesa tinha mais ou menos a mesma altura.

— Quais? — perguntou o médico, que falava com uma postura elegante. — Na ala B ou na ala C?

— Na ala C, doutor — respondeu a enfermeira com um sotaque irlandês, e Alfie se perguntou se ela era a dona do avental com o mapa estampado. — O dr. Edgerton diz que os quatro devem receber a avaliação final esta semana.

— Mas por que a pressa? Eles precisam de pelo menos mais um mês de recuperação.

— Precisam que voltem — ela disse e, apesar de Alfie não conseguir ver, sabia que dava de ombros. — É ridículo, claro, mas não sei o que fazer.

— *Eu* posso fazer alguma coisa — o médico insistiu, a voz demonstrando raiva.

— Então *faça*, Arthur — ela disse. — Eles não vão sobreviver a mais um mês lá. É quase um crime mandar esses homens de volta. Por Deus, se o Departamento de Guerra não tem nenhuma consideração pelo bem-estar deles, que pensem pelo menos nos outros soldados, que teriam a vida colocada em risco com a mera presença deles.

— Você está ensinando o padre a rezar a missa — respondeu o médico, irritado. — Pode deixar comigo, está bem? Vou fazer o que puder. Se for preciso criar caso, eu *vou* criar caso. E quanto àqueles sujeitos no terceiro andar? O que podemos fazer com...?

E foi nesse instante que Alfie, sem nenhum aviso, espirrou. Ele ficou petrificado. Fez uma careta, torcendo para não ter sido ouvido, apesar de saber que era quase impossível. Quando percebeu, o médico e a enfermeira tinham contornado a mesa e o encaravam.

— O quê...? — perguntou a enfermeira.

— Quem é você? — vociferou o médico, que parecia furioso por encontrar um menino de nove anos sentado no chão.

— Eu me perdi — disse Alfie.

— Se perdeu? Como se perdeu? O que está fazendo aqui, afinal? Responda, garoto!

Alfie disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Meu pai é o leiteiro — ele respondeu (o que não era totalmente mentira). — Estou ajudando a fazer as entregas. — (O que era.)

Os dois ficaram olhando para ele, em seguida olharam um para o outro e então para ele de novo.

— Os suprimentos são entregues na entrada de serviço do hospital — disse o médico, virando-se em outra direção —, como você já deveria saber. Volte por ali.

— Ele indicou uma porta lateral que levava para fora. — E não entre aqui nunca mais, ouviu? Há homens doentes neste hospital. Eles não precisam de uma criança correndo por aí, espalhando sabe-se lá quais doenças. Meu Deus, além de tudo você cheira mal. Está fedendo como se tivesse urinado nas calças. Você nunca toma banho? Saia daqui, pelo amor de Deus!

Alfie girou nos calcanhares e passou correndo pela porta, seu coração batendo desenfreadamente. Sua boina caiu e ele voltou para pegá-la. Por um instante, teve a impressão de que a enfermeira o olhava como se soubesse que ele tinha mentido, mas não ousou dizer nada, virou-se outra vez e correu para fora.

Estava um dia claro, surpreendentemente quente para o início de novembro, e Alfie puxou a boina para baixo, protegendo os olhos do sol. Suas mãos ainda fediam a urina e ele queria lavá-las; por isso, ao ver uma fonte no centro do gramado, correu até ela e mergulhou-as na água parada, pensando que, por mais fedidas que estivessem quando saíssem, não poderiam ficar piores do que estavam agora. Sacudindo-as para secar, ele observou o longo caminho de cascalho que seguia pela lateral do hospital e decidiu ver para onde ia.

Quando chegou a um aglomerado de árvores, olhou o entorno e suspirou, frustrado. Se virasse à esquerda, seguiria na direção da alameda, do portão de entrada, da estação de trem e de Londres — e sua missão secreta terminaria em fracasso. À sua direita estava o hospital, repleto daqueles pacientes horríveis, e nada neste mundo teria persuadido Alfie a voltar para dentro. Ele sentia pena dos soldados feridos, mas, de alguma maneira, não lhe pareciam humanos. Tentou entender por que os médicos não faziam mais por eles. Não havia nenhuma enfermeira na sala das dez camas, tampouco um médico para ajudar aquele pobre infeliz que ficou aterrorizado com o apito da chaleira. Ninguém cuidava deles? Não era o trabalho dessas pessoas? Será que era assim no hospital da mãe? Ele não conseguia imaginar que ela deixasse os pacientes sofrerem tanto quanto aqueles homens infelizes. Se seu pai estivesse *mesmo* ali, ele nunca o largaria naquela desgraça.

Alfie queria ser valente e continuar procurando, mas começou a sentir pânico por estar tão longe de casa. Nunca tinha se aventurado além dos arredores de Londres e agora tinha tomado um trem para outro condado, a mais de duas horas de distância. E a verdade era que estava apavorado. Odiava aquele hospital. Odiava o prédio, o

cheiro nojento, as pessoas horríveis, os gemidos medonhos. Odiava tudo aquilo e queria apenas ir para casa. Por alguma razão, Joe Patience, seu dente faltando e seu olho roxo, verde e amarelo lhe vieram à cabeça e ele se questionou por que não tinha se preocupado com o que acontecera com o amigo mais antigo de seu pai, por que não tinha perguntado se estava tudo bem. Georgie teria parado; Alfie simplesmente continuou andando.

Ele deu meia-volta e estava prestes a voltar por onde tinha vindo quando vislumbrou uma abertura nos arbustos à esquerda, duzentos metros à frente. As cercas vivas eram tão bem cuidadas quanto a grama e havia uma abertura do tamanho de uma porta, que levava a mais um jardim. Alguma coisa — espírito de aventura, talvez — o fez querer saber como era do outro lado.

A abertura o levou a um corredor de vegetação que se abria em várias outras direções, como um labirinto. Ele seguiu por uma delas, depois voltou, tentou a próxima e então seguiu por uma terceira. Somente quando chegou ao fim do caminho a vegetação se abriu por completo, revelando um belo jardim florido, cortado por alamedas que o dividiam em quadrados e com uma pequena lagoa ao fundo. Para sua surpresa — e temor —, havia outro grupo de homens ali. Meia dúzia deles, sentados em grandes cadeiras de rodas, a certa distância um do outro, todos usando roupão e segurando pesados cobertores com estampa xadrez sobre os joelhos. Um dos homens estava bem perto de Alfie e o menino olhou para ele, nervoso; o mais distante estava de costas, com um chapéu cobrindo a cabeça abaixada.

Alfie se escondeu entre os arbustos quando uma enfermeira passou entre os homens, dizendo algumas palavras para cada um antes de continuar seu trajeto. Ela desapareceu por outra abertura na cerca viva e Alfie saiu do esconderijo. Havia uma mesa pequena em um canto, e sobre ela estavam alguns livros e jornais, umas poucas maçãs e uma jarra de água. Ele se aproximou para ver. As primeiras páginas dos jornais tinham sido tiradas e tudo o que sobrou foram notícias um tanto sem importância, sobre problemas com mineradores e detalhes de um novo projeto de lei para educação que estava no Parlamento. Havia uma foto do rei Jorge e da rainha Maria em uma exposição e outra do príncipe de Gales fazendo um discurso para um grupo de enfermeiras. Alfie estava com sede e não conseguiu se conter. Pegou um copo limpo, serviu-se de água e bebeu tudo de uma vez, emitindo um satisfeito “Aaaah!” depois de terminar.

Ele se virou e olhou para o homem sentado mais perto, que o observava com

desconfiança. O rapaz tinha cabelo preto e ensebado caindo na testa e uma barba com várias falhas. Alguma coisa em seu rosto fez Alfie imaginar que o velho Bill Hemperton talvez se parecesse com ele quando era o jovem Bill Hemperton.

— Q-q-q-q-quem é você? — gaguejou o homem, olhando para o chão.

— Ninguém — disse Alfie.

— Você deve ser a-a-a-a-a-alguém.

Alfie pensou em repetir a história sobre ser o filho do leiteiro, mas por algum motivo não queria mentir para aquele homem, mesmo que não se tratasse de uma mentira completa.

— Estou apenas... — ele começou. — Estou procurando um paciente, só isso.

O homem assentiu e o chamou para mais perto com um movimento da cabeça. Alfie ficou na dúvida. O homem levantou a mão e gesticulou casualmente.

— Chegue mais perto — ele disse. Alfie se aproximou com cautela. — Mais perto — repetiu o homem. Alfie chegou mais perto e o homem repetiu, dessa vez quase cantarolando: — *Mais perto!* — Agora o rosto de Alfie e o do homem estavam quase lado a lado. O homem se virou de repente e agarrou o queixo do menino. — Eu não volto, você me ouviu? — ele sibilou, a voz baixa, saliva voando da boca e acertando o rosto de Alfie. — Eu não volto. Você não pode me obrigar! Leve um dos outros. Você não pode me obrigar, entendeu?

Alfie se desvencilhou, ofegante, e deu meia-volta em busca da saída, mas agora as cercas vivas pareciam mais densas e o sol brilhava com tanta ferocidade que ele não conseguia enxergar o que estava fazendo. Ele se virou outra vez e começou a ficar tonto, então escolheu uma direção e correu. Precisava ir embora. Tinha que voltar para casa. Não podia ficar nem mais um segundo naquele lugar horrível. Correu para um lado, certo de que voltaria para o ponto de partida — mas não: chegou ao outro lado do jardim, perto do homem na última cadeira, com a cabeça baixa e o chapéu para proteger do sol. Alfie passou correndo por ele, olhando para a frente. Não havia saída. Ele voltou. Dessa vez viu a saída à distância e respirou aliviado, vislumbrando o homem na cadeira de rodas por apenas um instante — que foi suficiente para o choque do reconhecimento atingi-lo. Então ele se virou e olhou.

O homem levantou a cabeça e Alfie perdeu o ar.

— Pai! — ele disse.

Georgie Summerfield estava sentado na cadeira de rodas, roendo as unhas enquanto olhava para o filho, os olhos se estreitando de leve como se estivesse na

dúvida sobre quem era. Depois fez que não com a cabeça e baixou o olhar para os chinelos. Estava mais magro do que Alfie se lembrava. As maçãs do rosto estavam mais protuberantes, seus olhos pareciam enormes e os lábios estavam muito brancos, com pequenos flocos secos incrustados na superfície.

— Pai, sou eu — o menino berrou, jogando-se para a frente. — Alfie!

Georgie parecia não reconhecê-lo e continuou a fitar os chinelos e a sacudir a cabeça. Começou a murmurar, mas Alfie não conseguiu escutar as palavras. Chegou mais perto para ouvir, mas nada parecia fazer sentido.

— ... no último, claro, onde eles guardavam as latinhas, quem era, era Humberside, ele sempre foi o melhor. Não, talvez não, tinha Petey também, ele foi pego no fim, ele afundou com um navio, foi o que ouvi, enquanto o resto de nós fazia Deus sabe o quê. “Fique onde está e então corra”, é o que eles ficavam repetindo e repetindo. Qual é o sentido, afinal? Havia uma... o que era? Uma toranja? Não, claro que não, não havia nenhuma toranja lá, estou enganado...

— Pai! — berrou Alfie, colocando as mãos nos ombros dele, que tinham perdido boa parte da massa muscular. Georgie costumava ter braços fortes, por levantar os latões de leite. — Pai, você não me reconhece? Sou eu, Alfie!

Georgie olhou para ele outra vez, mas não demonstrou nenhum sinal de reconhecimento. Ele sorriu e baixou o rosto de novo. Parecia prestes a recomeçar a falar, mas mudou de ideia e ficou quieto, sentado ali imóvel, sem falar nada, sem fazer nada, sem ver nada.

— Pai, por favor — sussurrou Alfie. — Eu vim até aqui para encontrar você. Para *salvar você*!

Mas Georgie apenas suspirou. Era como se não pudesse ouvi-lo. Alfie endireitou as costas e olhou em volta, desesperado. Estudou os outros homens, mas nenhum deles poderia ajudá-lo. Ele tinha encontrado o pai. Fizera aquela longa viagem e conseguira encontrá-lo. Georgie não estava em uma missão secreta para o governo — aquilo tinha sido uma mentira. Todo mundo sabia, menos Alfie. Mas que diferença fazia? Georgie nem o reconhecia mais. Não reconhecia o próprio filho.

— Pai... — ele suplicou.

Silêncio.

— Pai!

Ele sentiu as lágrimas se formando em seus olhos, mas estava determinado a não chorar. Em vez disso, manteve os pés firmes no chão e observou os homens se

balançarem nas cadeiras, alguns murmurando consigo mesmos, outros quietos. Então reparou mais uma vez na mesa com os jornais e a água e teve uma ideia. Correu até lá, pegou um dos jornais, dobrou ao meio e pôs a mão no bolso. Cruzou o jardim de novo e ficou de pé na frente do pai, com o jornal dobrado diante de si. Georgie olhou para o menino e então para o jornal e outra vez para o filho, com uma expressão curiosa no rosto.

— Olhe só o que eu trouxe para você — disse Alfie, abrindo o jornal e mostrando uma bala de maçã, aquela que Marian Bancroft lhe dera no vagão do trem e que ele tinha guardado no bolso para mais tarde.

Georgie observou a bala, seus olhos focando aquela pequena esfera verde, amarela e vermelha, e então sinais de reconhecimento apareceram lentamente em seu rosto. Ele engoliu em seco e olhou para o filho.

— Alfie — ele disse.

AH, QUE BELA GUERRA!

Alfie revirou os olhos, frustrado, enquanto esperava o discurso acabar. Tantas pessoas tinham se amontoado na King's Cross na última hora que se tornara quase impossível engraxar qualquer sapato. Por causa de todos os empurrões e esbarrões, ele mal conseguiu manter seu lugar de sempre entre as plataformas, o guichê e a lanchonete. A multidão ouvia um homem de pé sobre um caixote de madeira insistir que a guerra acabaria logo, que ninguém deveria perder as esperanças e que tudo estaria terminado quando chegasse o Natal. A maior parte do público o aplaudia e ovacionava. Alguns poucos gritavam ofensas, mas eram reprimidos pelas pessoas próximas.

Natal, pensou Alfie, sacudindo a cabeça e pegando uma das escovas de crina de cavalo para impedir que um homem gordo de terno preto pisasse nela e a destruísse. *Sempre vai terminar até o Natal*. Mas o que Georgie tinha escrito em uma de suas cartas? “Só não disseram qual Natal.”

Alfie tirou seu *Robinson Crusóé* do bolso e começou a ler, tentando ignorar o som de palmas e escárnio que parecia vir em quantidades iguais de todos os lados.

— Eu lhes digo, aqui e agora — rugiu o homem sobre o caixote —, que o sacrifício feito por todos vocês e por seus entes queridos será lembrado para sempre! — Sua voz subiu no “para sempre” e todo mundo aplaudiu. — Venceremos esta guerra com honra e traremos nossos meninos para casa! — Outra aclamação, mais empurra-empurra e dessa vez uma mulher quase caiu em cima de Alfie. Ela foi rude a ponto de apoiar as duas mãos na cabeça dele para recuperar o equilíbrio. Alfie ficou ultrajado, totalmente ultrajado. — Juntos, vamos em frente! — continuou o homem. — Unidos contra a tirania! Inabaláveis em nossa determinação! A vitória está ao nosso alcance. O fim está próximo! Mantenham firmes corações e mentes e terminaremos este conflito sem mais derramamento de sangue. Obrigado a todos!

A multidão urrou e jogou chapéus para o alto — exceto um homem perto de Alfie, que sacudiu a cabeça. Ele se virou, percebeu que o menino o observava e disse:

— O fim está próximo, é verdade. Mas não esse.

Alfie desviou os olhos e ficou contente ao perceber que a aglomeração estava começando a se dispersar. Ele conferiu o relógio grande acima do guichê: duas e quinze. Se a sorte estivesse ao seu lado, ainda daria tempo de ganhar um dinheirinho.

— Engraxate! — ele gritou, tentando colocar o máximo de força e determinação na voz, como tinha feito o homem do discurso, para ser ouvido pela multidão. — Engraxe seus sapatos aqui!

— Acho que vou querer engraxar os sapatos, meu jovem — disse uma voz atrás dele; Alfie se virou e ficou frente a frente com o próprio discursador, que o encarava com um sorriso no rosto. Era um homem alto e magro, com um bigode denso e cabelo preto e espesso, repartido de lado. Parecia cansado, como se há anos não tivesse uma boa noite de sono, mas havia vigor em seus olhos. Falava com um sotaque estranho, que Alfie não conseguiu reconhecer de imediato. — Tenho tempo, não tenho? — ele perguntou a um homem que levava uma valise e que olhou para o relógio da estação rapidamente antes de fazer que sim com a cabeça.

— Pouco — respondeu o homem. — Precisamos estar no Palácio às três.

— Tempo de sobra, então. Tempo de sobra — ele disse, sentando-se na cadeira dos clientes à frente de Alfie. — Aproveite para tomar um chá, Rhodhri, e deixe eu e o menino conversarmos. Nem sempre tenho a oportunidade de falar com os jovens. Qual é o seu nome, garoto?

— Alfie.

— É um bom nome — ele comentou, meneando a cabeça com um ar de sabedoria. — Quando eu era pequeno, tive um amigo chamado Alfie. Ele tinha seis cachorros, que se chamavam Alfie I, Alfie II, Alfie III e assim por diante, como se fossem reis.

— Hummm — disse Alfie, pensando que aquilo era um tanto ridículo. Até onde ele sabia, houve apenas um rei Alfredo: Alfredo, o Grande. Ele gostava do som. *Alfie, o Grande!*

— Em todo caso, hora de trabalhar, rapaz — continuou o homem. — Pontas bem lustrosas, por favor. Tire a poeira das laterais e faça alguma coisa para tirar esses arranhões nos calcanhares. Não economize na graxa!

Alfie concordou com a cabeça e separou as escovas e latinhas, colocando o pé esquerdo do homem no apoio.

— Eu talvez não devesse perguntar — disse o homem, depois de um momento —, mas você não deveria estar na escola? Ou será que todas as escolas de Londres

fecharam e ninguém teve a gentileza de me informar?

— Estou doente, senhor — respondeu Alfie.

— Então o que está fazendo aqui?

— Quer dizer, meu professor está doente. Fomos dispensados por hoje.

— Não acreditei em uma palavra. Mas não vamos discutir por causa de uma mentirinha de nada. Pelo menos você está trabalhando para ajudar sua família a pagar as contas, e não perdendo tempo vagando pelas ruas. Você dá o que ganha para ajudar sua mãe, não?

— Sim, senhor. Dou sim — respondeu Alfie, omitindo o fato de que tinha guardado um pouco dos lucros para a missão secreta e que agora guardava ainda mais para a missão secreta parte dois, que exigiria muito mais planejamento do que a primeira, mas era infinitamente mais importante. E consideravelmente mais perigosa.

— Bom garoto. E você oferece um serviço de qualidade, já pude perceber — acrescentou o homem, observando a habilidade com que as mãos de Alfie se moviam sobre os sapatos, acrescentando a quantidade exata de graxa aqui, limpando um pouco de lama ali, os panos e escovas dançando como se não dependessem dele. — Você deve fazer isso há algum tempo. Um verdadeiro profissional, não é mesmo?

— Obrigado, senhor — disse Alfie, batendo o dedo na ponta do sapato esquerdo para indicar que estava pronto. O homem tirou o pé e trocou pelo outro, e Alfie voltou ao trabalho.

— Meu primo Thomas engraxava sapatos na estação de trem em Llanystumdwy — comentou o homem, enquanto tirava um cachimbo do bolso e o acendia, esperando um momento para que a chama do fósforo alcançasse o fumo lá dentro. — Ele era um sujeito engraçado. Não cortava o cabelo porque tinha medo da tesoura do barbeiro. Achava que tinha terminações nervosas no cabelo, acredita? Isso já faz muito tempo, claro. Que agradável ficar sentado aqui. Não costumo ter tempo para ficar sentado sem fazer nada.

— Então o senhor tem um emprego? — perguntou Alfie. Tinha suposto que o homem não trabalhava, já que podia visitar estações de trem durante o dia e se exibir para todo mundo.

— Ah, sim, sim — ele respondeu.

— Trabalha discursando? — perguntou Alfie.

— Entre outras coisas. Mas política deveria consistir em *fazer* coisas, não apenas

falar sobre fazer coisas, você não acha? Mas, se não sai para ficar entre as pessoas, elas acham que você as esqueceu e começam a olhar à volta para ver se tem alguém que possa fazer um trabalho melhor. Sabe quem me disse isso?

— Não, senhor.

— O rei — ele respondeu, com um sorriso. — De vez em quando ele faz observações que vale a pena lembrar. Teve uma no ano passado também. Anotei em algum canto. Deve surgir mais uma daqui a pouco. É a nossa eterna esperança, pelo menos.

Alfie parou o que fazia e levantou o rosto, espantado.

— O senhor já viu o rei? — ele perguntou.

— Claro. Várias vezes. Eu o encontro duas ou três tardes por semana, pelo menos. Aliás, tenho uma reunião com ele daqui a mais ou menos meia hora.

Alfie sorriu e sacudiu a cabeça. Ele encontrava todo tipo de gente esquisita em seu trabalho e, mesmo que aquele homem parecesse respeitável, obviamente era louco ou imaginava coisas — talvez os dois.

O menino passou os olhos pela entrada da estação, onde havia um grupo de homens de terno fumando e conversando. Para seu horror, ele viu uma mulher passar entre eles e olhar em volta como se estivesse perdida.

A última pessoa que Alfie esperava ver naquele dia.

Sua mãe, Margie.

— Você trabalha aqui todos os dias, garoto? — perguntou o homem. Alfie se voltou para ele outra vez e piscou, hesitante.

— Desculpe, o que o senhor disse? — ele perguntou.

— Perguntei se trabalha aqui todos os dias. Pode dizer a verdade. Não vou denunciar você por causa disso.

— Quatro dias por semana — disse Alfie. Por algum motivo, ele sentia que o sujeito era confiável, que não o entregaria ao diretor. — Terças, quartas, sextas e sábados. Vou para a escola às segundas e às quintas.

— E aos domingos?

— Eu descanso aos domingos — respondeu Alfie. Ele virou o rosto outra vez e viu a mãe mexer na bolsa em busca de alguma coisa. Quando ela levantou os olhos, ele esvaziou os pagamentos do dia na caixa de engraxar do sr. Janáček e colocou a boina na cabeça, para que houvesse menos chances de ser visto.

— Você não é o único que faz isso — disse o homem. — O que eu não daria por

um descanso no domingo! Seria como se todos os meus Natais se juntassem em um dia só.

Alfie ousou olhar à volta mais uma vez. Agora sua mãe estava no centro do pátio, observando o painel de informações, e depois se virou para verificar o relógio acima do guichê. Em seguida, antes que ele pudesse disfarçar, ela olhou em sua direção. Alfie baixou a cabeça rápido, cobrindo o rosto ainda mais enquanto continuava a engraxar. Então olhou só um pouquinho pelo canto do olho, e seu coração congelou — Margie vinha diretamente em sua direção, com uma expressão de quem não acreditava nos próprios olhos. Alfie sacudiu a cabeça, devastado, e esperou. Tinha sido pego. Tudo seria revelado agora.

Ele nunca cumpriria sua missão secreta parte dois.

Georgie estava condenado a ficar naquele lugar horrível para sempre.

— Eu não acredito — disse Margie, agora ao lado dele. — Eu vi o senhor dali e não sabia se meus olhos estavam me enganando.

Alfie estava prestes a tirar a boina, mas, antes que pudesse fazê-lo, o homem respondeu:

— Se está se perguntando se sou quem a senhora acha — ele disse —, sim, sou eu.

— Foi o que pensei — respondeu Margie. — Reconheci o senhor dos jornais.

— David Lloyd George — disse o homem, estendendo a mão.

— Margie Summerfield.

— É um prazer, minha senhora.

Alfie segurou o fôlego. Seria possível que ela não o tivesse visto, afinal? Ela estava bem ao seu lado, mas a boina cobria seu rosto. Margie nem olhou para o menino engraxate.

— Eu não imaginava que o primeiro-ministro teria tempo de engraxar os sapatos assim, no meio da tarde — disse Margie. — O senhor sabe que tem uma guerra acontecendo, não sabe?

— Sim, sra. Summerfield. Eu sei — respondeu o homem, agora com a voz um pouco mais grave. — Mas até mesmo primeiros-ministros podem ter alguns minutos para si.

Alfie mal conseguiu acreditar nos próprios ouvidos. *O primeiro-ministro?!*

— Me desculpe — disse Margie. — Foi grosseiro da minha parte.

— Sem problema.

— É que estou tão cansada...

— Por favor — ele insistiu. — Não me ofendi. Vivemos uma época difícil.

— Posso perguntar uma coisa?

— Pode.

Margie não hesitou.

— Quando essa maldita guerra vai terminar? E, por favor, não diga “antes do Natal”. Me dê uma resposta sincera. Mesmo que não seja a que eu quero ouvir.

Houve um longo silêncio, até que o sr. Lloyd George apenas suspirou e deu de ombros.

— Eu não sei — ele disse. — Logo, eu espero. Em breve. Posso ser totalmente sincero com a senhora?

— Sim.

— Ou termina esta semana, ou vai durar para sempre. Depende de várias questões que estão sendo resolvidas no momento. Mas estou esperançoso, sra. Summerfield, continuo esperançoso. A senhora tem marido em combate?

Margie fez que não com a cabeça.

— Não mais — ela disse.

— Meus pêsames.

— Não, o senhor não entendeu — disse Margie no mesmo instante. — Ele não está morto. Está hospitalizado.

— Ferido?

— Não fisicamente.

Outra pausa.

— Então como? — o primeiro-ministro perguntou.

— Que eu saiba, estão chamando de neurose de guerra — disse Margie, e Alfie arregalou os olhos. Aquele era o termo que Marian Bancroft tinha usado no trem.

— Ah, sim — respondeu o sr. Lloyd George. — Sim, é assim mesmo que estão chamando. O sr. Asquith comentou comigo... é difícil saber o que pensar. — Alfie não conseguiu acreditar no quão ridícula aquela conversa tinha se tornado. O sr. Asquith, falando sobre neurose de guerra? Agora ele já tinha ouvido de tudo! — Quando um homem tem as pernas feridas numa explosão, a evidência está bem diante dos nossos olhos. Mas quando ele diz que a própria mente foi destruída, bom... — O primeiro-ministro não concluiu o raciocínio.

— O senhor acha que aqueles homens estão mentindo? — perguntou Margie, a

duresa agora evidente em sua voz. — O senhor acha que eles são covardes? Que não querem lutar?

— De jeito nenhum — ele respondeu. — Não sei muito sobre essa condição, essa é a verdade.

— Então talvez devesse descobrir.

— Sim — respondeu o sr. Lloyd George. — Talvez eu devesse.

Margie conferiu o relógio de pulso.

— Preciso ir — ela disse. — Vou visitar meu marido no hospital.

— Em que hospital ele está?

— No East Suffolk e Ipswich.

— É um lugar ótimo. Desejo melhoras, e que sejam rápidas.

— Faça alguma coisa — disse Margie, inclinando-se para a frente, chegando tão perto que, se tivesse desviado o olhar só um pouquinho para a esquerda e para baixo, teria encontrado os olhos do filho. — Faça alguma coisa para dar um fim nisso. Por favor.

Assim, ela deu meia-volta e marchou na direção do guichê, abrindo a bolsa e pegando a carteira.

— Uma mulher aflita — disse o sr. Lloyd George, e se arrumou na cadeira, com um suspiro. — Tantas pessoas têm entes queridos que faleceram ou foram feridos... Me conte sobre sua família, garoto. Tem irmãos? Pai?

— Não tenho irmãos — respondeu Alfie.

— Nunca teve?

Alfie franziu as sobrancelhas; aquela parecia uma pergunta muito esquisita. Mas, então, ele entendeu o que o homem quis dizer e fez que não com a cabeça.

— Não — ele disse. — Sempre fui só eu.

— E seu pai? — continuou o sr. Lloyd George, um tom de apreensão surgindo na voz. — Ele está bem?

— Ele está na França — mentiu Alfie. — Está fazendo a parte dele. — Essa era uma frase que ele tinha ouvido o velho Bill Hemperton dizer uma centena de vezes.

— Espero que nada de mau aconteça a ele — disse o primeiro-ministro. — Você deve ter orgulho do seu pai, não?

Alfie ficou quieto; apenas meneou com a cabeça e continuou a limpar os sapatos do primeiro-ministro. Olhou na direção do guichê e ajustou a posição mais um pouco, para ficar ainda menos visível caso sua mãe se virasse outra vez.

— O senhor é mesmo o primeiro-ministro? — ele perguntou depois de um instante.

O sr. Lloyd George fez que sim com a cabeça.

— Sim, meu rapaz, eu sou. Acredite se quiser. Você não acha que pareço um primeiro-ministro?

Alfie pensou na pergunta.

— Não sei — ele disse. — Não sei que aparência deve ter um primeiro-ministro.

— Imagine um homem com mais ou menos um metro e oitenta de altura — respondeu o sr. Lloyd George. — Com um bigode e um cachimbo. Dê a ele um sorriso amigável e um sotaque galês. Pronto! É o modelo para um primeiro-ministro britânico perfeito.

Alfie sorriu. *Galês*, claro! Era esse o sotaque do homem.

— Conheço alguém que quer ser como o senhor — ele disse, depois de um momento.

— É mesmo? Qual é o nome dele?

— Kalena Janáček. E não é *ele*, é *ela*.

O sr. Lloyd George caiu na risada e sacudiu a cabeça.

— Então, na verdade, ela quer ser *mulher* do primeiro-ministro? — ele perguntou, e Alfie franziu as sobrancelhas.

— Não — o menino respondeu. — Ela quer ser *a* primeira-ministra. Ela mesma.

— Bom, é uma ideia radical — disse o sr. Lloyd George, pensando no assunto e puxando fumaça pelo cachimbo. — Mas vivemos uma era radical, rapaz, portanto não descarto nenhuma possibilidade. Diga isso a ela.

— Eu não a vejo mais — respondeu Alfie.

— Por que não? Vocês se desentenderam?

— Você a levou embora — disse Alfie. — Ela e o pai dela. Foram mandados para a Ilha de Man.

O primeiro-ministro meneou a cabeça e pensou no assunto.

— Janáček. Foi isso que você disse, não foi? Austríacos? Poloneses?

— *Inglese*s. Ela nasceu três casas depois da minha.

— É um nome diferente para uma menina inglesa.

— O pai dela veio de Praga.

— Meio austro-húngara, meio inglesa, então.

— Ela não era uma fração!

O sr. Lloyd George franziu as sobrancelhas e olhou para o menino com uma expressão intrigada.

— Você é mesmo muito inteligente, não? — ele disse, depois de uma pausa. Alfie olhou outra vez na direção do guichê. Margie era agora a primeira da fila e conversava com o homem atrás do balcão.

— O que o senhor achou? — ele perguntou, endireitando-se e permitindo que o primeiro-ministro examinasse os sapatos.

— Excelente trabalho, meu rapaz. Estou muito grato. Tenho um compromisso com Sua Majestade em vinte minutos e é importante manter a melhor aparência possível no contato com a realeza. Eles têm as obsessões mais inusitadas. — Alfie arregalou os olhos. Era difícil acreditar que ele tinha acabado de engraxar sapatos que logo estariam diante do rei. — Os sapatos dele estão sempre reluzentes, claro — acrescentou o sr. Lloyd George. — Acho que tem um menino na corte para fazer isso por ele. Ou um batalhão de meninos. Acho que eles são treinados no palácio. Seria um cargo ótimo para um rapaz como você, não seria? — ele acrescentou, sorrindo, e Alfie sentiu que começaria a rir. Era uma ideia absurda. — Aliás — ele continuou, depois de um instante —, quanto lhe devo?

— Um centavo, senhor — disse Alfie.

O primeiro-ministro pôs a mão no bolso e tirou três.

— Um para você, um para sua mãe e um para manter seu pai a salvo — ele disse. — Até mais, Alfie. Obrigado pelo serviço.

O homem seguiu na direção de seu colega, e Alfie viu Margie dar as costas para o guichê e encarar o primeiro-ministro. Ele estava acostumado a pessoas o encarando, claro, e não desviou o olhar. Em vez disso, fez uma saudação educada e tocou a ponta do chapéu ao passar. Alfie se escondeu atrás da pilastra e continuou observando a mãe. Ela sacudiu a cabeça e seguiu até a plataforma número 2 para embarcar. Somente quando estava fora de vista Alfie correu até o painel de informações para descobrir o destino daquele trem.

Não ficou surpreso com o que leu: Ipswich.

Já era mais tarde do que Alfie costumava ficar ao lado da cadeira de engraxate, mas ele estava decidido a esperar, pois o homem geralmente aparecia nas tardes de terça-feira. O tempo passou devagar, mas sua paciência foi recompensada quando ele levantou o rosto e viu, andando em sua direção, o médico do hospital East

Suffolk e Ipswich, o mesmo cujos papéis tinham voado por todo o pátio na semana anterior. Ele o observou e engoliu em seco.

— Eu gostaria de engraxar os sapatos, por favor — disse o homem.

Alfie fez que sim com a cabeça e endireitou a postura, separando os materiais outra vez enquanto o homem se sentava e colocava o pé no apoio.

— Eu me lembro de você, não? — ele perguntou. — Estava aqui na semana passada.

— Estou aqui sempre, senhor. Meu nome é Alfie.

— Dr. Ridgewell — respondeu o homem.

— O senhor é soldado?

— Um tipo de soldado. Eu já era médico antes da guerra. Agora, trabalho num hospital do Exército.

— Quero ser médico quando crescer — disse Alfie. Ele não tinha nenhuma vontade de ser médico, mas sabia que os adultos gostavam quando meninos da idade dele fingiam estar interessados em seu trabalho.

— É mesmo? — perguntou o dr. Ridgewell, parecendo contente. — Bom, todo mundo precisa começar em algum lugar, não é? Eu costumava ganhar meus trocados fazendo as entregas da peixaria do meu bairro aos sábados. Tive sorte, claro. Meu pai era médico. E o pai dele também. Mas tenho um colega no hospital, o dr. Morehampton... O pai dele era entregador de carvão, por incrível que pareça. E outro, o dr. Sharpely, é filho de quitandeiro. Precisa existir de tudo no mundo, não é mesmo? O que seu pai faz?

— Ele está no Exército.

— Ora, claro que está. E é o certo. Mas o que ele fazia antes disso?

— Trabalhava na leiteria na rua Damley — explicou Alfie. — Ele conduzia a carroça de leite.

— Um emprego bom, honesto — disse o dr. Ridgewell, meneando a cabeça, satisfeito com a resposta. — E ele voltará logo. Essa guerra vai acabar até o Natal, sabia? Não há mais nenhuma dúvida.

Alfie ficou quieto.

— Que tipo de médico é o senhor? — ele perguntou depois de um tempo, ao terminar um dos pés e trocar pelo outro.

— O que quer dizer?

— O senhor cuida das pessoas quando elas pegam um resfriado? Ou quando

quebram a perna?

— É bem complicado — disse o dr. Ridgewell. — Tem certeza de que quer saber? — Alfie fez que sim. — Está bem. Eu lido com a mente. Sujeitos que ficaram um pouco lelés, se é que você me entende. Camaradas que não têm mais o baralho completo. Homens que não enxergam mais tão bem as coisas. Entende aonde quero chegar?

— Não posso dizer que sim — respondeu Alfie, sem a menor ideia do que significava tudo aquilo.

— Loucos — esclareceu o dr. Ridgewell. — Você sabe o que é ficar louco, não sabe?

— Sim. Às vezes acho que eu mesmo estou ficando assim.

— Pois então sabe do que estou falando. Eu cuido daqueles cuja mente está um tanto confusa. — Ele bateu o dedo indicador na lateral da cabeça. — Existe muito disso por aí hoje em dia, claro. Esses sujeitos que voltam das trincheiras. Os que voltam vivos, quero dizer. Não é fácil para eles, sabe? Viram muitas coisas terríveis, passaram por experiências traumáticas. Pode embaralhar o raciocínio.

— E o que acontece com eles? — perguntou Alfie, agora parando de engraxar e levantando o rosto.

— Varia de homem para homem — respondeu o dr. Ridgewell. — Alguns nunca conseguem se recuperar. É cedo demais para dizer, claro, mas alguns devem estar perdidos para o resto da vida. Outros talvez precisem de anos para se recuperar. Para alguns, basta uma boa conversa e voltam à razão. Como eu disse, varia de homem para homem. Não existe regra estabelecida.

— Alguns deles morrem? — perguntou Alfie, franzindo as sobrancelhas.

— Ah, não, nada disso — disse o dr. Ridgewell. — Não é esse tipo de doença, entende? Mas acho que, em alguns casos, a gente poderia dizer que são mortos-vivos. Homens que passaram por tantos bombardeios, fogo cruzado e tiroteios, testemunharam tantas coisas horríveis que suas mentes simplesmente se isolam e dizem para os donos “você siga seu caminho que eu sigo o meu”. É uma coisa assustadora. Mas, enfim, é isso o que eu faço. Tento recuperar esses indivíduos. Como estamos indo por aí? Já terminou?

Alfie fez que sim com a cabeça e guardou os panos.

— Está novinho em folha — ele disse.

— Que ótimo trabalho! — comentou o dr. Ridgewell. — Você é mesmo muito

bom nisso, sabia? Se decidir entrar na medicina algum dia, será uma grande perda para o mercado de engraxates. — Ele se levantou e jogou um centavo na boina de Alfie. — Bom, até mais. Espero vê-lo na semana que vem.

Sim, pensou Alfie enquanto o médico se afastava.

Talvez.

A tinta verde na porta começava a descascar e Alfie viu traços de vermelho surgindo por baixo. Ficou parado diante dela, nervoso, sem saber se aquilo era uma boa ideia — mas, antes que pudesse decidir, a porta se abriu e ali estava ele, bem à sua frente. Joe Patience. O objetor do 16.

— Alfie — ele disse, surpreso. — Pensei ter ouvido alguém aqui fora e comecei a ficar preocupado. Ainda bem que é só você. — Ele olhou o entorno, observando os dois lados da rua para garantir que não havia mais ninguém, e voltou para o corredor.

— Olá, sr. Patience — disse Alfie.

— Sr. Patience? É *Joe*, você sabe disso. O que o traz aqui? Faz tempo que não bate na minha porta.

— Quero pedir uma coisa. Preciso da sua ajuda.

Joe levantou uma sobrancelha. O machucado em volta do olho tinha melhorado um pouco nos últimos dias; as diferentes cores deram lugar a um único azul-claro e não parecia tão inchado quanto antes.

— Eu não sabia a quem mais pedir — continuou Alfie. — Estou numa missão secreta. Quer dizer, eu *estava* em uma missão secreta, e agora estou em outra.

Joe franziu o cenho e parecia em dúvida sobre o que fazer, mas enfim deu passagem para Alfie e o conduziu para dentro.

— Bom, então é melhor você entrar — ele disse. — Não gosto de deixar a porta aberta por muito tempo.

Para Alfie, sempre foi muito estranho o fato de que, toda vez que entrava na casa de outra pessoa na rua Damley, era como se estivesse em sua própria casa, só que com um monte de diferenças sutis. Os aposentos tinham o mesmo formato e tamanho e os corredores seguiam as mesmas direções (ou versões espelhadas dessas direções), mas, enquanto ele era familiarizado com cada móvel e objeto na sua casa — os enfeites, os badulaques, as almofadas —, as coisas que via na casa dos outros

eram totalmente esquisitas para ele.

Ele olhou à volta e a primeira coisa em que reparou na sala de Joe Patience foi a quantidade de livros. As paredes eram cobertas de prateleiras e cada espaço era preenchido por volumes em capa dura, alguns em línguas que Alfie nem sabia qual eram. Joe percebeu que ele observava a sala com espanto e sorriu.

— Você também lê, Alfie? — ele perguntou.

— Eu gosto de *Robinson Crusóé*. O sr. Janáček me deu no meu aniversário de cinco anos. Naquela época, eu não sabia ler tão bem, mas já li três vezes até hoje. É o melhor livro que já foi escrito.

— É um bom livro, claro — disse Joe Patience. — Mas você deveria esperar para dar essa opinião só depois que tiver lido muitos outros. Que outros livros você leu?

Alfie sacudiu a cabeça.

— Só uns livros infantis na escola. Nenhum deles é tão bom quanto *Robinson Crusóé*. Você leu todos esses? — ele perguntou, imaginando quantos eram. Reclinou-se para trás e viu o corredor, que também tinha as paredes cobertas de livros, e a cozinha ao fundo, onde havia mais uma prateleira com livros enfileirados acima do fogão. O clarinete de Joe estava apoiado na mesa da cozinha. Antes da guerra, ele tocava lá fora; a rua inteira podia ouvi-lo. Agora só tocava em casa, para si mesmo.

— A maior parte. Não tenho muito mais o que fazer, hoje em dia. E, então, você vai me contar o que está fazendo aqui ou preciso adivinhar?

Alfie olhou para Joe, pensando em como poderia dizer o que precisava. Joe tinha a mesma idade de Georgie — trinta e um —, mas parecia muito mais velho. Tinha grandes olheiras sob os olhos, talvez por ler muito, talvez por não conseguir dormir, e uma cicatriz na bochecha. Acima da têmpora esquerda havia um trecho de pele macia onde seu cabelo não crescia mais, como se ele tivesse sofrido uma queimadura feia.

— Sabe o meu pai? — disse Alfie, enfim.

— Claro que sim — respondeu Joe, com uma risada rápida. — Crescemos juntos. Você sabe disso.

— E sabe a guerra?

Joe fez uma pausa, mas então concordou com a cabeça.

— Sim — ele disse.

— Certo. Quando meu pai foi para a guerra, a gente recebia cartas o tempo todo e

parecia que ele estava contente — explicou Alfie, sentindo as palavras começarem a transbordar, atropelando-se enquanto tentava dizer a Joe tudo o que sabia. — Mas aí as cartas pararam de chegar, ou melhor, eu achei que tinham parado de chegar, mas na verdade a mamãe estava escondendo, mas eu encontrei mesmo assim, debaixo do colchão. Li todas e a maioria não fazia muito sentido, quer dizer, fazia no começo, quando ele contou sobre as coisas terríveis que estavam acontecendo, mas depois parou de falar sobre essas coisas e tudo ficou confuso.

— Calma, calma! — disse Joe, levantando a mão. — Seu pai foi para a guerra, essa parte eu entendi. Se você está preocupado porque ele não tem dado notícias... ora, os soldados nem sempre conseguem escrever. Estão na guerra, claro, e...

— Meu pai não está mais na guerra — interrompeu Alfie, sacudindo a cabeça.

— Não está? — perguntou Joe, desviando os olhos, e Alfie tomou um susto.

— Você sabe, não é? — ele perguntou. — Sobre o meu pai!

— Sei o quê?

— Você *sabe*!

— Alfie, você não está falando coisa com coisa.

— Meu pai está no hospital. Fica a duas horas daqui. Ele está lá faz... Bom, não sei quanto tempo faz.

— Ah — disse Joe Patience.

— Mas eu não deveria saber isso.

— Então como descobriu?

— Eu sou esperto. E descobri. Mas você sabia, não sabia? Posso ver no seu rosto.

Joe fez que sim.

— Sim, eu sabia — ele disse. — E você foi visitar o seu pai, Alfie?

— Sim.

— Ele te reconheceu?

— Sim, mas demorou. E não foi como antes. Ele me reconheceu, mas logo depois não reconhecia mais. E aí as enfermeiras vieram e eu precisei dar no pé. Mas, antes de ir, ele gritou uma coisa. As enfermeiras não prestaram atenção, mas eu sim. Ouvi a palavra que ele disse e sei que gritou para mim.

— O que ele disse?

— *Casa*.

Joe levantou uma sobrancelha, depois estendeu o braço para pegar o maço de

cigarros e acendeu um deles. Alfie tinha reparado que, quando um adulto queria pensar bastante num assunto, era isso que fazia — pegava o tabaco e os fósforos.

— *Você* foi visitar meu pai? — perguntou Alfie, depois de uma pausa.

Joe fez que sim com a cabeça, dando uma longa tragada no cigarro.

— Uma vez por semana, toda semana — ele disse. — Quer dizer, desde que saí da prisão.

— Por que nunca me contou?

— Sua mãe pediu para eu não contar. Mas, como já sabe, acho que não faz sentido mentir. O que Margie disse sobre você ter descoberto?

— Ela não sabe — admitiu Alfie. — Não falei para ela.

Joe meneou a cabeça. Aquilo não pareceu surpreendê-lo nem um pouco.

— Posso perguntar uma coisa? — disse Alfie, depois de um longo silêncio.

— Claro — respondeu Joe, dando de ombros. — Pergunte o que quiser.

— Por que chamam você de “objeto do número 16”?

Joe franziu a sobancelha.

— Porque é onde eu moro.

— Não — disse Alfie, sacudindo a cabeça. — Isso eu entendi. É a primeira parte que eu não entendo. O que é um objeto?

Joe sorriu de leve.

— Você não sabe o que significa essa palavra?

— Não.

Joe concordou com a cabeça.

— Não é nem o termo completo — ele explicou. — É só uma parte.

— Então, qual é o termo completo? — perguntou Alfie.

— Objeto de consciência — disse Joe. — Quer dizer, alguém que não quer ir para a guerra por razões humanitárias, religiosas ou políticas.

Alfie fez uma careta e baixou os olhos para o tapete, reparando nos floreios da textura e em como eles se entrelaçavam uns nos outros. Aquela frase tinha muitas palavras que ele não entendia. Olhou outra vez para Joe, intrigado.

— No começo — explicou Joe —, antes do alistamento obrigatório, os homens se registravam por vontade própria. Para ir à guerra, quero dizer. Seu pai se alistou logo no primeiro dia, lembra? — Alfie fez que sim. — Lembro como se fosse ontem, ele descendo a rua Damley de uniforme, todo contente consigo mesmo. Eu estava na rua, lavando as janelas. “Georgie”, eu disse. “Você não foi se alistar, foi? Diz que

não.”

“ ‘Para lutar pelo rei e pela pátria? Sim, eu fui’, ele me disse.

“ ‘Por quê? O que o rei já fez por você?’

“ ‘Nada que desse para perceber. Mas um homem precisa fazer o que...’ e toda aquela bobagem.

“Eu me lembro de olhar nos olhos dele, Alfie, como se ele tivesse perdido a cabeça. Perdido totalmente a razão. ‘Você deve estar louco’, eu disse.

“ ‘Você diz isso agora, Joe, mas seu momento também vai chegar. Marque minhas palavras, até o fim desta semana você também terá se alistado.’

“ ‘Porcos vão voar sobre o Parlamento quando esse dia chegar, Georgie’, eu disse a ele. ‘Não vou me alistar para matar pessoas. O que os alemães fizeram contra mim? Nada que desse para perceber.’

“Mas seu pai só riu e fez não com a cabeça, e disse que meu momento chegaria. Vi quando ele entrou em casa e fiquei imaginando o que estaria acontecendo lá dentro. O que sua mãe pensou. O que *você* pensou.”

— A vovó Summerfield disse que estávamos perdidos, estávamos todos perdidos — respondeu Alfie.

— E ela não estava totalmente enganada, estava? Você deveria ouvir sua avó, Alfie. Essas pessoas mais velhas, algumas delas sabem o que está acontecendo. Já viveram muita coisa.

— Ela não gosta muito de você — disse Alfie, baixinho.

— Mas gostava. Ela não me entende, só isso. Mas é uma mulher de bem, Alfie. Fez muita coisa por mim quando eu era criança. Cuidava de mim quando... Quero dizer, ela tomava conta de mim depois que...

— Depois do quê?

— Meu velho costumava me bater muito — disse Joe, baixando os olhos e mexendo os pés sobre o tapete. — E batia na minha mãe também. Ele sabia usar os punhos. Eu morria de medo dele, claro. Minha mãe também. Sabe quem era a única pessoa que não tinha?

— Quem?

— Sua avó — continuou Joe. — Ela me mantinha escondido no próprio guarda-roupa quando ele estava furioso. Um dia, meu pai quase derrubou a porta da casa dela procurando por mim, porque eu tinha me esquecido de limpar a sujeira atrás da casinha, e ela pegou um rolo de macarrão e encarou meu pai com nervos de aço,

dizendo: “Se você não for embora desta casa neste exato momento, Sam Patience, vou partir sua cabeça ao meio, está me ouvindo?”. E alguma coisa na postura dela o assustou, porque ele foi embora logo depois. É uma mulher durona, isso eu não posso negar.

Alfie tentou imaginar. Vovó Summerfield enfrentando um brutamontes!

— Depois, quando eu tinha a sua idade — disse Joe —, ela conseguiu que ele nunca mais batesse na gente.

— Como ela fez isso?

— Chamou meia dúzia de homens da rua Damley para dar um aviso. Endireitar meu pai, pode-se dizer. Esclarecer alguns fatos. Não sei o que falaram para ele, mas depois disso nunca mais encostou um dedo na minha mãe nem em mim. E quando ele morreu, atropelado pela carroça do carvoeiro quando estava cambaleando, bêbado, de volta para casa, sua avó garantiu que minha mãe e eu tivéssemos tudo de que precisávamos. Sei o que ela pensa de mim agora, Alfie, posso ver no rosto dela sempre que cruza comigo na rua. Mas devo muito àquela mulher. Eu só queria que ela me entendesse, só isso.

— Ela não gosta de objetores — respondeu Alfie. — Mas também não queria que papai se alistasse quando a guerra começou. Para mim, não faz sentido nenhum.

— Escute, Alfie — continuou Joe, apagando o cigarro e acendendo outro. — Eu também não concordei com o que seu pai fez. Achei que ele estava louco. Mas o admirei por isso. Ele não estava pensando no próprio bem-estar. É claro que também não pensou no bem-estar da família, mas vamos deixar isso de lado por enquanto. E por isso ele partiu, assim como tantos homens desta região. Houve uma febre de alistamento em 1914, Alfie, uma febre. Todo mundo parecia achar que seria uma farra. Mas ele, pelo menos, sobreviveu. Pense em Charlie Slipton, do 21. O garoto não durou muito tempo, durou?

— Uma vez ele jogou uma pedra na minha cabeça sem nenhum motivo — disse Alfie, que não conseguia superar aquilo.

— Talvez ele estivesse mirando outra coisa e errou. Acertou você por engano. De qualquer jeito, quando veio o alistamento obrigatório, em 1916, disseram que todos os homens saudáveis entre dezoito e quarenta e um anos precisavam se apresentar, a não ser que fossem viúvos e tivessem filhos para criar. Sem nenhuma escolha! Sem nenhum direito a opinião própria! Foi aí que surgiram os objetores de consciência, ou só objetores, como nos chamam. Éramos muitos, acredite. Pessoas que se

levantaram e se recusaram a guerrear.

— Você estava com medo? — perguntou Alfie.

— Sim! — respondeu Joe, se inclinando para a frente e encarando o menino. — Claro que estava com medo. Que tipo de idiota não teria medo de ir a um país desconhecido cavar trincheiras e matar tantos estranhos quanto pudesse antes que outro estranho o matasse? Só um lunático não ficaria com medo. Mas não foi medo que me impediu de ir, Alfie. Não foi porque eu sabia que seria ferido ou morto. Foi o oposto disso. Foi o fato de eu não querer matar ninguém. Não fui colocado neste mundo para matar meus semelhantes. Eu cresci com violência... você entende isso? Não posso suportar. O que o meu velho fez comigo... Bagunçou alguma coisa na minha cabeça, mas não passou disso. Se eu descesse a rua agora mesmo e acertasse um martelo na cabeça de um sujeito, se fizesse o cara partir desta para melhor, seria jogado na prisão. Talvez até me enforcassem. Acontece que eu não aceitei ir para a França fazer exatamente isso, e eles me jogaram na prisão mesmo assim. Onde está a justiça nisso, você pode me dizer? Onde está o sentido?

Alfie pensou nos quase dois anos que ficou sem ver Joe Patience. Quando ele reapareceu na rua Damley, estava com um aspecto diferente. Parecia mais velho e mais triste. E tinha todas aquelas cicatrizes.

— E o que aconteceu com você? — perguntou Alfie.

— Ele me levaram — respondeu Joe, dando de ombros e desviando o olhar. — Tive que enfrentar um tribunal. Disseram que eu era um covarde. Fui mandado para a prisão. Mas, pelo menos, eu não recebia mais penas brancas em todo lugar aonde ia.

Alfie franziu as sobrancelhas.

— Penas brancas?

— É o que as pessoas fazem. As mulheres, principalmente. Os homens simplesmente ofendem. As mulheres entregam penas brancas. Para qualquer jovem que encontrem sem uniforme. Significa que você é um covarde. É uma coisa horrível, Alfie, é horrível. Elas se aproximam de você na rua, cheias de sorrisos. Vão até você como se fossem amigas do passado, alguma prima esquecida ou uma menina com quem você ia à escola, ou como se tivessem apenas gostado da sua aparência, e quando você dá atenção, elas põem a mão na bolsa sem dizer nenhuma palavra, tiram uma pena branca e entregam a você. E depois vão embora, sem mais nem menos, com o peito estufado. Nunca abrem a boca. E todo mundo vê o que elas

estão fazendo, a rua toda. Todo mundo olha. É quase como se elas pegassem um ferro em brasa e te marcassem como um covarde. É uma coisa horrível, Alfie, horrível.

O menino se lembrou do rapaz cujos sapatos tinha engraxado e que estava a caminho do funeral do irmão. Tinha mencionado alguma coisa sobre isso. “Uma mulher veio até mim no meio da Piccadilly Circus, acho que não viu minha bengala. Abriu a bolsa e, na frente de todo mundo, ela... ela...”

— E na prisão? — perguntou Alfie, depois de um instante. — Como foi lá?

— Como você acha que foi? — respondeu Joe. — Eles me jogaram lá porque eu não queria lutar, e acabei lutando mais do que nunca. Os caras lá dentro me perseguiram por causa das minhas convicções. Não todos, claro. Havia outros objetores também, e todos nós apanhávamos uma hora ou outra. Está vendo essa cicatriz? — Joe indicou o corte profundo cicatrizado na bochecha e Alfie fez que sim. — Foi resultado de ficar lá dentro. E isto... — ele apontou para a queimadura na cabeça. — É melhor você nem saber como aconteceu, o que eles fizeram comigo. De qualquer jeito, quando eu saí, não sabia o que fazer. Por isso, vim para casa. O engraçado é que a situação já não é tão ruim. Talvez você tenha reparado que estou mancando. — Alfie fez que sim; ele *tinha* reparado. — Estou assim desde que um dos prisioneiros me atacou. Agora eu manco e tenho cicatrizes, então posso andar por todos os cantos de Londres sem que ninguém me dê uma pena branca, pois todo mundo acha que fui ferido na guerra. Você sabe o nome disso, não sabe?

Alfie fez que não.

— Ironia — respondeu Joe, sorrindo um pouco, mas sem parecer muito feliz. — É o que chamam de ironia. Leia outra coisa além de *Robinson Crusoé* e você vai descobrir que essa palavra aparece de vez em quando.

— E os machucados no seu rosto? — perguntou Alfie. — Os recentes.

— Culpa minha — disse Joe, com um sorriso amargo. — Eu não deveria abrir a porta de madrugada. Os bêbados. Eles aparecem depois que os bares fecham.

Alfie pensou bastante no assunto. Ele ouviu a própria respiração pesada enquanto tentava entender tudo o que Joe tinha lhe contado. Enquanto isso, o homem ficou quieto e apenas esperou que ele dissesse alguma coisa.

— Você não quer ir embora daqui? — perguntou Alfie, enfim. — As pessoas foram tão horríveis com você. Não quer ir para outro lugar?

— Para onde eu iria? Aqui é a minha casa.

— Para algum lugar onde pudesse começar de novo. Você poderia se casar, ter filhos.

Joe sorriu e sacudiu a cabeça.

— Duvido que alguma mulher tenha paciência para me aguentar.

— Por que não? Li no jornal que agora todas as mulheres estão procurando marido. Existe uma falência de rapazes em Londres, dizem.

— Carência — corrigiu Joe.

— E Helena Morris tinha uma queda por você, todo mundo sabe. Poderia se casar com ela.

— Eu preferiria cavar um buraco até o centro da Terra usando a minha língua — disse Joe, batendo a mão no joelho, ansioso. — Alguns homens foram feitos para ter namorada, Alfie. Como o seu pai. Eu me lembro de quando ele conheceu sua mãe. Nunca vi um homem tão apaixonado! E ela também ficou apaixonada. Foi tudo tão fácil. Tão injusto. Alguns de nós... Alguns de nós não têm esse tipo de sorte.

— Você acha que meu pai estava errado? — perguntou Alfie, sem saber exatamente sobre o que Joe estava falando, mas achando que tinha alguma coisa a ver com as convicções que lhe causaram tantos problemas. — Por ir para a guerra, quero dizer. Você acha que ele deveria ter ficado em casa e sido um objetor, como você?

Joe Patience fez que não com a cabeça.

— Eu não digo às outras pessoas o que elas deveriam fazer. Não digo a elas o que deveriam e o que não deveriam pensar. Apenas vivo a minha vida. Seu pai é um homem corajoso e fez o que achava ser certo. Mas eu também sou um homem corajoso. Você talvez não acredite nisso, Alfie. Aquelas mulheres na Trafalgar Square, na Piccadilly Circus, passeando pela Regent Street como se entendessem o que é coragem talvez também não acreditem. Mas eu sou.

— Eu vou trazer ele para casa — disse Alfie.

— Quem?

— Meu pai.

Joe franziu as sobrancelhas.

— Mas ele está no hospital.

— Ele não está melhorando lá. E é um lugar horrível. É fedido e tem sangue por toda parte e todos os pacientes estão chorando ou ficando loucos. Não posso abandonar meu pai naquele lugar. Se eu o trouxer para casa, eu e a mamãe podemos

ajudar ele a melhorar. *Nós* vamos curar o meu pai.

Joe franziu as sobrancelhas outra vez, foi até a janela e ficou observando a rua. A sra. Milchin, do número 7, estava andando pela calçada e, ao passar pela porta do número 16, cuspiu.

— Você precisa falar com a sua mãe sobre isso — disse Joe, enfim.

— Não.

— Por que não?

— Depois que descobri onde ele estava, vim direto para casa contar para minha mãe — disse Alfie. — Achei que ela talvez acreditasse mesmo que ele estava numa missão secreta para o governo. Mas ela tinha ido trabalhar no turno da noite e, quando voltou, eu já estava dormindo. Então, quando ela foi para o trabalho no dia seguinte, eu fui à King's Cross para engraxar sapatos...

— Para fazer o quê?!

— Engraxar sapatos — ele repetiu. — Faço isso para ajudar a mamãe. Tem uma guerra acontecendo, mas ainda assim muita gente quer os sapatos limpos. Estou fazendo a minha parte, não estou? E eu vi quando ela embarcou em um trem para Ipswich. Ou seja, ela sabe que meu pai está lá, mas decidiu deixar ele ficar. Minha mãe não entende que seria melhor trazer ele para casa.

Joe andou pela sala algumas vezes, nervoso.

— Então ela provavelmente está certa, Alfie. O hospital é o melhor lugar para ele. Sei que lá é péssimo, mas precisamos confiar que os médicos sabem o que estão fazendo. Eles vão cuidar do seu pai. Vão fazer ele melhorar.

— Mas ele mal me reconheceu! — berrou Alfie, levantando-se. — Ele não está melhorando. Não vão consertar meu pai naquele lugar. *Eu* posso fazer isso. Desde que ele volte para casa.

— Alfie, por que você está aqui? — perguntou Joe, jogando as mãos para o alto.
— Por que veio falar comigo sobre isso?

— Porque o velho Bill Hemperton disse que você é seu próprio dono e meu pai é seu amigo mais antigo, então vim pedir ajuda.

— Ajuda com o quê?

— Para tirar ele de lá.

Joe arregalou os olhos.

— Tirar ele de lá?! Quer que seu pai fuja do hospital com você?

— E quero trazer ele para casa. Mas não consigo fazer isso sozinho. Pensei que

poderia me ajudar.

Joe fez que não com a cabeça.

— Não posso fazer isso, Alfie — ele disse. — Você acha que vai ajudar seu pai, mas talvez só o deixe pior.

— Não! — berrou o menino.

— Você precisa falar com sua mãe. Ou com sua avó. Conte o que sabe. Talvez possam ir juntos visitar seu pai. Pode ser que ele goste de uma visita das três pessoas que mais ama neste mu...

— Não — insistiu Alfie. — Você *precisa* me ajudar. Não posso confiar em mais ninguém.

— Bom, eu sinto muito — disse Joe, sacudindo a cabeça. — Mas não posso.

Alfie fechou as mãos e bateu os punhos no sofá, frustrado. Uma das almofadas estourou e todo o enchimento voou para fora. Ele olhou para as penas que flutuavam no ar à sua frente, então pegou uma delas, uma branca, e atravessou a sala correndo para apertá-la contra o peito de Joe.

Joe segurou a pena, inexpressivo.

— Ah, Alfie — ele disse, com um suspiro profundo e cheio de mágoa, mais mágoa do que o menino já tinha ouvido na voz de qualquer pessoa. E, no momento em que ele disse seu nome, Alfie disparou pelo corredor, escancarou a porta da frente e saiu. Correu o mais rápido que pôde pela rua Damley, querendo deixar todos daquela rua para trás, o mais longe possível.

GUARDE SEUS PROBLEMAS
NA MOCHILA

Alfie foi cedo pegar o trem para o hospital e chegou à estação King's Cross logo depois das dez da manhã. Era uma segunda-feira e normalmente ele estaria na escola (segunda era dia de história), mas tinha planos diferentes para *aquela* segunda, o dia em que salvaria a vida de seu pai ao resgatá-lo do hospital.

Com uma sacola de lona no ombro, comprou uma passagem de ida e volta Londres-Ipswich e uma apenas de ida Ipswich-Londres (afinal, Georgie nunca voltaria para lá). Dessa vez, encontrou a plataforma sem dificuldade e se instalou em um assento no canto de um dos vagões, sem conversar com ninguém e tentando se concentrar em *Robinson Crusoe*.

Ao chegar perto de onde ele e Marian tinham desembarcado na semana anterior, olhou em volta, na dúvida se mais alguém desceria ali. Quando pareceu que ele seria o único, começou a ficar preocupado que o trem não pararia. Alguns minutos depois, para seu alívio, sentiu o motor diminuir a velocidade e o trem guinchou até parar. Ele desceu, seguindo pelo caminho estreito até o cruzamento e depois pelo trajeto que levava ao hospital.

Do lado de fora do portão principal, esperou alguns minutos para ter certeza de que não apareceria ninguém perguntando o que ele estava fazendo ali. Foi para trás de uma árvore cuidar de um assunto pessoal e então, sentindo que não adiantaria nada esperar por um momento mais oportuno, correu pela alameda o mais rápido que as pernas permitiram. Um cachorro saiu pela porta da frente do hospital e rosnou para ele, e Alfie ficou petrificado. Tinha certo medo de cachorros desde os três anos, quando ofereceu um osso para o terrier de Jack Tamorin, do número 20, e o animal tentou mordê-lo. Ele apenas observou, esperando para ver o que aconteceria, mas o cão pareceu perder o interesse e, enfim, trotou de volta para dentro e desapareceu de vista.

Quem traria um cachorro a um hospital?, pensou Alfie. Não parecia muito higiênico.

Uma janela se abriu atrás dele e Alfie grudou na parede quando uma jovem colocou a cabeça para fora e olhou para a alameda. Ele estava tão perto que poderia ter estendido o dedo para tocá-la, mas a jovem não olhou para baixo do parapeito, apenas na direção do portão.

— Não tem ninguém aqui, Bessie — ela disse, se virando para dentro. — Você está vendo coisas, isso sim. Está ficando biruta. Precisa do Henry de volta, é só isso.

— A esperança é a última que morre — respondeu uma pessoa lá dentro, fora de vista. — Ele estava em algum lugar perto da Antuérpia, pelo que ouvi da última vez. Teremos sorte se o virmos antes do Natal.

— Tudo vai terminar até o Natal — disse a primeira moça, fechando a janela, e Alfie não ouviu o que a outra respondeu, mas torceu para ter sido o comentário incrédulo que aquilo pedia.

Ele se esgueirou pelo canto do prédio e seguiu pela trilha que levava ao jardim onde os pacientes tomavam sol na semana anterior, torcendo para não encontrar o rapaz com cabelo preto e liso que tinha agarrado seu braço. Mas agora aquela parte do hospital estava vazia; todos os pacientes deviam estar lá dentro. A mesa com jornais e maçãs continuava no lugar e havia um pássaro preto pousado sobre ela, a cabeça olhando para todos os lados em busca de migalhas. Alfie foi para a próxima área aberta e encontrou dois homens sentados em cadeiras de rodas, com roupões espessos e cobertores no colo. Ambos pareciam perfeitamente calmos, mas não conversavam entre si. O segundo homem estava de costas para Alfie, assim como Georgie na semana anterior, e o menino não conseguia ver seu rosto.

— Olá — disse o homem mais perto dele, pousando um livro no colo e tirando os óculos. — Quem é você?

Alfie olhou para ele e hesitou. Não queria se envolver em nenhuma conversa com aqueles homens, mas achou melhor não chamar atenção, para não correr o risco de chamarem um médico ou uma enfermeira.

— Alfie Summerfield — ele respondeu.

— Eu tive um irmão chamado Alfie — disse o homem, sorrindo. — Ele foi convocado para Ypres. Palavrinha difícil de dizer, *Ypres*, não acha? Demorei muito tempo para pronunciar direito.

— Sim, senhor — concordou Alfie, passando por ele e seguindo na direção do homem na outra extremidade.

— Não vá — disse o homem, e alguma coisa em sua voz, uma súplica, fez Alfie parar e se virar para ele outra vez. Não era tão velho, não devia ter mais de vinte e cinco anos. Não parecia ter sofrido ferimentos e devia ter tomado banho havia pouco tempo, pois cheirava a sabonete e seu cabelo estava macio. — Conte, o que está fazendo aqui? Não recebemos muitos meninos da sua idade neste lugar. Nenhum, na verdade.

— Estou procurando meu pai — respondeu Alfie.

— Ele é médico?

Alfie estava prestes a dizer que não, que era um paciente, mas mudou de ideia.

— Sim — ele disse. — Achei que estivesse aqui fora.

— Só vemos os médicos lá dentro — explicou o homem. — São as enfermeiras que cuidam de nós aqui fora. Ainda bem. Elas são muito mais bonitas. Mas, me diga, onde você estava?

Alfie olhou para o homem, sem saber o que aquilo queria dizer.

— Onde eu estava? — ele repetiu.

— Sim, onde você estava? Na França ou na Bélgica?

Alfie franziu a sobancelha.

— Em nenhuma das duas.

O homem se inclinou para a frente e franziu o cenho.

— Você não é um objetor, é?

— Não, senhor.

— Ah, então tudo bem — ele disse com um suspiro, reclinando-se outra vez. — Dói, não dói?

— O quê? — perguntou Alfie.

— Você não ouve na sua cabeça? Eu ouço. Apesar de ser tranquilo no jardim. Peço para me trazerem aqui fora, não importa o clima. Não consigo suportar lá dentro. Todos aqueles gemidos e rangidos de dentes. É quase bíblico, às vezes.

Como se tivesse sido ensaiado, um estrondo alto soou de dentro do prédio, algo como uma porta batendo por causa do vento no corredor. Alfie se virou na direção do barulho e, quando se voltou de novo para o homem, ele estava de olhos fechados e parecia contar números na cabeça.

— O dr. Ridgewell recomenda que eu faça isso — ele disse depois de um momento, abrindo os olhos e tentando sorrir. — Eu estou bem, pode acreditar. Vou ser mandado para casa na segunda. Que dia é hoje?

— Segunda.

— Ah — respondeu o homem, pensativo. — Então devem ter cometido um engano. É uma palavra difícil de dizer, não é? *Ypres*. Mas os franceses são assim. Não gostam de facilitar as coisas. Conheci uma garota em Paris, sabia? Uma coisinha linda. Trabalhava em um bistrô perto da Avenue de la Motte-Picquet. Pensei em me casar com ela, mas sei o que meu pai teria dito se eu a trouxesse para casa. Acontece que ele não suporta os estrangeiros. E ele tem dinheiro, por isso acha que todo mundo quer um pouco. Nunca dei muita importância ao dinheiro. Mas acho que é fácil falar quando você tem sobrando.

Alfie olhou para o homem do outro lado do jardim, que se virou, como se tivesse sentido o menino o observando. Não era seu pai.

— Preciso ir — disse Alfie.

— Vai fazer a ronda, não é? Você é jovem para um médico, mas todo mundo precisa colaborar em uma época como essa, não é mesmo?

Alfie fez que sim com a cabeça e se afastou. Ele odiava aquilo. Odiava aquele lugar e odiava aquelas pessoas. Ir àquele hospital era como entrar num pesadelo no qual nada do que era dito fazia sentido. Aqueles homens eram todos perturbados, vivendo parte no presente, parte no passado e parte em alguma terra sem lei, onde marchavam tentando desviar de tiros, mas fracassavam, agonizavam, desfaleciam. Ele estava fazendo a coisa certa ao levar o pai para longe dali; disso, tinha certeza. Pegou a sacola de lona e passou pela cerca viva, seguindo na direção do hospital.

Ficou parado do lado de fora por um momento, apavorado pela ideia de entrar outra vez, mas era inevitável. Teve esperança de encontrar Georgie nos jardins e fugir com ele, mas isso não aconteceu. Precisaria entrar para procurar o pai.

Em uma daquelas alas assustadoras.

Escondeu a sacola de lona atrás de um vaso e abriu a porta, enfiando a cabeça para espiar. A área estava livre. Havia uma escada na metade do corredor e ele olhou para cima. Eram pelo menos três andares, com quartos em toda parte. Seu coração ficou apertado quando ele se perguntou como conseguiria encontrar o pai num lugar tão grande.

À sua frente estava o posto de enfermagem onde fora descoberto da outra vez, e ele seguiu apressado naquela direção, contente ao ver que não tinha ninguém por perto. Se o médico bravo o encontrasse de novo, nunca acreditaria na história sobre ser o filho do leiteiro. Ele olhou à volta e se escondeu atrás da mesa. No mesmo

instante, viu o dr. Ridgewell (cujos sapatos Alfie já tinha engraxado duas vezes) saindo de uma das alas, acompanhado de outro médico, mais jovem e com jeito ansioso. O menino se esgueirou para trás do balcão, torcendo para que os dois não dessem a volta.

— ... pode ir para casa no começo da semana que vem, imagino — dizia o dr. Ridgewell. — Marque para ele algumas consultas com Davis, da Harley Street. Falei com a secretária, ela já sabe tudo sobre o caso. Uma vez por semana deve ser suficiente. Mas é estimulante, não é? Ver alguém melhorar tanto. Renova as esperanças em relação aos outros.

— O senhor já recebeu resposta do Departamento de Guerra, doutor? — perguntou o mais jovem.

— Sobre o quê?

— Reconhecimento.

Houve silêncio por alguns instantes.

— Não, ainda não. Nenhum desses malditos políticos quer ser a pessoa que vai declarar o óbvio, que vai deixar claro para o público que essa condição é real, algo com que todos nós precisamos lidar. Acho que, infelizmente, vamos precisar lidar com ela por muitos anos. O problema é que as pessoas ainda acham que se trata de covardia, e ninguém do Parlamento tem coragem de contradizer isso.

— Eu pensei... — disse o jovem. — Quer dizer, eu estava imaginando que talvez...

— Ah, desembuche, Chartwell. Não tenho o dia todo.

— Bom, já tivemos alguns casos bem-sucedidos, não tivemos? E alguns fracassos. Não seria útil convidar alguns cavalheiros da imprensa para nos visitar? Eles poderiam escrever sobre o assunto. Espalhar a notícia entre a população. Dessa maneira, talvez a gente consiga mais apoio.

O dr. Ridgewell ficou quieto por alguns momentos e, quando falou, seu tom sugeria que ele tinha ficado estupefato com a ideia.

— Cavalheiros da imprensa? — ele perguntou, enunciando cada palavra devagar. — Você perdeu a capacidade de raciocínio, Chartwell? Convidar os jornais? Para vir ao East Suffolk? Você acha mesmo que é disso que nossos pacientes precisam, um monte de jornalistas boquiabertos entrevistando e tirando fotos para vender jornal?

— Eu só quis dizer que, se contarmos ao mundo o que acontece aqui, talvez

possamos encorajar as pessoas a conversar com os membros do Parlamento. Podemos mostrar pacientes como Boyars, que está indo para casa praticamente curado. Contar sobre o bom trabalho que estamos fazendo.

— E quanto àqueles que não estão melhorando, Chartwell, você pensou neles? Levinson, no primeiro andar? Hobbs, na ala ao lado? Summerfield, no segundo? Vamos expô-los também e chamar o mundo inteiro para ver o espetáculo? Devo me tornar P. T. Barnum e eles, minhas atrações circenses?

Os ouvidos de Alfie ficaram mais atentos quando ele ouviu o próprio sobrenome. *Summerfield, no segundo.*

— Me desculpe, doutor — disse o jovem, com uma nota de arrependimento na voz. — Foi uma má ideia.

— Precisaria ser uma ideia consideravelmente melhor, Chartwell, para ser qualificada como má. Teria muitos graus de estupidez a vencer para que pudesse fazer jus a um adjetivo tão elevado. Vamos nos concentrar apenas em fazer o que fazemos melhor, a prática da medicina, e deixar o mundo pensar o que quiser, está bem? E não posso ficar o dia todo de papo furado com você. Preciso ver meus pacientes, e tenho certeza de que você também.

Para o alívio de Alfie, eles começaram a se afastar e não o viram escondido ali.

Alfie saiu de trás do balcão e começou a subir os degraus de pedra, alcançando o primeiro andar e continuando até o segundo (agora ele ao menos sabia o andar em que seu pai estava). Havia um murmúrio de vozes baixas — pacientes nos quartos, enfermeiras cuidando deles — e Alfie andou na ponta dos pés, sem fazer barulho, para verificar a primeira ala, tentando ser o mais silencioso possível para que ninguém o descobrisse.

Porém, era difícil procurar o pai, pois muitos dos homens estavam encolhidos na cama, com um cobertor cobrindo o rosto, ou então sentados na cadeira de rodas, de costas para ele, olhando pela janela. Alfie sentiu um frio no estômago, sem a menor ideia do que fazer — mas foi nesse momento que ele o viu, em uma ala com as palavras ST. MARGARET escritas acima da porta. Estava sentado perto da janela, embaralhando um monte de cartas, puxando algumas aleatórias e as observando antes de devolvê-las ao monte.

Alfie entrou na ala e conferiu o entorno. Havia três outros homens ali. O primeiro estava na cama à esquerda, num sono profundo, as mãos puxando o cobertor até o queixo como se fosse uma criança. Do lado oposto estava outro, sentado na cama,

lendo. Quando viu Alfie, ele baixou o livro e abriu um sorriso. Não tinha nenhum dente na boca. O menino levantou a mão e a manteve no ar por um momento, num aceno, e o homem fez que não com a cabeça e desviou os olhos. Na terceira cama havia um rapaz muito novo (não parecia ter mais do que dezoito anos) deitado com os punhos cerrados, mantendo-os ao lado da cabeça. Em intervalos de poucos segundos, ele fechava os olhos com força e emitia um som estranho, como um soluço de horror, então esse momento passava e suas mãos se abriam, até que tudo se repetia. E enfim, logo ali, perto da janela, estava Georgie Summerfield.

— Pai! — disse Alfie, indo até ele e se ajoelhando à sua frente. — Pai, sou eu. Alfie.

Georgie o encarou e os sinais de reconhecimento apareceram em seu rosto.

— Alfie — ele respondeu. — Nunca é você.

— Desta vez sou eu — disse Alfie. — Eu falei que ia voltar.

— Quando você me falou, Alfie? Não estou sonhando, estou? Chegue mais perto, filho.

Alfie se aproximou e Georgie estendeu as mãos para tocar seu rosto. Passou os dedos pelas bochechas e pelo queixo do menino, do mesmo jeito que um cego faria se quisesse saber mais sobre alguém.

— É você mesmo, não é? — ele perguntou, com uma voz baixa que misturava espanto e emoção. — Mas está tão grande. Você não tem mais cinco anos, tem?

— Tenho nove — disse Alfie, confuso, pois seu pai o tinha visto apenas alguns dias atrás, mas parecia ter esquecido por completo. Ele olhou para o criado-mudo ao lado da cama, onde três pílulas com cores diferentes estavam num pires ao lado de um copo de água. Tentou imaginar a quantidade de remédios que davam a Georgie todos os dias e se isso o fazia esquecer as coisas.

— Nove — repetiu o pai, sacudindo a cabeça, espantado. — E você não está internado aqui agora, está? — ele perguntou de repente, uma expressão de horror cruzando seu rosto, e então sacudiu a cabeça. — Não, é claro que não está. Não estou com a cabeça no lugar. Você é só um menino, não poderia estar. Mas, então, o que está fazendo aqui? Quem te deixou entrar?

— Vim buscar você, pai — disse Alfie.

— Me buscar?

— Vim levar você para casa.

Georgie engoliu em seco e fez que não com a cabeça.

— Não posso voltar para casa — ele disse. — Não estou bem, Alfie.

— Você não está bem porque este lugar não está te deixando bem. Mas, se voltar para casa comigo, vou fazer você melhorar. Eu prometo! Você precisa voltar para a carroça de leite. O sr. Asquith ainda está lá, sabia? Ele tem muita saudade de você.

— Quem?

— O sr. Asquith — repetiu Alfie. — Você sabe, o sr. Asquith!

— Ah, sim — disse Georgie, sacudindo a cabeça devagar, como se não tivesse a menor ideia do que Alfie estava falando.

— Posso ir trabalhar com você — continuou Alfie. — Você disse que eu poderia, quando fosse mais velho.

— Cinco anos é novo demais para as carroças. Sua mãe arrancaria o meu couro.

— Mas eu tenho *nove* anos agora, pai! Nove!

Um barulho veio do rapaz na cama do lado oposto e Alfie olhou para ele. Seus olhos estavam abertos, mas não pareciam focados em nada.

— Ele não disse nada que fizesse sentido em mais de uma semana, o coitado — comentou Georgie, sacudindo a cabeça. — A mente dele já era.

— Pai, você precisa vir comigo — disse Alfie, puxando a mão do pai. — Podemos ir embora, nós dois. De trem. Tenho as passagens. Vou levar você para casa. Vai melhorar se voltar para lá.

— Está bem, Alfie — respondeu Georgie, dando de ombros, como se não tivesse escolha. — O dr. Ridgewell disse que tudo bem, não é?

Alfie hesitou, mas então fez que sim, ansioso.

— Sim — ele disse. — Ele falou que você está melhor, e que tudo o que precisa é voltar para casa e ficar com a família. Ele me pediu para vir buscar você.

— Ele nunca comentou nada comigo. Ai! — ele exclamou de repente, fazendo uma careta e colocando a mão na têmpora. — Remédio, remédio — grunhiu, apontando para o pires ao lado da cama, e Alfie correu para pegar as pílulas e o copo de água. Georgie engoliu cada uma com pressa e se reclinou na cadeira, ofegante, como se aquilo o tivesse exaurido. — Enxaqueca — ele disse, baixinho. — Tenho sempre. É péssimo. Péssimo. Dói tanto que você nem imagina. Fico enjoado. Preciso dos meus remédios, Alfie. Eles me dão a cada três horas. Não podemos ir embora sem eles.

— Não tem problema, pai — respondeu Alfie, pensando no armário de remédios no banheiro de casa, onde havia bandagens, uma garrafa com uma gosma verde que

ele tomava quando tinha tosse e alguns frascos com pílulas (que ele não sabia para que serviam). — Temos um monte de remédio em casa. Você pode tomar.

— Ah, então tudo bem — disse Georgie, dando de ombros outra vez, e foi naquele momento que Alfie percebeu que ele não estava mais se comportando como seu pai. Era como se os papéis tivessem sido invertidos e Georgie simplesmente acreditasse em tudo que Alfie dissesse, como se ele fosse o adulto e Georgie, a criança. Tal pensamento fez Alfie se sentir muito desconfortável e até um pouco assustado. Seu pai era quem deveria cuidar dele, não o contrário.

— Então vamos — disse, ajudando o pai a se levantar e o conduzindo para fora da ala. — Precisamos descer sem fazer barulho.

— Tchau, rapazes! — disse Georgie, animado, acenando para os homens nas camas. Sua voz saiu alta demais e Alfie precisou fazer “xiu!”.

Seguiram até o térreo sem que ninguém os visse, depois para o jardim, onde Alfie recuperou a sacola de lona. Ele tirou de dentro dela a calça, a camisa e o casaco que tinha pegado no guarda-roupa do pai pela manhã.

— Vista isso — pediu. — Assim, ninguém vai suspeitar de nada no trem.

— Está bem, Alfie — disse Georgie, obediente, vestindo as peças por cima do pijama e depois calçando os sapatos que Alfie lhe entregou. — Mas você tem certeza disso, não é? O dr. Ridgewell falou que tudo bem?

— Ele me pediu para buscar você — respondeu Alfie. — Venha, pai, vamos embora.

Quando viraram a esquina na lateral do prédio, Alfie viu um homem andando na direção deles, vestido com uniforme militar completo, e sentiu seu coração saltar dentro do peito. Ele olhava diretamente para os dois e acelerou o passo ao se aproximar.

— Pai, não diga nada — sussurrou Alfie. — Deixe comigo, está bem?

— Está bem, Alfie — respondeu Georgie.

— Você, rapaz — disse o homem, parando diante dos dois. Ele tinha bochechas muito vermelhas e um bigode branco como a neve, e levava consigo um objeto que parecia uma bengala. — Onde estou?

— No hospital East Suffolk e Ipswich — respondeu Alfie.

— Sim, disso eu sei — disse o homem, irritado. — Não sou totalmente idiota, sabia? Estou procurando pela entrada da ala B. Tem um cachorro enorme na entrada principal e, toda vez que tento entrar, o maldito rosna para mim. Eu teria atirado

nele, mas deixei minha arma no quartel-general.

Alfie o encarou, horrorizado. Por um instante, pensou que se tratava de um dos outros pacientes, mas o uniforme negava essa possibilidade.

— Quem é você, afinal? — perguntou o homem. — O que um moleque está fazendo aqui? E quem é esse sujeito?

— Georgie Summerfield — disse Georgie, sorrindo como se tudo não passasse de uma grande piada. — Eu tive um cachorro quando era menino. Era pequeno. Uma criaturinha melancólica. Mas muito amorosa.

— Fascinante — respondeu o homem. — Você trabalha aqui, Georgie?

— Dr. Summerfield — disse Alfie, na mesma hora.

— Ah! — exclamou o homem, observando-o bem e baixando um pouco a guarda. — Você está no comando por aqui?

— Não, eu não, senhor — disse Georgie.

— O dr. Summerfield já terminou o expediente de hoje e está indo embora — acrescentou Alfie.

— A essa hora? — perguntou o homem, conferindo o relógio. — Um pouco cedo para largar o batente, não?

— Ele estava no turno da noite — disse Alfie.

— E você é o quê, um boneco de ventríloquo? O dr. Summerfield não pode responder sozinho? Quem é você, afinal?

— O pai dele é um paciente daqui — interveio Georgie, agora endireitando a postura e falando com voz clara.

— E como ele está indo?

— Não muito bem. O menino veio visitar, mas não podemos aceitar crianças aqui. Quero garantir que ele encontre o caminho até a estação, agora que estou indo embora.

— Hummm — disse o homem. — Pois bem. Deu-lhe um safanão na orelha, foi?

— Não, senhor — respondeu Georgie.

— Eu teria dado. Não tolero meninos. Nem meninas. Nenhuma criança, na verdade. Não importa o gênero. Não discrimino, detesto os dois na mesma proporção. Como eu dizia... Ala B. Me ajude, sim?

— Siga por esta porta — disse Alfie —, depois pelo corredor, entre na primeira à esquerda e o senhor vai encontrar uma escada. Suba um andar e vire à direita até chegar à ala St. Hilda. Então, passe pela porta que diz “Entrada Proibida”, e aquele

corredor comprido vai levar o senhor para a ala B.

— Obrigado — respondeu o homem, agora meneando alegremente com a cabeça.
— Acho que entendi.

— De nada — disse Alfie, que tinha inventado cada palavra daquelas instruções. Ele queria apenas que o homem fosse embora e, com sorte, se perdesse nos corredores do East Suffolk.

— Você foi genial, pai — ele comentou depois que o homem tinha se afastado, mas Georgie tinha voltado a seu estado ausente e levou bastante tempo para virar a cabeça.

— O que disse, Alfie?

— Você foi como antes. Ele não suspeitou de nada.

Georgie ficou calado, franziu as sobrancelhas e fechou os olhos, emitindo um gemido profundo pela boca e apertando as mãos contra as têmporas.

— Pai — chamou Alfie. — Pai, você está bem?

— Estou, filho — respondeu Georgie, baixinho. — Podemos voltar para dentro agora? Acho que eu deveria ir para a cama.

— Não! Vou levar você para casa, lembra?

— Ah, sim — ele respondeu. — Então, tudo bem. Se é isso que você acha melhor.

Na metade da alameda, Alfie viu três enfermeiras subindo pelo caminho e empurrou o pai para trás de um grupo de árvores.

— O que está acontecendo? — perguntou Georgie, olhando à volta como se tivesse acabado de acordar.

— Xiu! — pediu Alfie. — Não faça nenhum barulho.

— O sargento Clayton está fazendo a ronda?

— Pai! Xiu! — insistiu Alfie, observando as enfermeiras passarem.

— Eu só perguntei.

— Pai! — Alfie sentiu todo o corpo suar frio. Bastaria que uma das enfermeiras virasse a cabeça para ver os dois escondidos no mato. Ele segurou o fôlego e só soltou o ar depois que elas tinham passado. — Certo — ele disse. — Vamos, precisamos sair daqui o mais rápido possível.

Ele começou a correr e por um momento Georgie ficou apenas olhando, confuso, até que foi atrás. Depois de sair pelos portões do hospital, pararam e recuperaram o fôlego.

— A estação de trem fica para lá — apontou Alfie. — É só me seguir.

— Alfie — disse Georgie alguns minutos depois, quando eles se sentaram na grama para esperar o trem. — Você se lembrou de trazer meus remédios, não é?

— Eu já falei — respondeu Alfie —, tem bastante remédio em casa. Mas você não vai precisar, eu prometo. Quando estiver em casa, na rua Damley, vai ficar com a saúde boa.

— Certo, Alfie — disse Georgie, concordando com a cabeça, contente.

— Certo, pai — respondeu Alfie.

QUERO VOLTAR PARA CASA

Georgie ficou muito quieto no trem de volta para Londres. Sentou em um canto do vagão, fitando a paisagem que passava, os braços em volta do peito como se tentasse impedir a si mesmo de balançar para a frente e para trás. Sempre que o trem parava em uma estação — ou melhor, *perto* de uma estação — para que os passageiros subissem ou descessem, ele fechava os olhos. Quando o condutor apitava, e também em uma parada especialmente cheia, em que bateram as portas ao longo do trem inteiro, Alfie teve certeza de que ouviu um gemido baixinho saindo da boca do pai. Nesses momentos, tentava puxar conversa, mas Georgie oferecia apenas respostas com uma única palavra: *sim*; *não*; *Clayton*; *amanhã*; *remédio*; *pouco*; *ajuda*.

Em Manningtree, um jovem soldado embarcou e se sentou no mesmo vagão que eles, acendendo um cigarro e olhando de um para o outro com um sorriso convencido e insolente. Seu uniforme estava limpo e recém-passado — parecia ser a primeira vez que estava usando. Por um instante, o pai de Alfie olhou para ele de cima a baixo com uma expressão angustiada no rosto, mas, quando seus olhos se cruzaram, Georgie desviou para o outro lado.

— Está olhando o quê? — perguntou o rapaz. — Nunca viu um soldado antes?

Georgie ficou calado e Alfie tentou se concentrar em *Robinson Crusoé* para que o sujeito não tentasse conversar com ele.

— O gato comeu sua língua? Eu disse: *nunca viu um soldado antes?*

— Alguns — murmurou Georgie, olhando pela janela.

— O que é isso que você está lendo? — perguntou o soldado, arrancando o livro das mãos de Alfie com um movimento ágil e girando-o para ler a capa. — *Robinson Crusoé*. Meu pai tem um exemplar em casa. Parece chato.

— É o melhor livro já escrito — disse Alfie.

— Rá! — respondeu o soldado, sacudindo a cabeça. — Como se *você* fosse saber. Quem é o barril de felicidade na janela? — ele perguntou, indicando Georgie

com a cabeça.

— Meu pai — disse Alfie.

— Ele tem um parafuso a menos, não é? Ei, cara! Você tem um parafuso a menos, não tem?

Georgie se virou e o encarou, inclinando um pouco a cabeça como se tentasse entender o que estava acontecendo, e então olhou pela janela outra vez.

— Você viu só? — continuou o jovem soldado, apontando para o próprio uniforme. — Bonito, não é? É meu primeiro dia. Estou a caminho de Londres para conhecer meus novos amigos e depois vou para Aldershot começar o treinamento. Esperei esse dia por quatro anos. Disseram que terminaria até o Natal, não disseram? Estavam enganados, graças a Deus. Ei, por que você não está na guerra, hein, amigo? — ele perguntou em tom agressivo a Georgie, que se levantou no mesmo instante e saiu do vagão, fechando a porta atrás de si com raiva. — Um pena branca, é? — continuou o soldado, rindo. Alfie sentiu suas mãos se fechando com força e desejou poder calar a boca daquele idiota. — Eles estão por toda parte. Só um homem de verdade pode vencer a guerra. Vou cuidar daqueles alemães, pode ficar tranquilo. Eu e meus novos amigos.

Alfie se levantou e saiu do vagão sem dizer nada. Seguiu pelo trem até encontrar seu pai sentado sozinho, com a cabeça enterrada nas mãos.

— Pai? — ele disse, sentando-se ao lado dele. Alfie queria desesperadamente abraçá-lo, mas não sabia como. Parecia estranho demais. — Pai, você está bem?

— Estou, Alfie — respondeu Georgie, baixinho. — Estou cansado, só isso. Você não tem nenhum remédio para mim, tem?

— Não, desculpe.

— Tudo bem, então.

Não disseram mais nada pelo resto do caminho até King's Cross e, quando chegaram, Georgie não queria sair do trem — o barulho dos motores freando e os apitos dos condutores o deixaram visivelmente trêmulo. Quando Alfie conseguiu enfim convencê-lo a descer para a plataforma, ele parecia ainda menos disposto a seguir na direção da rua Damley. Quando chegaram ao início da rua, Alfie primeiro espiou pela esquina, na esperança de que não houvesse ninguém à vista, mas ali estavam a sra. Scutworth, do número 15, e a sra. Candlemas, do número 13, lado a lado, lavando as janelas.

— Vamos esperar até elas terminarem — disse Alfie, e Georgie concordou com a

cabeça.

Eles ficaram ali esperando e os minutos custaram a passar. Toda vez que Alfie olhava para o pai, queria dizer alguma coisa, mas a testa de Georgie estava franzida e ele parecia um tanto encolhido, os punhos cerrados, o corpo balançando para a frente e para trás, e Alfie não conseguiu pensar em nada a dizer que não fosse piorar as coisas.

— Venha, pai — ele disse quando as duas mulheres tinham entrado, e se viu pegando o pai pela mão e o conduzindo até a porta da frente de casa, do mesmo jeito que Georgie fazia quando ele era um menininho. Pôs a chave na fechadura, girou rápido e os dois entraram.

Georgie olhou em volta, e sua postura era de desconforto. Quase nada tinha mudado nos quatro anos, mas as lembranças do número 12 talvez fossem demais para ele, pois no momento em que entrou na sala desmoronou na poltrona quebrada à frente da lareira e afundou o rosto nas mãos.

— ... quando viram que éramos nós, estavam diferentes, não estavam? — ele murmurou para si. — Não posso ser o encarregado de recolher os mortos outra vez. Três noites seguidas são demais para qualquer um, é uma tortura... *Fique onde está e então corra*, foi o que ele disse para mim. Não faz sentido, faz? Cadê Unsworth? Onde ele se enfiou desta vez?

— Pai! — disse Alfie, ajoelhando-se ao lado dele. — Pai, tem alguma coisa errada? Não consigo entender o que você está dizendo.

Georgie olhou para o filho e sacudiu a cabeça — e, por um instante, pareceu ser o Georgie de antigamente.

— O que foi, filho? — ele perguntou com a voz alegre. — Ah, não se preocupe comigo, sempre fui de ficar com a cabeça nas nuvens, só isso. Seja um bom menino e peça para sua mãe fazer um chazinho para nós. Preciso dormir cedo, se quiser acordar na hora certa amanhã.

Alfie fez que sim com a cabeça, foi para a cozinha e pôs a chaleira no fogo. Pegou a lata de chá, que estava um quarto cheia, despejou uma colher de sopa no bule, encheu-o com água quente e deixou em infusão por alguns minutos, enquanto separava pão e queijo da despensa. Quando o chá estava pronto, colocou tudo em uma bandeja e levou para a sala. Georgie estava perto da lareira, segurando um retrato dos três — ele, Margie e Alfie — tirado apenas algumas semanas antes do início da guerra.

— Família bonita — comentou Georgie, como se não reconhecesse nenhum deles.

— Pai, somos nós — disse Alfie, estendendo-lhe o chá. — Tome, beba um pouco. Você vai se sentir melhor, eu prometo.

Georgie concordou com a cabeça, sentou-se e deu um gole cauteloso.

— Você esqueceu o açúcar — ele disse. — Deixe pra lá, provavelmente estamos sem. Sabe, se estivéssemos em Londres, minha Margie nunca teria esquecido o açúcar.

Alfie olhou para ele.

— Pais, *estamos* em...

Um *toc-totoc-toc* soou na porta da frente e Alfie deu um salto. Só uma pessoa batia daquele jeito.

— Fique aqui — ele disse para o pai. — Não se mexa, está bem?

— Sim, senhor! — respondeu Georgie, batendo continência ao se reclinar na poltrona.

Alfie seguiu para o corredor e abriu a porta só um pouquinho, o suficiente para ver a rua, mas com o pé posicionado para que ninguém entrasse sem permissão.

— Tudo bem, Alfie?

— Tudo bem — ele respondeu, sorrindo para o velho Bill, que tentava espiar o corredor por cima do seu ombro. Atrás dele, Alfie viu o sr. Asquith parado no meio da rua e Henry Lyons sentado na carroça cheia de latas de leite vazias. Ele tentava de tudo para fazer o cavalo continuar andando, mas o sr. Asquith observava com atenção a casa do número 12 e não se mexia de jeito nenhum.

— Tudo bem aí dentro? — perguntou o vizinho.

— Sim, mas a mamãe está no trabalho, se o senhor estiver procurando por ela.

— Não, não é isso — ele disse. — Alfie, posso estar ficando louco, mas fui para a sala alguns minutos atrás e dei uma olhada para fora, e posso jurar que vi um rosto familiar passando pela janela.

Alfie engoliu em seco e torceu para que a expressão em seu rosto não o denunciasses. Tentou fingir que não tinha entendido.

— Um rosto familiar? — ele perguntou. — De quem?

— Você está sozinho em casa, Alfie? — perguntou o velho Bill.

— Vamos, companheiro! — berrou Henry Lyons o mais alto que pôde.

— Eu já disse, a mamãe está no trabalho.

O velho Bill coçou a barba e parecia na dúvida se deveria fazer mais perguntas.

— Eu acho que vi... Bom, olha, sei que parece loucura, mas pensei ter visto seu pai descendo a rua Damley. Em pessoa, e duas vezes mais feio. — Ele se virou e olhou para o sr. Asquith. — Qual é o problema daquele cavalo infernal?

— Meu pai? — perguntou Alfie, rindo alto, e até para ele o riso soou falso.

— Sim, seu pai. Você sabe, um sujeito alto. Partiu para a guerra. Seu pai, Alfie.

— Meu pai está numa missão secreta — respondeu Alfie.

— Então meus olhos devem ter me enganado.

— Acho que sim.

— Devo ter sonhado.

— Não tem mais ninguém aqui.

— Posso entrar, Alfie? — perguntou o velho Bill.

— Preciso ir para a escola.

O velho Bill conferiu o relógio.

— A essa hora? — ele perguntou.

— Para a mercearia, eu quis dizer. Falei para a mamãe que eu compraria algumas coisas para o chá.

Houve um longo silêncio e eles se encararam, homem e menino, um esperando que o outro cedesse. Enfim, com um relincho estridente, o sr. Asquith saiu andando pela rua, *clap-clap-clap*, olhando para trás uma ou duas vezes para oferecer a Alfie um olhar de reprovação.

— Então, está certo — disse o velho Bill finalmente, com um suspiro profundo.

— Bom, nos vemos mais tarde. Tchau, Alfie.

— Tchau.

Ele fechou a porta e apoiou as costas nela por um instante, sacudindo a cabeça. Tinha sido por pouco. Quando voltou para a sala, a xícara de Georgie estava caída no chão, e o chá, derramado no tapete a seus pés. Ele levantou a cabeça para olhar para Alfie, como uma criancinha descoberta fazendo algo que não devia.

— Derramei — ele disse.

— Não tem importância — respondeu Alfie. — Vai secar.

— Não, é melhor eu limpar — ele disse, estendendo a mão para pegar uma das almofadas do sofá e a aproximando da área úmida.

— Não, não faça isso — interveio Alfie, tirando a almofada das mãos dele. Sua mãe ficaria brava se ele a sujasse com chá. — Não tem importância. Deixe assim.

— Sim, senhor, sargento! — disse Georgie, reclinando-se outra vez.

— Eu não sou um sargento! — berrou Alfie, frustrado. — Sou o Alfie!

— Claro que é — disse Georgie, dando de ombros. — Conheço meu próprio filho, não conheço?

Alfie olhou para o relógio. Era o meio da tarde e ele se deu conta de que nunca tinha pensado no que faria depois de trazer o pai de volta para casa. Quis apenas tirá-lo daquele hospital terrível, com o sangue, o fedor e os lamentos constantes de homens com sequelas permeando o ar. Mas agora percebia que ficar enfiado naquela casa pequena não devia ser o melhor para Georgie no momento, e teve uma ideia. Subiu correndo para o quarto, abriu o armário, pegou a caixa de engraxar e voltou para a sala.

— Vamos sair — ele disse, olhando para o pai.

— Sair? Para onde? Eu estava começando a ficar à vontade.

— Preciso trabalhar.

Georgie franziu as sobrancelhas.

— Trabalhar? A leiteria não está aberta agora. Não para nós, pelo menos.

— Não trabalho na leiteria — disse Alfie. — Trabalho na King's Cross.

— Condutor, é? Eles são uns metidos, esses condutores.

— Sou engraxate — respondeu Alfie, frustrado.

— Ora, está aí um jeito bom e honesto de ganhar a vida. — Os olhos de seu pai correram pela sala e, de repente, ele pareceu não saber onde estava. — Preciso sair daqui — ele disse, num tom subitamente horrorizado.

— Ótimo, porque é isso que vamos fazer. Venha.

Eles saíram de casa e, dessa vez, Alfie, andando alguns passos à frente de Georgie, conduziu-o pelo caminho mais longo, para que não passassem pela janela do velho Bill Hemperton. No fim da rua, ele deu meia-volta por um instante quando viu Joe Patience na porta do 16, fumando um cigarro enquanto o observava. Fazia quanto tempo que ele estava ali? Será que tinha visto Georgie? Seus olhares se cruzaram por um momento, mas Joe não mudou de expressão e continuou fumando. Alfie dobrou a esquina, e seu pai o esperava com o olhar perdido no céu.

— O mundo é imenso, não é? — disse Georgie. — Você acha que nos outros planetas todo mundo se odeia também?

— É aqui que eu fico — disse Alfie quando eles chegaram ao seu lugar de sempre na King's Cross, à mesma distância das plataformas, do guichê e da

lanchonete. — E essa é a cadeira em que os clientes sentam. Quer sentar nela?

Georgie deu de ombros. Alfie puxou a cadeira e seu pai olhou para ela um tempo antes de sentar. Alfie tirou os pincéis, as escovas e os panos da caixa de engraxar e encaixou o apoio para pés no topo, enquanto o pai observava sem dizer nada.

— Peguei na casa do sr. Janáček — explicou. — Depois que ele e Kalena foram levados. Os soldados achavam que eles eram alemães, mas eles não são, são de Praga. Eu sei que não devia ter pegado, mas acho que o sr. Janáček não se importaria. Você não está bravo comigo, está, pai?

Georgie fez que não com a cabeça. Olhou para o menino e sorriu. Alfie não conseguia entender por que o humor de seu pai ficava mudando daquele jeito.

— Não, filho, não estou bravo com você — ele disse. — O sr. Janáček ficaria contente em saber que a caixa está sendo bem usada.

— Venho para cá quatro dias da semana. Dou a maior parte do dinheiro que ganho para a mamãe. Ela está trabalhando como enfermeira, sabia? E lavando roupa para fora. E às vezes costurando para uma dondoca. Mas guardo um pouco para mim, em caso de emergência. Foi assim que paguei pelas passagens de trem.

Georgie concordou com a cabeça e pôs a mão no bolso do casaco. Não havia nada ali, então ele procurou no outro. Também vazio. Alfie sabia o que ele estava procurando. Todos os homens que se sentavam naquela cadeira faziam o mesmo. Pegavam o cachimbo ou um cigarro. Todo mundo gostava de fumar quando estava engraxando os sapatos. Até o primeiro-ministro.

— Você quer que eu engraxe seus sapatos, pai? — perguntou Alfie, olhando para os pés dele, e Georgie fez que sim, colocando o pé esquerdo no suporte. Alfie começou a trabalhar. Tinha muita poeira neles por causa de todo o tempo que tinham passado no guarda-roupa; ele precisaria dar uma boa espanada antes de começar com a graxa.

— Você vai voltar para casa, pai? — disse Alfie, baixinho, sem olhar para cima enquanto seus dedos trabalhavam no sapato.

— Eu *estou* em casa, não estou? Londres? Ou fiquei doido?

— Quero dizer para a *nossa* casa — respondeu Alfie. — De vez. Voltar para a rua Damley. Para a carroça de leite e para o sr. Asquith. Como as coisas costumavam ser.

Uma gota de água caiu na ponta do sapato e Alfie franziu as sobrancelhas ao limpá-la. O telhado devia estar com vazamento. Ele olhou para as multidões que

cruzavam a estação e, por um momento, pensou ter visto um rosto conhecido encarando-o, perto do vendedor de tabaco. Um rosto abatido, com cicatrizes e queimaduras. Alfie piscou e tentou focar a visão, mas as pessoas que andavam para todo lado bloquearam a vista e, quando surgiu uma brecha, não havia mais ninguém ali.

— Eu odeio a guerra — disse Alfie, com um suspiro.

— Todo mundo odeia — respondeu Georgie. — É uma coisa horrível.

— Disseram que ia terminar até o Natal, mas não terminou.

— Mesmo quando essa acabar, vai ter outra logo depois. São como ônibus, sabe? Se você perde um, pega o próximo. Precisa fugir daqui, Alfie, está me ouvindo? Não deixe eles te pegarem. Precisamos de trinta anos de paz para que você não seja convocado.

Outra gota de água caiu no sapato e Alfie levantou a cabeça. Não era uma goteira — Georgie estava chorando. Ele nunca tinha visto o pai chorar e aquilo o deixou assustado.

— Pai — ele disse —, o que foi?

— Nada, filho, nada — ele respondeu, enxugando o rosto com um lenço. — Não se preocupe comigo. Só capriche e deixe esses sapatos brilhando, está bem? Talvez eu leve sua mãe para dançar mais tarde. A que horas ela chega do trabalho?

Alfie deu de ombros.

— Talvez ela tenha o turno da noite — ele disse. — Mas, se tiver, provavelmente vai cancelar, considerando que você está de volta. Apesar de que, às vezes, quando ela chega em casa, ela...

Um barulho horrível veio de trás deles — o som de vinte portas de vagões sendo fechadas com força, uma depois da outra. Alfie olhou para cima — ele tinha ouvido aquele som dezenas de vezes por dia desde que começara a trabalhar lá e detestava; eram como tiros, estrondos rápidos um atrás do outro, e pareciam durar uma eternidade — mas, quando olhou para o pai, ele cobria as orelhas com as mãos, encolhido, a cabeça abaixada.

— Pai — disse Alfie, endireitando a postura. — Pai, o que foi?

Um lamento pavoroso estava vindo de Georgie, uma mistura de gemido com choro, e Alfie olhou para o trem. Ainda faltavam mais ou menos dez portas.

Bang! Bang! Bang! Bang!

— Pai!

— Alfie, me ajude — ele implorou. — Faça parar...

Bang! Bang! Bang!

— Alfie, abaixe-se! Cubra a cabeça.

Bang!

— No fim da contagem regressiva, a gente corre, está bem? Três!

Bang!

— Dois!

Bang!

— Um!

Georgie tirou as mãos das orelhas e saltou da cadeira, mas Alfie foi mais rápido e o agarrou pela cintura, impedindo que ele saísse correndo.

— Pai! Está tudo bem. Sou eu, Alfie. Foram só as portas do trem batendo, só isso.

Georgie olhou para a plataforma e devagar, bem devagar, fez que sim com a cabeça, agora entendendo o que tinha acontecido. Seu rosto estava pálido. Havia suor frio descendo pela testa. As pernas pareciam não conseguir sustentar seu peso e ele se sentou outra vez.

— Meus remédios, Alfie — ele disse. — Preciso dos meus remédios. Minha cabeça está latejando.

Alfie ficou com tanta raiva de si mesmo que sentiu o estômago revirar. Ele tinha esquecido as pílulas do armário de remédios. Georgie precisaria esperar até eles voltarem para casa.

— Eu não trouxe — ele respondeu. — Desculpe, pai, deixei os remédios em casa. Podemos voltar para buscar, se você quiser.

— Não dá — gemeu Georgie, colocando a mão nos bolsos outra vez. — Um cigarro, pelo menos. Dempster, na próxima trincheira, tem um maço. Diga que, se ele me der um agora, devolvo dois na terça. É um bom negócio, não é?

Alfie fez que sim. Estendeu o braço para pegar a boina no chão e recolheu os poucos centavos que deixava lá para encorajar os clientes. O vendedor de tabaco ficava na outra extremidade da estação, perto da plataforma 6.

— Vou buscar para você — ele disse.

— Dempster — insistiu Georgie.

— Sim, vou pedir para ele. Um agora, dois de volta na terça. Entendido. — Ele olhou para o pai por um instante, sem saber se era uma boa ideia deixá-lo ali sozinho, mas seria mais difícil fazê-lo se levantar e ir até o outro lado do pátio. Se

corresse até lá sozinho, poderia voltar em menos de dois minutos.

— Fique onde está — disse Alfie, em tom determinado. — Está me ouvindo, pai? Fique onde está.

— E então corra — murmurou Georgie. Aquela mesma frase que ele não parava de repetir.

— *O que é isso?* — perguntou Alfie, ajoelhando-se à frente do pai. — O que significa?

— O sargento — disse Georgie, olhando para o chão. — Era o que ele dizia antes de sairmos da trincheira todas as noites. Ele nos enfileirava nas escadas. Uma fila de homens com a cabeça quase na altura do chão. O próximo grupo ficava alguns degraus abaixo, em prontidão para vir atrás. E o seguinte ficava no fundo da trincheira, todos de prontidão para colocar o pé no primeiro degrau da escada. Tínhamos ordens para esperar até que cada fileira saísse da trincheira e depois era a nossa vez. Tínhamos ordens para ficar imóveis até que os homens à nossa frente tivessem desaparecido em meio à fumaça do tiroteio. Fique onde está e então corra, é o que ele dizia. *Fique onde está e então corra*. Toda noite. Toda noite, Alfie.

Ele apertou as mãos nas têmporas outra vez e emitiu um grunhido baixo de dor, como um animal preso em uma armadilha; Alfie girou nos calcanhares e correu na direção do vendedor de tabaco. Aquilo acabaria com a dor, ele tinha certeza. Havia uma pessoa na sua frente demorando todo o tempo do mundo para contar as moedas e ele olhou para trás para ter certeza de que seu pai ainda estava na cadeira, mas a multidão do fim de tarde tinha começado a se formar e ele não pôde ver por entre todas as pessoas.

— Dez cigarros — disse Alfie, jogando as moedas no balcão, quando finalmente chegou sua vez.

— De que tipo? — perguntou o vendedor.

— Qualquer tipo! Não faz diferença. Os mais baratos.

O homem concordou com a cabeça, estendeu o braço para abrir uma gaveta, pegou uma caixinha vazia e começou a contar. O ruído estridente do apito de um condutor cortou o ar e o homem gritou que o trem para Liverpool estava prestes a partir da plataforma 3, que era a mais próxima do lugar em que Georgie estava.

— Rápido, por favor! — berrou Alfie, olhando em volta, e lá estava ele outra vez, uma figura que se destacava na multidão. Alguém que Alfie conhecia, mas que sumiu rápido demais para que ele identificasse. Olhou à volta de novo; tudo estava

muito confuso. Barulho. Movimento.

— A pressa é inimiga da perfeição — disse o vendedor de tabaco. — Você não quer que eu conte errado, quer?

Agora as pessoas corriam para o trem, cujo motor a vapor soava pela chaminé. Alfie viu o condutor seguindo até a plataforma, uma longa fileira de portas abertas à sua espera.

— Dez cigarros — disse o vendedor. — São três centavos, por favor.

Bang!

A primeira das portas do trem para Liverpool bateu.

Bang! Bang! Bang!

— Falta um quarto de centavo — disse o homem, e Alfie gritou desesperado ao enfiar a mão no bolso, onde encontrou um único quarto de centavo no fundo.

— Tome — ele disse, agarrando o pacote e jogando a moeda no balcão.

Bang! Bang! Bang! Bang! Bang!

Ele correu pela multidão, quase tropeçando enquanto forçava o caminho entre as pessoas para voltar até o pai.

— Todos a bordo!

Bang! Bang! Bang!

— Olhe por onde anda, moleque!

— Desculpe.

Bang! Bang! Bang! Bang!

Ele enfim conseguiu passar; estava de volta ao seu lugar de sempre e respirou aliviado. Apoiou as mãos nos joelhos, sentindo uma pontada na lateral da barriga, acalmando-se ao ver que a cadeira na frente da caixa de engraxar ainda estava ocupada. Quando endireitou as costas outra vez, estendeu o pacote.

— Cigarros? — perguntou o sr. Podgett, o homem do banco. — Obrigado, mas prefiro cachimbo. É um novo serviço? Engraxe os sapatos e ganhe um cigarro? Muito empreendedor da sua parte, meu jovem, mas não tenho certeza se é uma boa ideia. Vai acabar com seus lucros.

Alfie encarou o sr. Podgett, seus olhos se arregalando enquanto ele se virava para procurar pela estação. Não viu seu pai em parte alguma. Ele tinha sumido.

Ele tinha ficado onde estava.

E então corrido.

UM CAMINHO LONGO
E TORTUOSO

Alfie entrou correndo pela porta do número 12 e desabou no primeiro degrau da escada, segurando a cabeça com as mãos. Pensou em tudo que acontecera naquele dia e não conseguia acreditar em como tinha sido burro. Ele não deveria ter tirado Georgie do hospital. Claro que não! Como pôde ser tão imbecil? Tudo o que queria era ajudar o pai, trazê-lo para casa, para a família — e agora o tinha perdido. O que faria se ele nunca mais fosse encontrado?

Ouviu vozes e ergueu a cabeça, esperançoso. Talvez Georgie tivesse encontrado o caminho de volta! Ele se levantou num salto e correu para a sala, onde encontrou Margie sentada na poltrona quebrada à frente da lareira, conversando com alguém no sofá. Ele deu a volta, torcendo para ver seu pai sentado ali, mas não era ele — era a vovó Summerfield.

— Alfie? — ela disse. — Qual é o problema? Você está com cara de culpa e não aguento meninos com cara de culpa.

Ele olhou para a mãe, que estreitou os olhos, desconfiada.

— Você está mesmo muito pálido — comentou Margie. — E seus olhos estão vermelhos. Andou chorando?

Alfie fez que não com a cabeça. Ele não tinha chorado, mas ficara com a cabeça abaixada, o que explicava a vermelhidão.

— Não — ele respondeu.

— Onde você esteve, Alfie? — perguntou vovó Summerfield, inclinando-se para a frente e tirando os óculos. — Você está com cara de quem andou aprontando.

— Eu não fiz nada! — gritou Alfie, levantando a voz de um jeito que nunca tinha feito na frente da avó.

— Alfie! — disse Margie.

— O quê? — ele perguntou, olhando para ela, e depois jogou os braços para cima. — Vou para o meu quarto — acrescentou, correndo para o corredor e seguindo escada acima. Bateu a porta atrás de si e se jogou na cama, tentando

digerir os eventos das últimas horas.

Georgie tinha desaparecido enquanto o menino comprava cigarros. Alfie deduziu que o som das portas do trem batendo tinham perturbado o pai — ele reagira mal àquilo pouco tempo antes. E havia também o jeito como Georgie falava — tão esquisito, com frases que não se encaixavam umas nas outras. Alfie se lembrou do que o dr. Ridgewell tinha explicado sobre neurose de guerra, sobre como os soldados que voltavam do front pareciam não ter nada de errado fisicamente, mas lá dentro, na cabeça, estavam muito doentes. Foi essa a impressão que ele teve da maioria dos pacientes no East Suffolk. Até os amputados, os queimados e os homens com o braço em uma tipoia ou com a perna em um suporte olhavam para o nada, balançavam para a frente e para trás ou choravam, sofrendo mais do que qualquer pessoa que ele já tinha visto, mais do que Alfie tinha sofrido no dia em que Charlie Slipton, do número 21, jogara uma pedra nele no meio da rua, sem nenhum motivo.

O pai devia ter corrido da estação quando as portas do trem estavam batendo, pensou Alfie. Devia ter entrado em pânico. Mas para onde iria? Talvez tivesse embarcado em algum trem, ido para um destino qualquer, e em algum momento da viagem o condutor pediria para ver a passagem, ele não teria nada para mostrar e seria expulso na parada seguinte. E o que aconteceria depois disso? Era um homem usando só uma calça velha e um casaco, com uma roupa de hospital por baixo. Como encontraria o caminho para casa?

Houve um *toc-totoc-toc* na porta da frente e Alfie se levantou em um salto. Ouviu Margie se dirigir para a porta e abri-la; vozes subiram pela escada, passaram por baixo da porta e entraram no quarto. Ele saiu para o corredor do segundo andar e escutou.

— Bill — disse Margie.

— Desculpe incomodar, Margie, minha menina — respondeu o velho Bill Hemperton. — Provavelmente não é nada, mas achei melhor vir falar com você.

— Venha para a sala — ela disse. — Vovó Summerfield também está aqui.

Eles desapareceram na sala e fecharam a porta; Alfie não conseguia mais ouvir. Ficou ali parado, mordendo o lábio, na dúvida se deveria descer. Só havia um motivo para o velho Bill Hemperton fazer uma visita naquele momento — o mesmo motivo da visita anterior.

Por um segundo, Alfie pensou que talvez fosse melhor fazer a mala — pegar

roupas, a caixa de engraxar, o dinheiro que tinha sobrado na gaveta de meias e sua cópia de *Robinson Crusoe* — e fugir. Ele poderia voltar para a King's Cross e pegar um trem para algum lugar, *qualquer* lugar, e começar uma vida nova. Afinal, além da caixa de engraxar, do que mais ele precisava? “Está aí um jeito bom e honesto de ganhar a vida”, Georgie tinha dito.

— *Alfie!*

A porta da sala foi aberta e Margie rugiu lá para cima. Ele voltou apressado para o quarto e fechou a porta.

— *Alfie!* — ela esbravejou outra vez. — *Desça agora.*

Não havia nada que ele pudesse fazer. Abriu a porta e desceu devagar, entrando na sala, onde Margie estava sentada, pálida de preocupação. O velho Bill tinha uma expressão de remorso e vovó Summerfield enxugava as lágrimas com o lenço, dizendo:

— O que mais? O que mais pode acontecer com a gente?

— Desculpe por isso, amigo — disse o velho Bill, dando de ombros. — Mas existem coisas que um homem precisa fazer, essa história toda. Sem ressentimentos, está bem?

Alfie ficou quieto. Apenas olhou para a mãe e esperou que falasse.

— Diga que Bill está enganado — ela pediu, enfim, com a voz um pouco trêmula.

— Sobre o quê?

— Alfie, vou perguntar isso só uma vez. Quem você trouxe para casa esta tarde?

Alfie ficou pensativo e hesitou.

— *Esta* tarde? — ele perguntou, como se trouxesse pessoas para casa com muita frequência, mas não tivesse certeza de quem tinha sido daquela vez.

— Alfie!

— Ninguém — ele respondeu apressado. — Não veio ninguém para cá. Só eu.

— Não foi o que Bill disse.

— Ele tem mais de cem anos. Está ficando louco.

— Essa doeu! — disse o velho Bill, sacudindo a cabeça e rindo.

— Alfie, o seu pai esteve aqui? Diga a verdade.

Alfie engoliu em seco e sentiu que estava à beira das lágrimas. Ele murmurou alguma coisa e Margie deu um passo tão rápido para a frente que o menino recuou, assustado.

— O que você disse? — ela perguntou, levantando a voz.

— *Você falou que ele estava numa missão secreta para o governo!* — rugiu Alfie. — Foi o que me disse. Mas ele não estava! Ele estava no hospital. E você não me deixou ir lá.

— Ah, Alfie — respondeu Margie, baixinho, afundando na poltrona quebrada na frente da lareira. — O que foi que você fez?

— Eu não fiz nada.

— Então *era* ele — interveio o velho Bill. — Eu sabia que era. Posso estar velho, Alfie Summerfield, mas conheço seu pai desde que ele era do tamanho de uma formiga e vi que era ele passando na minha janela.

— Como ele estava? — perguntou Margie.

— Ora, eu não sei — disse Bill, dando de ombros. — Só o vi através da cortina. Não tenho como saber.

— Onde ele está, Alfie? — perguntou Margie. — Me diga! Espere um pouco... Ele está lá em cima? Está, não está? Você o escondeu no seu quarto! Georgie! — ela berrou, saltando da poltrona e correndo para a escada, que subiu de dois em dois degraus, coisa que Alfie nunca tinha visto sua mãe fazer. — Georgie, você está aqui?

Ela entrou correndo no quarto de Alfie e ele ouviu quando a mãe escancarou o guarda-roupa e se jogou no chão para ver embaixo da cama. Nesse instante houve outra batida à porta, e Alfie se virou, tomado por uma sensação de alívio. Era ele — só podia ser ele. Seu pai estava a salvo. Tinha voltado para casa. Ele pôs a mão na maçaneta e abriu; por um momento, não conseguiu acreditar nos próprios olhos.

Não era Georgie Summerfield à porta.

Era o dr. Ridgewell.

— Você! — disse Alfie, espantado.

O médico estreitou os olhos e franziu o cenho, como se reconhecesse vagamente o menino, sem conseguir se lembrar de onde.

— Aqui é o número 12, não é? — ele perguntou. — Residência dos Summerfield?

— Sim — respondeu Alfie, a palavra engasgando na garganta.

— Sua mãe está?

— Alfie, quem é?

Margie desceu as escadas e abriu a porta mais um pouco, olhando sem acreditar para a pessoa na entrada.

— Sra. Summerfield? — perguntou o dr. Ridgewell.

— Sim.

— Posso entrar? Sou Max Ridgewell. Médico do East Suffolk.

— Já nos conhecemos — disse Margie. — Nos vimos pelo menos meia dúzia de vezes.

— É mesmo?

— Sim.

O dr. Ridgewell sacudiu a cabeça e teve o decoro de parecer constrangido.

— Desculpe, sra. Summerfield. São tantas pessoas, espero que a senhora entenda. Esposas, mães. Nem sempre consigo me lembrar de todo mundo.

— Entre — pediu Margie, abrindo a porta e o conduzindo para a sala. — Estes são minha sogra e meu vizinho, o sr. Hemperton.

— Boa tarde — disse o dr. Ridgewell. — Mas talvez seja melhor conversarmos em particular, sra. Summerfield. Há certos assuntos que...

— Qualquer coisa que o senhor tenha para me dizer pode falar na frente dessas pessoas — interrompeu Margie, com um gesto de mão que ao mesmo tempo acolheu e menosprezou a presença deles. — Vocês encontraram ele?

O dr. Ridgewell hesitou e pareceu surpreso.

— Então a senhora sabe que ele desapareceu?

— Deduzi. Bill pensou ter visto ele mais cedo. E aquele ali, o Alfie — ela indicou o filho com um movimento da cabeça —, parece que tem alguma coisa a ver com a história. Mas ainda não admitiu nada. Não é, Alfie?

O dr. Ridgewell levantou um dedo comprido e ossudo.

— Eu conheço você, não conheço? — ele perguntou.

— Não.

— Sim, eu conheço você. De onde? Seu rosto não me é estranho. — Ele sacudiu a cabeça ao pensar no assunto. — Espere um pouco — disse, depois de um tempo. — Você não é... Você é o menino engraxate!

— O menino o quê? — perguntou Margie.

— Da King's Cross. É você, não é?

— Não — disse Alfie, desviando o rosto.

— É, sim!

— Alfie, do que ele está falando? — perguntou Margie. — Engraxate? Você não... O cheiro de graxa! — ela entendeu, sacudindo a cabeça. — No seu quarto. Estou sempre comentando sobre isso.

— Está bem, eu engraxo sapatos na estação — admitiu Alfie. — Mas só para nos ajudar. Para ajudar *você*. Coloco dinheiro na sua bolsa. Você faz lavanderia para fora! Faz costura! Estou fazendo minha parte, como todo mundo.

— Engraxate — repetiu a vovó Summerfield, colocando as mãos no rosto, completamente estarecida. — Chegamos a este nível? O que foi que nos tornamos?

— Por favor, podemos deixar isso de lado por enquanto? — interveio o dr. Ridgewell. — Estou aqui por causa do seu marido, sra. Summerfield. A senhora entende que ele está desaparecido? Ele não está mais no hospital. E há relatos de um menino nas redondezas.

— Alfie, onde ele está? — implorou Margie, segurando-o pelos ombros. — Diga! Ele não está bem. Você entende? Seu pai não está bem! Onde você...?

— Eu não sei! — berrou Alfie, agora caindo no choro. — Eu perdi ele.

— Você *perdeu* ele?

— Papai estava comigo na estação. Fui comprar cigarros para ele, e foi quando desapareceu. Ouvi um barulho. Um monte de portas batendo. Acho que ele ficou com medo e...

— Ele não suporta barulhos altos — explicou o dr. Ridgewell. — A maioria deles não suporta. É por causa de todos os bombardeios que vivenciaram. Foi devastador para o sistema nervoso. É por isso que tentamos manter o hospital como um lugar de paz e tranquilidade. É por isso que não permitimos a visita de crianças.

— Eu não sabia que o menino ia para lá! — retrucou Margie. — Se soubesse, nunca teria permitido. De qualquer forma, precisamos procurar Georgie. Ele está em algum lugar por aí. Pode se machucar. Bill, o que acha de nós dois...?

Na mesma hora, mais alguém bateu à porta e todos se viraram.

— Eu atendo — disse vovó Summerfield, levantando-se. Ela abriu a porta da frente e no mesmo instante a fechou com força. Então voltou para a sala.

— Quem era? — perguntou Margie.

— Ninguém — respondeu vovó Summerfield. — O que o senhor dizia, doutor?

— Não pode ter sido ninguém! — exaltou-se Margie e, antes que o dr. Ridgewell pudesse continuar, houve mais uma batida à porta.

— Ignorem! — disse vovó Summerfield.

— Não vou ignorar coisa nenhuma — respondeu Margie, batendo o pé ao sair da sala, o rosto vermelho de raiva. Ela abriu a porta e ali estava Joe Patience, o objeitor do número 16.

— Joe — disse Margie, com um suspiro. — Agora não é um bom momento.

— Ele está no sofá da minha sala — respondeu Joe.

— Não deixe esse homem entrar em casa! — berrou vovó Summerfield, aparecendo de supetão e encarando Joe Patience como se ele fosse o diabo em pessoa. — Feche a porta na cara dele, Margie!

— Sra. Summerfield... — disse Joe.

— Não me venha com “sra. Summerfield”! — ela esbravejou, avançando na direção dele. — Depois de tudo que fiz por você, Joe Patience! Depois de tudo que fiz! Como você me agradece? Meu filho vai para a guerra e você...

— Eu não tinha como ir!

— Porque você é um covarde!

— Porque me recuso a machucar as pessoas! Como *eu* fui machucado!

— Covarde!

— Quieta! — rugiu Margie, olhando para a sogra como se fosse arrancar seus dois braços. — Joe, o que foi que você disse?

— Ele está no sofá da minha sala — repetiu Joe.

— Quem? — perguntou vovó Summerfield.

— Seu filho — respondeu Joe. — Seu marido — ele acrescentou, olhando para Margie. — Seu pai — ele completou, olhando para Alfie, que agora estava atrás da mãe e da avó. — Ele está sentado no sofá da minha sala.

Por um instante, ninguém se mexeu. Então Margie saiu correndo. Ela empurrou Joe para passar e disparou na direção do número 16, que estava com a porta destrancada.

— O que você fez? — perguntou vovó Summerfield, agora confusa, a voz cheia de espanto.

— Eu não fiz nada — disse Joe. — Alfie trouxe ele para casa, não foi, Alfie?

Vovó Summerfield se virou para encarar o neto, ao mesmo tempo que o velho Bill Hemperton e o dr. Ridgewell vinham para o hall.

— Eu queria salvar meu pai — respondeu Alfie. — Só isso. Vocês não sabem como é lá.

— Alfie foi me visitar — explicou Joe, olhando para vovó Summerfield. — Ele me contou o que queria fazer. Talvez eu devesse ter dito para a senhora. Ou para Margie. Mas não achei que ele fosse mesmo fazer. Então, vi os dois. E fiquei na dúvida de qual seria a melhor maneira de agir. Eu não podia vir aqui, Georgie não

parecia bem. A senhora entende, não entende? Achei que, se eu viesse para cá, poderia causar mais problemas do que ajudar. Por isso, esperei. Segui os dois. Alfie levou o pai para a King's Cross. Fiquei observando. E, quando ele correu, eu corri atrás. Alcancei ele. Eu o levei para tomar alguma coisa, Elsie. E nós conversamos. Como antigamente. Aí, eu trouxe ele para casa. — Joe suspirou. — Acho que ele vai ficar bem, sabe? Se todos nós ajudarmos.

Houve um longo silêncio e o rosto da vovó Summerfield suavizou.

— Você correu atrás dele — ela disse baixinho.

— Claro que sim — respondeu Joe, quase sem voz. — Depois de tudo que a senhora fez por mim? Ele é meu amigo mais antigo. É claro que corri atrás dele.

Vovó Summerfield desviou o olhar. Ela hesitou por alguns instantes e então levantou a mão e tocou o rosto de Joe, passando o dedo nas marcas de queimaduras que separavam o cabelo da testa.

— Joe — ela disse. Nada mais.

— Desculpem — interveio o dr. Ridgewell, dando um passo adiante. — Mas preciso vê-lo.

— Sim, claro — disse Joe Patience, seguindo para fora. Vovó Summerfield o seguiu, enganchando o braço no dele. — Ele está ali. Venham todos.

Joe, o dr. Ridgewell, vovó Summerfield, Alfie e o velho Bill Hemperton caminharam a passos rápidos para o número 16 e entraram de uma vez. Encontraram Margie e Georgie sentados no sofá, abraçados, a cabeça de um apoiada no ombro do outro.

— Georgie! — berrou vovó Summerfield, correndo até eles e os envolvendo em um abraço.

— Me ajudem — sussurrou Georgie, olhando para a mãe e a esposa. — Me ajudem. Por favor. Alguém me ajude. Minha cabeça...

— Você está bem, Georgie, meu rapaz? — perguntou o velho Bill Hemperton, inclinando-se para a frente.

— Sr. Summerfield, sou eu, o dr. Ridgewell.

— Pai!

Alfie se esforçou para passar e grudou no pai, segurando-o pela cintura em um abraço e empurrando as outras pessoas para os lados. Logo depois, um grande ruído cresceu nas ruas e todo mundo, exceto Alfie e Georgie, virou a cabeça para olhar pela janela.

— O que...? — perguntou o velho Bill Hemperton, vendo as portas se abrindo e as pessoas das casas no outro lado da rua saindo, chorando e abraçando umas às outras. — O que está acontecendo lá fora?

— Fiquem aqui — disse Margie, abrindo a porta da frente; na mesma hora, Helena Morris, do número 18, e a sra. Tamorin, do 20, passaram correndo. — O que está acontecendo? — gritou Margie. — O que é tudo isso? Por que tanta agitação?

— Terminou! — disse a sra. Tamorin. — Você não ficou sabendo? A guerra terminou. Nós vencemos!

No sofá, os olhos de Georgie se fecharam com força e lágrimas começaram a descer por seu rosto enquanto ele envolvia ainda mais o filho com os braços, segurando-o em um abraço apertado.

A guerra finalmente tinha acabado.

E ainda faltavam seis semanas para o Natal.

Kalena Janáček olhou para dentro da sala de casa, no número 6 da rua Damley, e viu seu pai sentado numa poltrona, com um jornal cobrindo o chão. À esquerda dele estava uma caixa de engraxar aberta, feita de mogno marrom-escuro, cujo comprimento era o dobro da largura, com um fecho dourado entre a base e a tampa. Entalhados na lateral estavam a palavra *Holz knecht* e um emblema que mostrava uma águia com olhos ferozes e ameaçadores sobrevoando uma montanha.

O sr. Janáček engraxava os sapatos.

— Você pegou o presente? — ela perguntou, e seu pai fez que sim, apontando para a mesa, sobre a qual estava uma cópia de *Grandes esperanças*, de Charles Dickens. Era julho de 1922, quase quatro anos depois do fim da guerra e aniversário de treze anos de Alfie Summerfield.

— É melhor irmos — disse o sr. Janáček, calçando os sapatos e se levantando. Ele pegou a bengala que tinha comprado assim que voltava da Ilha de Man e que o ajudava a ir e vir entre o número 6 e a loja de doces. Sua perna não tinha problema algum antes de eles serem levados, claro; aquilo aconteceu durante o isolamento. — Vamos dar a notícia hoje ou é melhor esperar? — ele perguntou. (*Famos darr a notícia hochi ou é melhor esperrar?*)

— Hoje não — respondeu Kalena, sacudindo a cabeça. — Vamos esperar até depois do aniversário de Alfie. Contamos amanhã.

— Está bem. Mas acho que devo tirar a placa — ele disse enquanto saíam de casa, olhando para a loja de doces mais adiante na rua, que tinha um anúncio de À VENDA desde 1919, quando ele e a filha foram devolvidos a Londres, como encomendas retornadas ao remetente. Os vizinhos acharam que era só para chamar atenção, que os Janáček nunca iriam embora de verdade, mas os dois tinham combinado que abandonariam Londres e nunca mais voltariam. O tempo que passaram ali desde então foi só até conseguirem vender a loja.

— E, afinal, quando vamos embora? — perguntou Kalena.

— Vai demorar duas semanas até a papelada ficar pronta. Se tudo der certo, voltaremos a Praga até o fim do mês. E, na minha opinião, quanto mais rápido chegar esse dia, melhor.

— O senhor não vai sentir nenhuma falta de Londres? — ela perguntou, enganchando o braço no dele, e o pai fez que não com a cabeça.

— Por que sentiria? Não é meu lar. Nunca foi. Achei que fosse, mas me enganei. Se eu nunca mais pisar em Londres, serei mais feliz. Você também se sente assim, não?

Kalena hesitou. Ela queria ir embora, claro. Tinha nascido naquele país, mas fora tratada como uma intrusa, e nunca poderia perdoá-los por isso. Ainda assim, lembrava-se de ter sido feliz antes da guerra, de ter muitos amigos — e o melhor de todos era Alfie.

— Você consegue acreditar que hoje faz oito anos que estávamos nessa mesma casa, lamentando o início da guerra? — perguntou o sr. Janáček, batendo na porta da frente dos Summerfield. — Parece que faz um século, não parece? Agora nada é como foi antes. (*Agorra nada é como foi antz.*) Para mim, tudo parece uma ilusão. Eu não fiz nada de errado, e essas pessoas me destruíram. Vamos voltar para Praga, eu e você. Lá, estaremos seguros.

Na cozinha do número 11, vovó Summerfield encostou o dedo no pão de ló que tinha assado de manhã. Já estava frio. Ela abriu a geladeira e pegou a cobertura que fizera mais cedo. Farinha, açúcar, leite, creme de leite; ainda lhe parecia estranho ter acesso tão fácil àquelas coisas depois de tantos anos sem conseguir encontrá-las. Não que os itens estivessem disponíveis em qualquer lugar, claro. Você precisava saber onde procurar e manter uma boa relação com alguns dos vendedores. Ainda assim, as coisas estavam muito melhores agora do que durante a guerra. Tudo estava voltando ao normal. Diziam que aquela tinha sido a guerra para acabar com todas as guerras, que nunca mais se veria uma coisa assim.

Ela sempre gostara de cozinhar e uma de suas maiores tristezas durante aqueles anos foi a impossibilidade de preparar seus pratos favoritos e compartilhá-los com as pessoas que amava. Lembrou-se de quando era menina e cozinhou pela primeira vez — que aventura tinha sido! Agora ela cozinhou mais do que nunca, mesmo idosa. Margie não tinha muito tempo para essas coisas, com todas as mudanças que aconteceram do outro lado da rua, no número 12, mas ela não se importava; gostava

de ajudar.

Vovó Summerfield se sentou, certa de que tinha deixado tudo pronto para a festa, e se acomodou na poltrona para tirar uma soneca, no mesmo instante em que o velho Bill Hemperton, do outro lado da rua, ligou o gramofone e os primeiros acordes melancólicos de um novo disco começaram a flutuar pela rua. Antigamente, claro, ela teria disparado como uma flecha para bater à porta dele e mandar que baixasse o volume daquela barulheira, mas ela já não fazia mais isso. A vida era curta demais.

Além do mais, ela gostava daquela música.

Margie olhou o relógio de pulso e se surpreendeu. Ela queria terminar o expediente no hospital até a hora do almoço para poder preparar a festa de Alfie sem pressa, mas já era quase uma hora da tarde e não havia sinal de que iria embora tão cedo.

— Enfermeira Summerfield?

Ela se virou e viu a enfermeira-chefe andando em sua direção, os braços roçando no uniforme enquanto caminhava.

— Pois não, senhora?

— Sei que queria ir para casa cedo hoje, mas será que pode ficar um pouquinho mais?

Margie fez que não com a cabeça.

— Não posso. Eu ficaria, se fosse possível, mas é o aniversário do meu filho. Prometi que estaria em casa.

— Claro, claro — respondeu a enfermeira-chefe, franzindo de leve o rosto. — Eu não pediria para você ficar, mas...

Margie suspirou. Já fazia cinco anos que trabalhava no hospital e, às vezes, mal conseguia acreditar que não tinha ido embora depois da guerra — mas, na verdade, ela nunca tinha pensado em parar. Considerava o trabalho interessante e gostava de ajudar as pessoas. Além disso, as coisas agora eram diferentes. Não eram mais como antes, quando uma mulher casada trabalhando era vista com maus olhos. Tudo estava começando a mudar para melhor.

— O que aconteceu? — ela perguntou.

— É só um rapaz que foi internado — explicou a enfermeira-chefe. — Ele está muito mal, o pobrezinho. Parece que teve uma noite ruim e se precipitou. Ele vai sobreviver, isso é certo, mas ainda estamos esperando os pais. Achei que você

talvez pudesse ficar com ele um tempinho.

— Quantos anos ele tem? — perguntou Margie baixinho.

— Acho que uns vinte e sete.

Margie meneou a cabeça. Ela sabia o que isso significava.

— Onde ele está?

— Na ala St. Agatha. Cama 3. Conversei com o pai dele, que deve chegar em meia hora. Pode ir embora quando ele chegar. Você não se importa, não é?

Margie sorriu e fez que não.

— Não. Não, não me importo.

Ela foi até a ala St. Agatha e entrou. Não foi difícil ver a cama à qual a enfermeira-chefe tinha se referido. O rapaz estava deitado de lado, lágrimas correndo pelo rosto. Quando viu Margie se aproximando, tirou os braços de vista, escondendo-os sob o cobertor, mas não antes de ela vislumbrar as bandagens enroladas nos pulsos. Ela puxou uma cadeira para perto e conferiu o nome acima da cama — Cecil Cratchley — antes de sorrir para ele e pousar a mão em seu ombro.

— Olá, Cecil — ela disse.

O rapaz piscou algumas vezes, mas não respondeu.

— Eu sou a enfermeira Summerfield — ela continuou. — Vou me sentar com você um pouquinho, está bem? Acho que seus pais estão a caminho. Nós aqui do hospital, sua mãe e seu pai vamos cuidar muito bem de você, viu? Vamos resolver tudo. E, antes que você se dê conta, vai estar melhor outra vez. Está me ouvindo, Cecil? Você vai ficar melhor e, no futuro, vai pensar nesses dias difíceis e não vai nem lembrar por que estava tão triste. Tudo vai ficar bem, Cecil.

E, de alguma maneira, o rapaz pareceu acreditar nela, pois olhou em seus olhos e abriu um pequeno sorriso. Margie sorriu de volta. Ela era boa nisso. A verdade era que ela tinha enfim encontrado uma coisa em que era boa.

O sr. Asquith trotou alegremente pelo beco Damley (agora uma rua sem saída), agitando o rabo de vez em quando para espantar as moscas. Ele não gostava de ficar preso a uma carroça de leite, mas assim era a vida: você fazia o que precisava fazer. Pelo menos, aquele palhaço do Henry Lyons tinha sido mandado para outro lugar e seu amigo, seu verdadeiro mestre — por onde ele tinha andado? —, estava de volta às rédeas. Havia maneiras piores de ganhar a vida, pensava o sr. Asquith.

Os últimos latões de leite foram entregues no beco Damley logo depois da uma da

tarde; agora que a carroça estava vazia, Georgie Summerfield começou o trajeto de volta à leiteria, acendendo um cigarro com uma careta discreta no rosto.

— Sabe, estou pensando em largar este troço. Não deve fazer bem, né?

Alfie deu de ombros. Agora ele fazia aquilo com muita frequência — dava de ombros. Margie dizia que era por causa da idade. Georgie não se importava. Ele sabia que seu filho estava ficando mais velho. Se aquilo fosse a pior parte, não era nada ruim.

— Você se lembra de quando implorava para vir na carroça de leite comigo, filho? — ele perguntou e Alfie sorriu, pois era uma boa lembrança.

— E você nunca deixava — ele respondeu.

— Ora, você era novo demais — disse Georgie. — Eu teria me metido numa enrascada! Ficariam furiosos na leiteria se descobrissem, e isso nem se compara com o que a sua mãe teria feito. Eu não ousaria, Alfie! Eu não tinha coragem!

Alfie sacudiu a cabeça e olhou para o pai.

— Você tinha coragem — ele respondeu baixinho. — Disso eu tenho certeza.

Georgie concordou com a cabeça. Ele diminuiu a velocidade da carroça e deu um toque na buzina quando Joe Patience saiu da livraria do lado direito da rua. Joe tomou um susto e levantou a cabeça, mas acenou quando viu Georgie e Alfie sentados lado a lado na carroça de leite.

— Ele está se saindo muito bem, apesar de tudo, não é? — disse Georgie, acenando de volta. — Em toda livraria que passo, vejo aquele livro dele na vitrine. Ainda quero comprar um exemplar para ler, mas acho que não conseguiria me concentrar por tanto tempo.

— Posso te emprestar o meu, se você quiser — respondeu Alfie.

— Então você já leu?

— Sim.

— E como é?

Alfie sorriu.

— Tem safadeza — ele disse, o que fez Georgie cair na risada.

— Então talvez eu dê uma lida, afinal — ele respondeu, sacudindo a cabeça. — Mas nem uma palavra sobre isso para sua mãe, ouviu? Aliás, que horas são?

Alfie olhou o relógio.

— Quase uma e meia — ele disse.

— Perfeito — respondeu o pai. — Levamos a carroça de volta, damos um banho

no sr. Asquith e estaremos em casa a tempo de trocar de roupa antes de os convidados chegarem. — Ele assobiou. — Treze anos. Isso faz eu me sentir velho. Não consigo acreditar em como está grande. Está feliz com a festa?

Alfie ficou quieto e Georgie olhou para ele, surpreso.

— Você não está, não é? Posso ver no seu rosto.

— Não é isso — disse Alfie. — Acho que não gosto de aniversários, para ser sincero.

— Como assim? Todo mundo gosta de aniversários!

— Eu não — respondeu Alfie. — Eles me fazem pensar em como era ter cinco anos. E depois seis, sete, oito e nove.

Georgie concordou com a cabeça e conduziu o sr. Asquith para a esquerda.

— Aqueles dias estão no passado, filho — ele disse. — Agora só temos dias promissores à nossa frente. Esses últimos anos foram bons, não foram? Sei que demorei um tempo para... Bom, para melhorar. Mas estou ótimo agora. Dormindo, comendo, trabalhando.

— Você ainda tem pesadelos — respondeu Alfie, baixinho.

— Mas não tanto quanto antes. Estou bem, Alfie, pode acreditar. Você não tem motivo para ficar preocupado. E, repare bem, cá estamos em um belo dia de verão, pai e filho juntos na carroça de leite, como você sempre quis. Não é uma vida ruim, é?

Alfie sorriu e balançou a cabeça.

— Não mesmo. É uma vida muito boa, no geral.

Seguiram em silêncio por alguns minutos, e apenas quando a leiteria estava à vista Georgie falou outra vez.

— Acho que nunca... Acho que nunca agradei você, Alfie, agradei?

— Pelo quê?

— Por ter cumprido sua missão secreta — disse Georgie, com um sorriso. — Por ter ido atrás de mim no hospital e me tirado de lá.

— Não foi muito sensato da minha parte, pensando bem — respondeu Alfie.

— Não, mas no final deu tudo certo. E ver você foi a coisa mais importante do mundo. Ver todo o esforço que você fez para me trazer de volta para casa. Era isso que mantinha todos nós vivos na trincheira, sabia? A ideia de um dia voltar para casa e ver esposa e filhos. Foi você que me manteve vivo, mesmo nos momentos mais difíceis.

Alfie desviou o rosto e observou as casas que passavam à esquerda. Ele não gostava de falar do passado; estava contente por tudo ter ficado para trás e por a vida ter voltado ao normal. Ou a uma versão do normal, pelo menos.

— Eu nunca soube o que você tinha em mente — continuou Georgie. — Tudo de ruim que poderia ter acontecido com você, todos os riscos que correu, todo o trabalho árduo com a caixa de engraxar do sr. Janáček. Todos os sacrifícios que fez. Pegar um trem sozinho, sendo que nunca tinha entrado em um. Ir me encontrar, me trazer para casa, me salvar. Nunca entendi por que você achou que precisava fazer tudo isso.

Ele fez a curva da entrada da leiteria e puxou as rédeas do sr. Asquith, que parou. Estava escuro lá dentro e ele se virou para observar seu filho, seu Alfie, que estava se perguntando se no dia seguinte poderia andar na carroça com o pai de novo.

— Me diga, filho — pediu Georgie. — Por que você se deu a todo esse trabalho?

Alfie se virou também e observou o pai. Abriu a boca para falar, mas as palavras não vieram. Havia tantas memórias na sua cabeça — coisas que às vezes o mantinham acordado de noite, coisas que às vezes lhe davam pesadelos, assim como acontecia com Georgie. A preocupação quando seu pai desapareceu. O fedor do hospital. Os espasmos e tremores dos pacientes. O jeito como falavam, o absurdo de cada frase. Eram coisas que ele nunca esqueceria, que influenciariam o homem que ele se tornaria.

— Por quê, filho? — repetiu Georgie.

Alfie sacudiu a cabeça e desviou o rosto, dando de ombros pela enésima vez naquele dia. Ele não podia contar ao pai a razão. Não ainda. Talvez, quando fosse mais velho, conseguisse dizer as palavras. Ele já sabia quais eram, afinal. O sr. Janáček as tinha dito muito tempo atrás.

Ele tinha feito pela melhor razão do mundo. Por amor.



OLIVER JEFFERS

JOHN BOYNE nasceu em Dublin, em 1971. Já escreveu diversos romances de sucesso para adultos e livros infantojuvenis, como *O menino do pijama listrado*, *Noah foge de casa*, *A coisa terrível que aconteceu com Barnaby Rooker* e *Tormento* (todos publicados pela Companhia das Letras). Suas obras foram traduzidas para mais de quarenta idiomas.

www.johnboyne.com

Copyright © 2013 by John Boyne
Copyright da capa © 2013 by Oliver Jeffers
Todos os direitos mundiais reservados ao proprietário.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Stay Where You Are and Then Leave

Lettering

Aline Temoteo

(inspirado no lettering de Oliver Jeffers)

Preparação

Bárbara Prince

Revisão

Carmen T. S. Costa

Huendel Viana

ISBN 978-85-438-0046-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

Capa

Rosto

- 1 Me dê adeus com sorriso
- 2 Se você fosse o único alemão na trincheira
- 3 Para manter a casa em pé
- 4 Seu rei e sua pátria querem você
- 5 Quando essa guerra idiota terminar
- 6 Por mim e por ela
- 7 Olá, quem é a sua amiga?
- 8 Estamos tristes?
- 9 Ah, que bela guerra!
- 10 Aí vêm os tiros
- 11 Guarde seus problemas na mochila
- 12 Quero voltar para casa
- 13 Um caminho longo e tortuoso
- 14 À boa e velha pátria

Sobre o autor

Créditos